

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

EDNILSON BARBOSA DE OLIVEIRA

Condições e subjetividades docentes no Ensino Superior privado em Maringá/PR:
perspectivas em histórias de vida

Maringá
2021

EDNILSON BARBOSA DE OLIVEIRA

**Condições e subjetividades docentes no Ensino Superior privado em
Maringá/PR: perspectivas em histórias de vida**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Área de concentração: Sociedade e Práticas Culturais.

Orientador: Prof^o Dr. Fagner Carniel

Coorientadora: Prof^a. Dr.^a Meire Mathias

Maringá
2021

Dados Internacionais de Catalogação-na-
Publicação (CIP) (Biblioteca Central -
UEM, Maringá - PR, Brasil)

O48c

Oliveira, Ednilson Barbosa de

Condições e subjetividades docentes no Ensino Superior privado em Maringá/PR:
perspectivas em histórias de vida / Ednilson Barbosa de Oliveira. -- Maringá, PR, 2021.

105 f.color., tabs.

Orientador: Prof. Dr. Fagner Carniel.

Coorientadora: Profa. Dra. Meire Mathias .

Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências
Humanas, Letras e Artes, Departamento de Ciências Sociais, Programa de Pós-
Graduação em Ciências Sociais, 2021.

CDD 23.ed. 306.4

EDNILSON BARBOSA DE OLIVEIRA

**Condições e subjetividades docentes no ensino superior privado em
Maringá/PR: perspectivas em histórias de vida**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais pela Comissão Julgadora composta pelos membros:

COMISSÃO JULGADORA



Prof. Dr. Fagner Carniel
Universidade Estadual de Maringá (Presidente)



Prof.ª Dr.ª Meire Mathias
Universidade Estadual de Maringá (Coorientadora)



Prof.ª Dr.ª Angela Maria de Sousa Lima
Universidade Estadual de Londrina - UEL



Prof. Dr. Alexandre Jeronimo Correia Lima
Universidade Federal do Ceará - UFC

Aprovada em 25 de maio de 2021

Realizada por videoconferência conforme Resolução nº 026/2020 – PGC

DEDICATÓRIA

*À minha esposa Milene, minha inspiração,
que através de seu olhar, gestos e compreensão,
incentivou-me desde o início a acreditar neste sonho.
Te amo!*

*Às minhas filhas, Maria Clara e Maria Julia.
Papai ama muito vocês!*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por tantos motivos que Ele tem me dado, para acreditar que Suas mãos têm me conduzido, inclusive nos caminhos que trilhei até chegar aqui, na conclusão desta dissertação. Tua graça me basta, Teu amor me sustenta, Senhor.

Ao concluir este trabalho, recordo de momentos pelos quais eu passei, e que faço questão de guardá-los. Entrar no programa de mestrado em Ciências sociais foi uma grande oportunidade que tive, de contato com professores e colegas pesquisadores, mas também, pela maior aproximação que pude ter com a pesquisa. Desta forma, não posso deixar de agradecer de coração a todos do programa, que de uma forma ou de outra me ajudaram em muitos momentos de minha trajetória. À Professora Doutora Meire Mathias, coordenadora do programa e minha coorientadora. Ao Júnior, da secretaria do programa, sempre atencioso e prestativo, e aos demais professores, pela oportunidade de conhecê-los e pelos conhecimentos compartilhados. Muito obrigado!

Dedico também um especial agradecimento ao meu orientador, Professor Doutor Fagner Carniel, cujas recomendações foram valiosas na condução da minha pesquisa. Obrigado Professor, pelos apontamentos dados, indicando os próximos passos que eu deveria seguir. Sua tranquilidade e sabedoria na condução desse processo me ajudaram a superar os momentos difíceis, em que tive de pensar e repensar minha pesquisa. Agradeço a oportunidade de conhecê-lo, e pelos ensinamentos nesse tempo que estive no mestrado.

Um especial agradecimento à Professora Doutora Angela Maria de Sousa Lima, da Universidade Estadual de Londrina (UEL), e ao Professor Doutor Alexandre Jeronimo Correia Lima, da Universidade Federal do Ceará (UFC). Suas sugestões dadas na minha qualificação foram fundamentais para eu olhar minha pesquisa a partir de perspectivas que eu não havia pensado antes. Muito obrigado Professores.

Agradeço aos Professores que participaram desta pesquisa, com suas histórias e relatos, mostrando suas vidas. Espero que este trabalho tenha contribuído para além da pesquisa – que ele tenha sido um instrumento de voz e vez para vocês professores, atores sociais, no contexto da educação. A vocês, Joana e Pedro, minha gratidão.

À minha esposa Milene, por seu carinho e apoio em todos os momentos. Obrigado pelo incentivo, por acreditar em mim, e pela paciência em meus momentos de ausência. Te amo! Às minhas filhas Maria Clara (Tatá) e Maria Julia (Juju), meu tesouro, minha vida! Quanto amor,

paciência e carinho recebi de vocês durante esse tempo especial, dedicado a este trabalho. Amo vocês!

Com carinho e amor, à minha mãe Maria, pelo apoio. A história da sua vida é um exemplo para mim, de amor dedicado à família, no cuidado e preocupação com os filhos. Dedico este trabalho também ao meu pai Manoel (*in memoriam*). À minha sogra Lucilene, pelo incentivo e apoio durante esse tempo do mestrado. Ao meu sogro Valdomiro (*in memoriam*). Aos meus irmãos Eudes, Edna e Edmar, e aos meus cunhados Guilherme e Rafaela - Obrigado a todos pelo carinho e incentivo nesse percurso.

Condições e subjetividades docentes no Ensino Superior privado em Maringá/PR: perspectivas em histórias de vida

RESUMO

A educação tem passado por um processo de reordenação em nível global, envolvendo questões como a privatização e expansão do ensino. Apesar do tema amplo que se constitui a educação, o escopo desta pesquisa está voltado para o ensino superior privado. Os desdobramentos nesse campo têm produzido reflexos, não só na educação, mas também no trabalho e carreira do professor que atua nessa área. O debate nesta dissertação trata de questões vinculadas a esse contexto, passando por temas como flexibilização do trabalho docente, educação a distância e subjetividade docente. A abordagem teórica entorno dessas questões, teve amparo nas considerações de autores como Stephen Ball, professor do Instituto de educação da Universidade de Londres. A partir de suas proposições foi possível apresentar uma perspectiva global sobre o momento atual pelo qual a educação tem passado. Outros autores somaram-se para pensarmos esses temas, porém numa perspectiva do contexto brasileiro da educação. Entre eles, fizemos uso das proposições de Deise Mancebo, professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), cujas contribuições ajudaram na introdução das questões apontadas neste resumo, voltadas principalmente para o ensino superior. O uso de dados, vinculados ao último Censo do ensino superior (INEP 2017), foi também, um importante recurso para consolidar a análise de elementos envolvidos no contexto dessa categoria de ensino. Desta forma, esta pesquisa teve como objetivo principal, conhecer a perspectiva docente sobre seu trabalho e carreira nesse contexto apresentado. Para uma melhor compreensão e aprofundamento do tema, a presente pesquisa foi delimitada ao campo maringaense do ensino superior. Outro importante recurso que contribuiu para viabilizar esta pesquisa, foi o método Histórias de vida, mediado por entrevistas não estruturadas. Através dele foi possível conhecer a perspectiva docente sobre seu trabalho no ensino superior. O método é apresentado neste trabalho a partir de textos produzidos nesse campo do conhecimento, por autores como Belmira Oliveira Bueno, que é professora de educação da Universidade de São Paulo (USP). Os resultados obtidos, foram possíveis, considerando principalmente a importante contribuição dada pelos profissionais da educação que participaram da pesquisa - relatando um pouco de suas histórias de vida, e de suas trajetórias no ensino superior. Os tempos de estudo, desde os anos no ensino fundamental, chegando ao ingresso e conclusão do ensino superior, são momentos marcados nas falas dos personagens. Outro momento importante nessas narrativas, conta sobre o ingresso desses profissionais na carreira docente, onde foi possível notar suas primeiras impressões sobre as dinâmicas envolvidas no ofício de professor. A partir desses relatos, percebemos um profissional consciente de sua realidade, e ao mesmo tempo, vista por ele como precarizada - frente aos tempos vividos, que tem imposto mudanças em sua forma de trabalhar, no modo de ser professor e na carreira profissional. O resultado deste trabalho, apresentamos aqui neste texto, onde, o relato de professores constituiu-se o centro de nossa reflexão.

Palavras-chave: Histórias de vida. Ensino superior. Trabalho docente. Subjetividade docente.

Teaching conditions and subjectivities in private higher education in Maringá/PR: perspectives on life stories

ABSTRACT

Education has been undergoing a process of reorganization at a global level, involving issues such as privatization and expansion of education. Despite the broad theme that constitutes education, the scope of this research is focused on private higher education. The developments in this field have produced reflexes, not only in education, but also in the work and career of the teacher who works in this area. The debate in this dissertation deals with issues related to this context, including themes such as making the teaching work more flexible, distance education and teaching subjectivity. The theoretical approach surrounding these issues was supported by the considerations of authors such as Stephen Ball, professor at the Institute of Education at the University of London. From their propositions it was possible to present a global perspective on the current moment through which education has passed. Other authors joined in to think about these themes, but from a perspective of the Brazilian context of education. Among them, we used the propositions of Deise Mancebo, a professor at the State University of Rio de Janeiro (UERJ), whose contributions helped to introduce the issues highlighted in this summary, mainly focused on higher education. The use of data, linked to the last Higher Education Census (INEP 2017), was also an important resource to consolidate the analysis of elements involved in the context of this teaching category. Thus, this research had as its main objective, to know the teaching perspective about their work and career in this context presented. For a better understanding and deepening of the theme, this research was limited to the Maringá field of higher education. Another important resource that contributed to making this research feasible was the Life Stories method, mediated by unstructured interviews. Through it, it was possible to know the teaching perspective on their work in higher education. The method is presented in this work from texts produced in this field of knowledge, by authors such as Belmira Oliveira Bueno, who is a professor of education at the University of São Paulo (USP). The results obtained were possible, mainly considering the important contribution given by the education professionals who participated in the research - reporting a little about their life stories, and their trajectories in higher education. The periods of study, from the years in elementary school, until entering and completing higher education, are moments marked in the characters' speeches. Another important moment in these narratives tells about the entry of these professionals in the teaching career, where it was possible to notice their first impressions about the dynamics involved in the teaching profession. Based on these reports, we perceive a professional who is aware of his reality, and at the same time, seen by him as precarious - compared to the times experienced, which have imposed changes in his way of working, in the way of being a teacher and in his professional career. The result of this work, we present here in this text, where the teachers' report constituted the center of our reflection.

Keywords: Life stories. University education. Teaching work. Teaching subjectivity.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Total de instituições de acordo com as categorias administrativas	24
Tabela 2 - Docentes por categorias administrativas e regime de trabalho – IES Brasil	25
Tabela 3 - Docentes por categorias administrativas – IES Paraná	26
Tabela 4 - Docentes por grau de formação – IES Brasil	27
Tabela 5 - Docentes por grau de formação – IES Paraná	28

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Alunos matriculados por categoria administrativa (Pública e Privada) – Presencial e a distância	29
Gráfico 2 - Total de funções docentes por organização acadêmica	30
Gráfico 3 - Distribuição de docentes por grau de formação e categoria administrativa	30
Gráfico 4 - Totais de funções docentes nas instituições privadas, entre 2009 e 2017	31

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 UM CONTEXTO PARA PENSAR O ENSINO SUPERIOR	19
1.1 UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE TRABALHO	20
1.2 O CAMPO EDUCACIONAL SOB A INFLUÊNCIA MERCANTILISTA	21
1.2.1 O contexto brasileiro de expansão do ensino superior	23
1.3 O PROFESSOR NO CAMPO BRASILEIRO DO ENSINO SUPERIOR	25
1.3.1 O campo maringense do ensino superior	28
1.3.2 A educação sob influência, e os desdobramentos na prática docente	33
1.3.3 EAD: contribuições para a expansão do ensino e implicações na atividade docente	35
1.4 FLEXIBILIZAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE	36
1.5 SOBRE A SUBJETIVIDADE DOCENTE	39
2 O RECURSO METODOLÓGICO HISTÓRIAS DE VIDA	43
2.1 PERSONAGENS DA EDUCAÇÃO E SUAS HISTÓRIAS DE VIDA	46
2.1.1 Os relatos de Joana: das memórias da escola ao ingresso no ensino superior	50
2.1.1.1 <i>Finalmente, aluna do ensino superior: o ingresso de Joana na faculdade</i>	55
2.1.1.2 <i>Da graduação à pós-graduação: a trajetória de Joana</i>	57
2.1.2 Narrativas de Pedro: dos tempos de colégio em São Paulo à formação superior em Maringá	59
2.1.2.1 <i>Do ensino fundamental à adaptação no ensino médio</i>	61
2.1.2.2 <i>As escolhas de Pedro e a mudança para Maringá</i>	66
3 NARRATIVA E PERSPECTIVA DOCENTE SOBRE TRABALHO E CARREIRA NO ENSINO SUPERIOR	68
3.1 DOCÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR: O INGRESSO DE JOANA	68
3.2 TRABALHO E CARREIRA DOCENTE: RELATOS E PERCEPÇÕES DE JOANA	69
3.2.1 Educação a distância e a perspectiva docente	71

3.2.2 Flexibilização do trabalho docente: o olhar de Joana	73
3.2.3 Subjetividade e docência, de Joana	75
3.2.4 O futuro e a educação, sob a perspectiva de Joana	77
3.3 PROFESSOR PEDRO: COMO TUDO COMEÇOU	78
3.4 TRABALHO DOCENTE: CONSIDERAÇÕES INICIAIS DE PEDRO	80
3.4.1 Educação a distância: como o professor Pedro a percebe	84
3.4.2 Flexibilização do trabalho docente: o olhar de Pedro	87
3.4.3 A subjetividade de Pedro na docência	89
3.4.4 Percepções do presente e um olhar para o futuro	92
CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
REFERÊNCIAS	103

INTRODUÇÃO

A educação está em meio a um processo de reordenação em nível global, envolvendo questões relacionadas à privatização e expansão do ensino. Os impactos disso tudo têm pesado, não só para a própria educação, mas para o professor. A abordagem deste texto percorre o campo educacional do nível superior de ensino, buscando nos aproximar da figura do professor. Os temas propostos para se pensar o sujeito-professor, mais especificamente seu trabalho e carreira, estão vinculados ao processo de apropriação sobre a educação, orquestrado pelo capitalismo - que por sua vez, tem visto na educação a última fronteira para possibilidades de ganhos. E o que surge disso, são implicações diretas, não só para a educação, mas sobretudo, para a carreira e o trabalho docente. Assim, pensar esses temas constitui uma demanda importante, pois tanto a educação quanto o professor, estão na esteira de um processo de precarização. Essa discussão considera como ponto de partida um olhar para o cenário global, a partir do qual é possível observar um movimento de reformas educacionais, e cujas características e tendências assemelham-se às que vêm ocorrendo no Brasil. O sociólogo britânico Stephen Ball, reforça a discussão sobre esse tema ao indicar elementos que demonstram a ocorrência desse processo, como a flexibilização da força de trabalho no ensino, entre outros aspectos, que têm impactado sobremaneira o profissionalismo docente. Mancebo (2015) contribui nessa mesma linha, pois traz à discussão temas relacionados a esse movimento. Segundo a autora, a partir de um contexto global temos o avanço de políticas neoliberais. Um processo de mundialização econômica, que sinaliza para a privatização da educação superior. Esse processo vem se desdobrando em severas consequências, tanto para a formação docente, quanto para a produção de conhecimento e para o próprio trabalho docente. Mancebo propõem também um olhar para o campo brasileiro, pois segundo ela:

No Brasil, a educação superior não escapou dessa reordenação mais geral, de que os sistemas educacionais foram submetidos a profundos processos de privatização, com a expansão da educação superior pela via privada, e a introdução, nas instituições públicas, de uma tendência – cada vez mais predominante – de mercantilização do trabalho docente (MANCEBO, 2010).

Em suas proposições, a autora considera que os impactos gerados por esse processo de reordenação, sinalizam também para o campo brasileiro do ensino superior. Trata-se de um movimento de privatização do ensino, que ocorre a partir de duas frentes. A primeira delas no próprio contexto do sistema público de ensino, a partir da introdução de modelos de gestão, baseados em práticas de mercado. Sobre isso, Ball ressalta que, com frequência as políticas sociais e educacionais estão sendo estruturadas e legitimadas, de forma a atender à

competitividade econômica. E por fim, em uma segunda frente, na qual vem ocorrendo um movimento de expansão do ensino superior, mediado pela iniciativa privada. O processo de privatização do ensino superior ao qual Mancebo (2016) se refere, é possível de ser visto atualmente, dada a grande participação de instituições privadas nesse campo. Dados do último Censo do ensino superior de 2017 contribuem, demonstrando essa participação. No entanto, a partir das proposições de Martins (2009), podemos verificar que esse movimento de expansão remonta desde o ano de 1968, cujo período foi marcado pela reforma do ensino público, implementada pelo governo federal. Tal iniciativa contribuiu sobremaneira para mudanças dentro das universidades federais, principalmente. No entanto, esse esforço não foi suficiente para preencher lacunas em relação à demanda dos estudantes por vagas nessas instituições. Nesse contexto, a iniciativa privada passa a contribuir com a oferta de vagas nessa categoria de ensino.

Apesar de que durante a leitura deste texto seja possível observar abordagens acerca do ensino público, é importante destacar que ele não se constitui o mote central nesta pesquisa. Consideramos que há uma convergência na discussão sobre essas categorias de ensino (público e privado), pois ambas estão dentro de um mesmo cenário, nesse processo de reordenação mencionado por Mancebo. No entanto, o centro de nossa discussão se estabelece a partir do campo privado do ensino superior.

Outro tema importante que permeia essa discussão, diz respeito à Educação a distância (EAD). Esse modelo de ensino tem se constituído como ferramenta, através da qual as instituições de ensino superior têm feito uso para a oferta de vagas em várias regiões brasileiras. Nesse sentido, pensar a educação a distância neste texto leva-nos à compreensão de sua importância no processo de expansão do ensino. Leva-nos também a refletir acerca dos efeitos sobre o trabalho e a carreira docente. Desta forma, pressupomos que o modelo de ensino a distância perpassa as tarefas docentes, com implicações diretas em suas atividades dentro do processo de ensino. Implicações nesse campo podem ser vistas, considerando a própria fragmentação das tarefas do professor, as quais são perceptíveis, quando comparamos tais tarefas realizadas no ensino a distância, com o trabalho docente no modelo presencial. Nesse sentido, trabalhamos com o pressuposto de que no primeiro modelo as tarefas docentes são desempenhadas por mais de um profissional, e no segundo, por somente um profissional. Tanto Belloni (2003), quanto Ball (2013) convergem nessa reflexão. Belloni contribui dizendo que nesse contexto de trabalho, o professor passa a não se ocupar mais de todo o processo de ensino. E Ball, argumenta que essa condição coloca o professor em situação de vulnerabilidade, tornando-o descartável.

Ao longo deste texto vamos apresentar em mais detalhes os elementos centrais da nossa discussão, cuja figura do professor do ensino superior será acionada em vários momentos. Através desses elementos centrais é que vamos cotejando os pontos que nos interessam na reflexão sobre o trabalho docente, no contexto do ensino superior privado.

Subjetividade é um outro elemento desta abordagem - não somente a subjetividade por si, mas a subjetividade do indivíduo-professor. Segundo os autores estudados, o professor constrói sua subjetividade durante sua trajetória de vida. Essa subjetividade soma-se à sua formação e aos conteúdos aprendidos por ele, e se manifestam na prática educacional. Silva et al (2017), dão crédito à importância da subjetividade docente na prática da educação. Segundo elas, as crenças do indivíduo contribuem para a criação de novas categorias, assim como para modificar o seu meio e repensar as estruturas sociais. Ainda, através de sua subjetividade, o professor atribui sentidos em sua prática docente. Desta forma, o que pesa sobre o professor em termos de implicações, decorrentes da apropriação que o capital impõe sobre a educação, é a apropriação que esse mesmo capital faz da subjetividade docente. Assim, o pressuposto é de que tal subjetividade se vê, nessa condição, subordinada aos interesses da organização.

Pensar sobre trabalho docente remete-nos, entre outros aspectos, a questões como a flexibilização desse trabalho. Este é outro elemento de nossa discussão, que tem gerado indagações acerca dos efeitos produzidos sobre o trabalhador docente. Nos últimos anos, questões sobre reforma trabalhista e terceirização nas empresas têm sido recorrentes, e tem produzido mudanças no contexto da classe trabalhadora. Mais uma vez, Ball (2004) contribui nesse sentido, ao comentar sobre desconstrução das estruturas rígidas do Estado, algo que pode ser notado nas questões acima apontadas. O que deve ser considerado nessa perspectiva de Ball, sobre estruturas rígidas, é um movimento para a redução da burocracia estatal, e que por vezes, caracteriza-se como obstáculo frente aos interesses do mercado. Os autores Antunes e Praun (2015) também contribuem nessa discussão, pois para eles a flexibilização é sinônimo de precarização do trabalho. Para o professor do ensino superior isso tem se tornado realidade por meio de contratos temporários, contratos parciais, e diversas situações em que o professor trabalha como prestador de serviços. Um exemplo disso, é a abertura de microempresas (MEI¹ – Microempreendedor Individual), realizada pelos professores, para a prestação de serviços educacionais. Nessa relação, o trabalhador docente se afasta dos vínculos legais de trabalho,

¹ MEI: a sigla MEI quer dizer Microempreendedor Individual. Ao efetuar seu cadastro, o indivíduo caracteriza-se como Profissional autônomo, passando a ter obrigações e direitos de pessoa jurídica – podendo inclusive emitir notas fiscais. Mais informações sobre esse assunto podem ser obtidas no seguinte endereço eletrônico: <https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/sebraeaz/o-que-e-ser-mei,e0ba13074c0a3410VgnVCM1000003b74010aRCRD>

pois ele acaba se constituindo como somente prestador de serviços. Essa tem sido uma alternativa interessante para as instituições de ensino, pois ajuda na gestão de suas demandas. No Estado do Paraná esse quadro é possível de ser observado quando analisamos os dados do Censo do ensino superior de 2017, do INEP, sobre a distribuição dos professores por regime de trabalho. De acordo com o Censo, do total de 15.489 professores atuando nas instituições privadas, 6.273 trabalham em tempo parcial. Ou seja, não tem a carga horária toda preenchida. No regime de “horista” (profissional que trabalha por disciplina contratada), o total é de 5.181 professores, que possuem carga horária reduzida. E os que trabalham em tempo integral, ou seja, aqueles que têm suas cargas horárias preenchidas em uma única instituição, totalizam 4.035 professores.

Propor a discussão sobre determinado tema e desenvolver uma pesquisa científica a partir dele não é uma tarefa fácil, considerando as particularidades de cada objeto de estudo. Esse tema, por sua vez, é desafiador, pois pensar o professor levando em consideração seu contexto indissociável, no caso a própria educação, exige, assim como em toda pesquisa, o rigor necessário para o êxito da tarefa. Considerando o contexto apresentado até o momento, no qual se insere o professor do ensino superior, esta pesquisa tem por objetivo principal, compreender como esse docente do ensino superior privado percebe seu trabalho e sua carreira. Como ele se organiza nesse ambiente, em relação às suas estratégias de trabalho. Como dissemos no início, esse campo de investigação é complexo. Desta forma, para um melhor entendimento e aprofundamento, esta pesquisa está delimitada no contexto maringense do ensino superior privado.

Compreender a perspectiva docente sobre o mundo ao seu redor, é um momento singular na abordagem de um tema tão relevante no contexto social. Ele, o professor do ensino superior, é tanto indivíduo quanto coletivo. Segundo Bueno (2002), ele constitui-se único e ao mesmo tempo está inserido em uma sociedade. E nesse meio, ele reproduz práticas que representam o próprio coletivo. Elias (1994) corrobora essa ideia, pois segundo ele, não há entre indivíduo e sociedade um abismo, pois indivíduos formam a sociedade, ou, toda sociedade é composta de indivíduos. Ou mesmo, como nos diz Paulilo (1999), há nessa relação uma intersecção entre o social e o individual, um entrelaçamento entre suas histórias. Nesse sentido, o método Histórias de vida foi o recurso metodológico utilizado nessa investigação, contribuindo sobremaneira para esta pesquisa. Nele, as narrativas dos personagens constituem o ponto central, o momento singular, onde os narradores contam suas trajetórias de vida, ricas em detalhes, e que permitem ver, não só suas percepções individuais de mundo, mas, percepções do coletivo. De questões que eles próprios vivem e que são comuns a muitos outros personagens - professores. A coleta

dos dados se deu por meio de entrevistas não estruturadas. Os personagens Joana e Pedro², professores do ensino superior privado na cidade maringense, contribuíram com seus relatos, apresentando suas histórias ricas em detalhes, e que nos revelaram suas percepções acerca de seus trabalhos e carreiras. Uma volta ao passado, de cada um desses personagens, resgata os tempos de escola, do início de seus estudos até o ingresso no ensino superior. E seguindo adiante nessas narrativas, temos seus relatos do período de início na carreira docente do ensino superior. Mas afinal, quem são os personagens Joana e Pedro? A partir do capítulo 2, eles irão narrar suas histórias de vida para que possamos compreender suas percepções sobre o meio no qual estão inseridos. Joana, é uma professora de 38 anos, nascida na cidade de Maringá. Casada, mãe de dois filhos e dedica todo seu tempo de trabalho para a educação. Pedro, nosso outro personagem, é um jovem professor de 34 anos. É casado e no momento não tem filhos. Assim como Joana, ele dedica seu tempo de trabalho para o ensino superior. Ao falarmos um pouco sobre eles, nesta parte introdutória, buscamos mostrar a importância que possuem, como personagens centrais da nossa reflexão, sem os quais, a construção deste texto não seria possível. Assim, os capítulos finais foram dedicados em sua maioria às histórias desses professores, que em muito contribuíram para esta pesquisa.

O trabalho está organizado em três capítulos, sendo que no Capítulo 1 será apresentado o contexto do ensino superior, trazendo algumas questões que ajudarão na nossa reflexão. Entre elas, algumas considerações sobre o campo do ensino superior, tratando de temas como o processo de expansão e influência mercantilista nesse meio. O capítulo propõe ainda, uma discussão acerca do próprio professor nesse contexto, dando contornos a temas como educação a distância e sua contribuição no processo de expansão e implicações nas tarefas docentes. Trata também sobre flexibilização do trabalho docente e subjetividade docente. O Capítulo 2 por sua vez, inicia abordando o método Histórias de vida, destacando sua importância como alternativa de investigação, tanto para as Ciências sociais, como para outras áreas do conhecimento. Porém, boa parte desse capítulo foi dedicado às primeiras narrativas dos dois personagens, onde são apresentadas suas trajetórias de vida, recordando o início dos estudos no ensino fundamental, passando pelo ensino médio, até chegar no ensino superior. E por fim, no Capítulo 3 resgatamos as narrativas dos personagens, porém, apresentando outro momento de suas vidas. Nessa etapa, os personagens Joana e Pedro narram o início de suas carreiras, contando algumas percepções sobre o início de tudo e suas percepções sobre as questões centrais, levantadas neste texto.

² Joana e Pedro são nomes fictícios, atribuídos aos dois professores do ensino superior privado da cidade de Maringá. Os nomes foram atribuídos, pois de acordo com a conduta ética, a privacidade de ambos deve ser preservada.

1 UM CONTEXTO PARA PENSAR O ENSINO SUPERIOR

O que pretendemos apresentar a partir deste primeiro capítulo, é um panorama desse movimento do capitalismo sobre a área da educação. Movimento esse que ocorre, tanto na direção do sistema público de ensino, por meio do alinhamento do próprio Estado com o sistema capitalista, mas também, pelo processo de expansão da educação superior no Brasil, ocorrido nos últimos anos.

Em seu livro, *A cultura do novo capitalismo*, Richard Sennett (2006) aborda acerca de um cenário global. Segundo o autor, o último meio século tem se confirmado como um período de grande acúmulo de riquezas por parte do capitalismo. Isso tem ocorrido por meio de questões relacionadas ao desmonte da burocracia governamental e corporativa. Ou seja, um movimento em que o próprio Estado tem sido influenciado por mecanismos de interesse das forças geradoras de tais riquezas, cujos limites e obstáculos entre o público e o privado têm se deteriorado. Alinhado à essas ideias, temos também a perspectiva de Braga e Marques (2017), que reforça o que Sennett nos apresenta. Segundo eles, historicamente tivemos uma concentração de riquezas em poucas mãos, em detrimento da exploração de direitos sociais. Tais implicações envolvem, segundo os autores, um campo importante da sociedade, que é o mundo do trabalho. Isso tem modificado as condições nesse meio, algo que vem ocorrendo devido a um processo de apropriação de sistemas. Neste ponto, destacamos como exemplo o sistema de educação.

Quando falamos de apropriação do capital, como no caso da educação, estamos pensando não somente no avanço sobre o sistema público, por meio de um alinhamento entre Estado e capital. Podemos pensar esse contexto, também, sobre o sistema privado – neste caso, através do processo de expansão do ensino superior, que veremos mais adiante. Assim, ao propormos neste capítulo uma reflexão sobre o cenário acima descrito, consideramos importante destacar alguns estudos relevantes nessa área. Aliás, antes de seguirmos, vale considerar uma importante análise oferecida por David Harvey (1992) sobre o capital. Para o geógrafo britânico “o capital é um processo, e não uma coisa. É um processo de reprodução da vida social por meio da produção de mercadorias em que todas as pessoas do mundo capitalista avançado estão profundamente implicadas” (HARVEY, 1992, p. 307). Este recorte nos dá uma noção sobre o que vem a ser o capital e sua influência na vida social. A própria influência do capitalismo sobre o Estado, como já mencionamos, é um bom exemplo de como a sociedade se vê envolvida nesse processo. Mais adiante essa noção fará sentido, nas diversas relações sociais, e de maneira particular sobre o campo educacional e sobre o mundo do trabalho.

A desconstrução das estruturas rígidas do Estado e dos aspectos burocráticos, que em muito podem impedir o progresso do capital, como dito por Sennett, podem ser observados na análise proposta por Ball (2004), em seu texto *Performatividade, privatização e o pós-Estado do Bem-Estar*, quando afirma que o Estado passa de Estado-providência para Estado de competição. Isso representa na perspectiva do autor, uma mudança no foco do Estado quanto ao seu comprometimento em relação às políticas governamentais. Segundo ele, tais políticas deveriam ser voltadas para o bem-estar de uma sociedade. No entanto, têm sido pensadas para o fomento de empresas, como a inovação e a consequente lucratividade, não só do setor privado, mas também do setor público. Ainda, segundo Ball, estamos presenciando a elevação de um Estado “mercantilizador”, em que ocorre uma aproximação do público com o privado, podendo provocar um contexto global instável. Um novo acordo político tem se configurado, tendo como principais destaques na agenda, movimentos de privatização do ensino público e mercantilização da educação. Para o autor, os valores defendidos pelo mercado privado, como “espírito empresarial”, “competição” e “excelência”, têm sido celebrados em vários Estados do ocidente. E tais valores sobrepõem outros valores, como “justiça social”, “equidade” e “tolerância”. Ainda nesta perspectiva, Ball comenta que:

Cada vez mais, as políticas sociais e educacionais estão sendo articuladas e legitimadas explícitas, direta e, muitas vezes, exclusivamente em função do seu papel em aumentar a competitividade econômica por meio do desenvolvimento das habilidades, capacidades e disposições exigidas pelas novas formas econômicas da alta modernidade (BALL, 2004, p. 5).

Como mencionamos em um momento deste texto, a influência do capitalismo nos diversos campos da sociedade, seja no mundo do trabalho, seja no campo educacional, tem provocado mudanças significativas. Recordemos aqui as proposições de Harvey, quando ele menciona que todas as áreas sociais estão implicadas no que o autor chama de processo capitalista. Assim, diversas são as implicações, tanto na esfera pública, quanto no campo privado, em que tais mudanças vêm ocorrendo. Introduzimos neste ponto, portanto, uma reflexão sobre o foco desta pesquisa, cuja análise procura investigar, entre outras questões, as mudanças ocorridas no mundo do trabalho. De maneira mais específica, junto ao trabalho docente no nível superior de ensino.

1.1 UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE TRABALHO

Segundo David Harvey (2016):

O fato de alguns seres humanos se apropriarem da força de trabalho de outros e a explorarem é característica antiga da organização humana. O exercício do poder para

essa finalidade levou à construção de diferentes relações sociais, desde escravidão, servidão e tráfico de mulheres (e às vezes crianças), vistas como meros bens móveis submetidos à vontade de adoradores para realizar a obra de Deus ou deuses nas sociedades teocráticas, até a submissão de súditos leais que vão para a guerra ou constroem pirâmides, por exemplo, em nome de um líder, patriarca, monarca ou senhor local. (HARVEY, 2016, p. 62).

Iniciamos este tópico fazendo uso das palavras de Harvey, para tratar de um tema importante desta dissertação. O fragmento acima serve para introduzirmos alguns aspectos da relação entre capital e trabalho, já que nesta pesquisa há um pressuposto de que o mundo do trabalho é fortemente influenciado pelo capital. Nesse contexto encontra-se o campo educacional, e desta forma, queremos conhecer a perspectiva docente sobre seu trabalho, frente à tais influências sofridas. E o que deriva disso, são mudanças nas dinâmicas de trabalho, bem como a flexibilização do trabalho docente, entre outras questões. Importante lembrar que temas relacionados ao capital e ao mundo do trabalho são densos, requer uma longa reflexão para se tentar abarcar os vários aspectos neles envolvidos, ou pelo menos, parte deles. Desta forma, vale lembrar que essa não é a intenção neste texto, uma vez que pretendemos apresentar alguns aspectos dessa relação capital x trabalho, de forma a produzir, apenas, subsídio para o entendimento do que se questiona nesta pesquisa.

Segundo Harvey, “trabalho e mão de obra são organizados exclusivamente em torno da produção de valores de troca de mercadorias que geram o retorno monetário sobre o qual o capital constrói seus poderes sociais de dominação de classe” (HARVEY, 2016, p. 64). Ou seja, o capital faz uso da mão de obra disponível no mercado, e a partir dela obtêm a produção de mercadorias, o que lhe proporciona retorno financeiro, e assim a manutenção de sua hegemonia social. O autor dirá ainda que os trabalhadores ficam numa posição onde não podem fazer nada, a não ser realizarem seus trabalhos, e assim reproduzir suas próprias condições de dominados. Harvey destaca também que, para os trabalhadores “[...] esse é o sentido de liberdade sob o domínio do capital” (HARVEY, 2016, p. 64).

Segundo Harvey, tanto um quanto outro (capital ou trabalhador), podem lutar por seus interesses. Nesse caso, o trabalhador individual, ou mesmo em grupos, pode lutar para que consiga melhores salários e direitos. Assim também, os representantes do capital podem se esforçar para pagar salários menores aos trabalhadores. Na teoria vemos que, tanto um, quanto outro estão nos seus direitos para buscar melhorias. Sobre isso, Harvey destaca que nessa queda de braço, entre direitos iguais, o mais forte geralmente prevalece. Isso nos leva a perceber como se dá o processo de dominação, de um sobre outro, e a pressão que deriva sobre o mais fraco.

1.2 O CAMPO EDUCACIONAL SOB A INFLUÊNCIA MERCANTILISTA

Na parte introdutória deste tópico, temos um tema central para pensar. Qual seja, as implicações de cunho mercantil, sobre o campo educacional. Para Ball (2004), pela sobrevivência as empresas buscam formas possíveis e impossíveis de ampliar as fronteiras estabelecidas pelo Estado, rumo à mercantilização de áreas que o autor denomina como “áreas de não mercado”. Áreas que, à princípio não estão estabelecidas na esfera da exploração mercantil, e que denotam um caráter mais social - como é o caso do campo educacional. Mészáros (2008) contribui também nessa perspectiva ao mencionar em seu livro *A educação para além do capital*, que no mundo capitalista a educação é tida como mercadoria. Nesse sentido, crises nos sistemas públicos de ensino podem ser observadas, onde ocorrem fortes cortes no orçamento para essa área - provenientes da pressão exercida pelo capitalismo, por conta de suas demandas. O autor menciona ainda que, nada exemplifica melhor a dinâmica implantada pelo neoliberalismo, onde tudo se vende, tudo se compra e tudo tem um preço, do que a mercantilização da educação.

Ball (2004) traz à discussão alguns aspectos que ele aponta como processos contemporâneos, que apesar de longa data, vinculam-se a reformas educacionais atuais. Em primeira análise ele debate sobre a abertura que o Estado tem feito das áreas públicas, para que o mercado interno possa nelas operar. Nessa posição, o Estado passa então de provedor para regulador, das ações da iniciativa privada em setores que eram de sua responsabilidade. Segundo o autor, esse é um forte indicativo de um processo de expansão. Neste ponto fazemos uso também das considerações de Mészáros, pois ele entende que tem ocorrido um enfraquecimento das escolas públicas, e um crescimento do sistema privado. A esse respeito, Mancebo (2015) traz algumas contribuições sobre reforma do ensino superior. Em seu texto sobre *Políticas de expansão da educação superior no Brasil 1995-2010*, a autora argumenta que há um contexto internacional, marcado pela mundialização econômica e políticas neoliberais. Segundo ela, há nesse cenário um movimento de privatização da educação superior, que por sua vez tem produzido consequências sérias para a formação superior, para a produção do conhecimento e cultura, bem como para o trabalho docente.

Esse panorama descrito no parágrafo anterior, que trata da mercantilização da educação, está vinculado diretamente à apropriação do capital sobre essa categoria de ensino. Essa abordagem é importante, pois contribui para compreendermos acerca dos efeitos que dessa dinâmica desencadeia-se, e das implicações produzidas no trabalho docente. Sobre isso, novamente apoiamo-nos nas proposições de Mancebo, pois segundo ela, ao olharmos as condições de trabalho oferecidas nesse contexto, e alguns dados do setor, é possível afirmar que

houve um crescimento significativo da precarização do trabalho docente nesse meio. E esse crescimento se dá, afirma a autora, no mesmo nível da perda de qualidade do ensino.

1.2.1 O contexto brasileiro de expansão do ensino superior

Apesar de os estudos de Ball apresentarem uma forte abordagem no contexto do Reino Unido, esse processo de expansão de que trata, também pode ser observado no campo do ensino superior brasileiro. Mancebo (2010) argumenta sobre isso, pois segundo ela, esse é um movimento geral, do qual o Brasil não ficou fora. Pois, os sistemas educacionais foram submetidos a um profundo processo de privatização, no qual temos, a expansão do ensino superior através da via privada, assim como, a introdução nas instituições públicas, de modelos de gestão universitária parecidos com modelos de empresas de mercado. Mancebo considera que esse movimento contribui para o esvaziamento do caráter das instituições de ensino, como instituições da sociedade. Para ela, seus objetivos principais são a formação humana e a produção de conhecimentos, voltados para a solução dos problemas da sociedade.

A apresentação de um panorama do ensino superior brasileiro, nos ajuda na construção das bases de entendimento sobre as consequências que tal contexto representa para o trabalhador docente. Assim, buscamos traçar alguns contornos do campo do ensino superior no Brasil, procurando demonstrar, o nível de participação das categorias administrativas pública e privada nesse campo. O que vem a seguir, acreditamos, nos ajudará a conhecer um pouco sobre o cenário brasileiro do ensino superior.

Dados do ensino superior no Brasil indicam uma ampliação no número de vagas nessa categoria de ensino. Para Sampaio (2011), a maior participação nesse processo de ampliação tem ficado por conta das instituições privadas. De forma mais específica, num intervalo de tempo entre os anos de 1980 e 2017, podemos notar um aumento no número de alunos matriculados em cursos de ensino superior no Brasil. Nesse cenário, é possível perceber a participação, tanto de Instituições de Ensino Superior (IES) públicas, mas principalmente de instituições privadas. O período indicado acima se dá, com base no Censo do Ensino Superior de 2017 do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira - órgão vinculado ao Ministério da Educação – MEC). Os indicadores obtidos a partir desses dados, contribuem para visualizar a participação da iniciativa privada, frente às demandas por vagas no ensino superior, vindas da sociedade.

O resultado do Censo do ensino superior de 2017 indicou um número de 8.286.663 alunos matriculados nas instituições brasileiras, classificadas por suas categorias

administrativas - sendo públicas e privadas. Em termos percentuais, temos 24,68% desses alunos matriculados em instituições públicas e 75,32% matriculados em instituições privadas – o que demonstra sobremaneira, a predominância desta última na participação total dessa categoria de ensino.

Na tabela abaixo podemos observar em mais detalhes as estatísticas do Censo 2017.

Tabela 1: Total de instituições de acordo com as categorias administrativas

Estatísticas Básicas	Categoria Administrativa					
	Total Geral	Pública				Privada
		Total	Federal	Estadual	Municipal	
Número de Instituições	2.448	296	109	124	63	2.152
Educação Superior - Graduação						
Curso ¹	35.380	10.425	6.353	3.487	585	24.955
Matrícula	8.286.663	2.045.356	1.306.351	641.865	97.140	6.241.307
Ingresso Total	3.226.249	589.586	380.536	181.665	27.385	2.636.663
Concluinte	1.199.769	251.793	151.376	83.951	16.466	947.976
Educação Superior - Sequencial de Formação Específica						
Matrícula	4.248	2.730	121	2.585	24	1.518
Educação Superior - Pós-Graduação <i>Scripto Sensu</i>						
Matrícula	361.530	304.146	210.305	92.217	1.624	57.384
EDUCAÇÃO SUPERIOR - TOTAL						
Matrícula Total	8.652.441	2.352.232	1.516.777	736.667	98.788	6.300.209
Função Docente em Exercício ^{2,3}	380.673	171.231	113.907	50.703	6.621	209.442
Docente em Exercício ^{2,4}	340.027	168.974	113.289	49.208	6.477	182.096

Fonte: Inep – Censo da Educação Superior 2017.

Na tabela acima é possível ver, no âmbito do ensino superior, o número total de instituições presentes no país. Onde, no geral temos 2.448 instituições de ensino superior, sendo que desse total 296 são instituições públicas e 2.152 instituições privadas. O indicativo do processo de expansão, mencionado por Ball (2004), pode ser visto no campo brasileiro a partir dos números apresentados acima.

Consideremos ainda, alguns aspectos desse processo de expansão, mais especificamente a partir do ano de 1968, onde temos como registro a reforma do ensino superior no Brasil. Inicialmente, visava à modernização da universidade pública, o que de certa forma ocorreu. No entanto, segundo Martins (2009), tal reforma não foi suficiente para fazer frente à crescente demanda por vagas nessas instituições, o que contribuiu diretamente para o surgimento de empresas educacionais, estruturadas a partir do capital privado. Podemos, portanto observar, que esse processo de expansão provém de longa data, podendo ser percebido atualmente.

Considerando as proposições de Ball (2004) nessa perspectiva, tratando sobre expansão e processos de privatização, tais dinâmicas refletem sobremaneira na carreira e trabalho docente. Segundo o autor isso muda as metas e os padrões educativos. Sugere ainda que suas considerações trazem uma abordagem até generalista, pois há de se ponderar que, apesar do

cenário apresentado, das tendências que se mostram nesse campo da educação, os desdobramentos não são tão simples assim, pois em cada região os ritmos de acontecimentos serão diferentes.

1.3 O PROFESSOR NO CAMPO BRASILEIRO DO ENSINO SUPERIOR

Na tabela anterior, sobre o Censo do ensino superior no Brasil, observamos o total de instituições em 2017, divididas por categorias administrativas. São dados importantes, que apresentam a distribuição dessas instituições, mostrando principalmente a participação das instituições privadas nesse mercado. Outros dados possíveis de se obter, a partir da base de dados do Censo 2017, é sobre os professores que trabalham nesse nível de ensino. Logo abaixo organizamos uma tabela para melhor visualizar esse cenário, bem como o perfil desse profissional.

Tabela 2: Docentes por categorias administrativas e regime de trabalho – IES Brasil

Docentes em exercício, por categorias administrativas e regime de trabalho nas IES (Brasil)				
	Regime de trabalho			
	Total	Tempo integral	Tempo parcial	Horista
No Brasil	380.673	201.437	103.768	75.468
Total Públicas	171.231	146.551	19.020	5.660
Federal	113.907	105.470	8.041	396
Estadual	50.703	38.889	8.990	2.824
Municipal	6.621	2.192	1.989	2.440
Total Privadas	209.442	54.886	84.748	69.808

Fonte: Censo da educação superior 2017 (adaptado).

Na tabela 2 temos um panorama geral, em nível de Brasil, da distribuição dos professores de ensino superior, considerando as categorias administrativas das instituições de ensino, entre públicas e privadas. A primeira delas dividida entre federais, estaduais e municipais, bem como o regime de trabalho desse profissional. No total de 380.673 docentes, não foram considerados aqueles que, por algum motivo, estão afastados de suas atividades. Assim, a partir desses números é possível notar o grande número de docentes alocados em instituições privadas, representando 55% desse contingente. Nessa tabela é possível observar também, questões relacionadas ao regime de trabalho docente. A pesquisa do INEP traz indicadores para os regimes de trabalho: Tempo integral, Tempo parcial e Horista. Sobre este item, importante abrirmos aqui um espaço para a definição dessas categorias de regime de

trabalho. Segundo a portaria 21/2017 do Ministério da Educação – MEC, o docente de Tempo integral é aquele contratado por uma única instituição, devendo cumprir uma carga horária semanal de 40 horas. Docente com Tempo parcial é aquele que trabalha em média 12 horas por semana, em uma mesma instituição. E por fim, o docente no regime de trabalho Horista, é aquele que é contratado somente para dar aulas (independente da carga horária contratada) – ou, se o contrato não enquadrar nos outros dois tipos que mencionamos.

Ainda sobre os dados contidos na tabela 1, é possível observar os números de docentes horistas nas duas categorias, pública e privada. Pelos dados é possível concluir que há uma diferença grande no contingente de professores, nesse regime de trabalho. E que as IES privadas fazem maior uso desse tipo de contrato. Isso pode ser um indicador de que isso ocorra para facilitar o ajuste das instituições quanto às suas demandas internas. E por fim, outro ponto importante sobre esses números levantados, diz respeito aos regimes de trabalho que predominam em cada categoria administrativa. Enquanto na iniciativa privada o modelo mais utilizado é o de Tempo parcial (aqueles docentes com contratos de 12 horas semanais), nas instituições públicas, por outro lado, o modelo predominante é o de Tempo integral, ou seja, aqueles docentes que dedicam 40 horas semanais junto às instituições de ensino.

Os dados utilizados nesta pesquisa são importantes, pois contribuem para que possamos mapear o contingente de professores do ensino superior, em relação à sua localização na estrutura de instituições públicas e privadas no país. Mas também, por regiões e por estado, como é o caso do Paraná, que veremos logo na sequência. Olhar esses números ajudam também a perceber o cenário mais próximo, que nos propomos a analisar, que é o contexto docente no campo maringaense das instituições. Na sequência, temos os dados do INEP sobre contingente de professores, distribuídos entre as categorias administrativas de IES do estado do Paraná.

Tabela 3: docentes por categorias administrativas – IES Paraná

Docentes em exercício, por categorias administrativas nas IES (Paraná)				
	Regime de trabalho			
	Total	Tempo integral	Tempo parcial	Horista
No Paraná	29.108	16.260	7.557	5.291
Total Públicas	13.619	12.225	1.284	110
Federal	6.190	5.857	329	4
Estadual	7.253	6.309	876	68
Municipal	176	59	79	38
Total Privadas	15.489	4.035	6.273	5.181

Fonte: Censo da educação superior 2017 (adaptado).

Os dados da tabela 3 confirmam também, que temos nas instituições privadas paranaenses, um maior contingente de professores trabalhando. E os trabalhos de regime Integral e Parcial são as categorias predominantes nas instituições públicas e privadas, respectivamente. Um outro dado interessante também pode ser analisado, e trata sobre a disparidade que há entre as duas categorias administrativas, quanto ao regime de trabalho Horista. Enquanto no segmento público o número de docentes nesse regime é de apenas 110 docentes, nas instituições privadas do Paraná esse número é de, segundo o Censo 2017, 5.181 profissionais.

Outro dado importante que gostaríamos de destacar, sobre o perfil docente, diz respeito ao Grau de formação, bem como sua distribuição nas estruturas de ensino superior. Na sequência temos os números em nível de Brasil.

Tabela 4: docentes por grau de formação – IES Brasil

Docentes por grau de formação, em exercício nas IES (Brasil)						
Grau de formação						
	Total	Sem graduação	Graduação	Especialização	Mestrado	Doutorado
No Brasil	380.673	10	4.362	70.475	148.427	157.399
Total Públicas	171.231	5	4.155	15.270	45.053	106.748
Federal	113.907	1	3.341	6.786	28.194	75.585
Estadual	50.703	4	748	6.404	14.022	29.525
Municipal	6.621	-	66	2.080	2.837	1.638
Total Privadas	209.442	5	207	55.205	103.374	50.651

Fonte: Censo da educação superior 2017 (adaptado).

Apesar de o maior número geral de professores estar concentrado nas instituições privadas, essa perspectiva se inverte quando analisado o grau de formação desse contingente. Nas instituições públicas os números pendem para o nível de doutorado, como predominante. Na sequência vem os docentes com título de mestrado, depois aqueles com especialização, e por fim, graduação. Porém, nas instituições privadas os dados são variados, com um número maior de professores com título de mestrado (pelo menos metade do total de professores). Na sequência vem aqueles com especialização, depois vem os docentes com título de doutorado, e por fim aqueles com graduação. A concentração de um maior número de professores com título de doutorado, presentes nas instituições públicas, pode indicar, à princípio, uma maior dedicação do corpo docente aos estudos e formação. Por outro lado, nas instituições privadas o grau de formação predominante é o de mestrado, seguido de especialização como já mencionamos, e em terceiro lugar vem o grau de doutorado. Esses dados também podem dizer

algo no tocante ao próprio nível de exigência dessas instituições, e por outro lado, também, uma forma de otimizar os custos com pessoal.

A partir da tabela 5 temos uma análise mais aproximada, dentro do campo paranaense.

Tabela 5: docentes por grau de formação – IES Paraná

Docentes em exercício, por grau de formação nas IES (Paraná)						
Grau de formação						
	Total	Sem graduação	Graduação	Especialização	Mestrado	Doutorado
No Paraná	29.108	1	185	5.364	11.419	12.139
Total	13.619	-	152	805	3.614	9.048
Públicas						
Federal	6.190	-	56	293	1.551	4.290
Estadual	7.253	-	85	455	1.978	4.735
Municipal	176	-	11	57	85	23
Total	15.489	1	33	4.559	7.805	3.091
Privadas						

Fonte: Censo da educação superior 2017 (adaptado).

Os dados referentes às instituições do Paraná indicam que na iniciativa privada o grau de formação predominante é o de mestrado, seguido dos docentes com título de especialista, em terceiro lugar os que possuem doutorado. Nas instituições públicas, os docentes com título de doutor são em maior número. Na sequência, mestrado, especialização e graduação - esses dados retratam a média nacional.

Como esta pesquisa está delimitada ao campo maringaense, importante olharmos também, e principalmente, os dados do Censo 2017 relativos a ele. Na seção seguinte serão apresentados os números referentes ao total de instituições presentes na cidade, total de funções docentes em exercício, assim como o grau de formação desses professores, entre outros dados. O campo maringaense é um recorte muito importante para este estudo – é também, o contexto dos personagens Joana e Pedro, que serão apresentados no capítulo 2 desta dissertação.

1.3.1 O campo maringaense do ensino superior

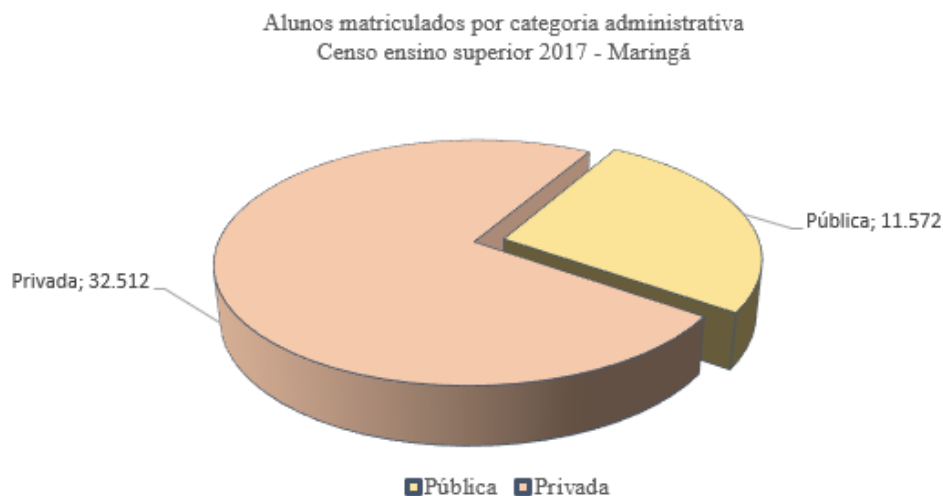
Os dados referentes à base do INEP apresentados até o momento, são provenientes do Censo do Ensino Superior, edição 2017. Eles contemplam dados nacionais e se desdobram até as unidades federativas do Brasil. Através dessa mesma base é possível obter também os dados dos municípios brasileiros, entre eles, os do campo maringaense do ensino superior. Entre esses dados estão os totais de instituições públicas e privadas presentes no município; instituições por

organização acadêmica; alunos matriculados por categoria administrativa; funções docentes em exercício por organização acadêmica, bem como o grau de formação desses profissionais por categoria administrativa; e total de funções docentes, entre os anos 2009 e 2017, nas instituições privadas de ensino.

Até a publicação³ do Censo do ensino superior de 2017, a cidade de Maringá possuía ao todo 11 instituições de Educação Superior. Desse total, dez instituições pertencem a categoria administrativa privada, e uma à pública (universidade estadual). Os dados também mostram que essas instituições estão subdivididas por organizações acadêmicas: Centro universitário (2), universidade (1) e faculdade (8).

Quanto ao número de alunos matriculados por categoria administrativa, nessas instituições, o Censo totalizou 44.084 alunos, distribuídos entre as modalidades de ensino Presencial e a Distância. No gráfico a seguir é possível visualizar melhor essa distribuição.

Gráfico 1: Alunos matriculados por categoria administrativa (Pública e Privada) – Presencial e a distância.



Fonte: Censo da educação superior 2017 (Adaptado).

O gráfico 1 apresenta o total de alunos matriculados nas instituições de ensino superior. As matrículas na categoria de instituição Pública representam 26% do total, e 74% estão concentrados na categoria Privada. Esses percentuais contemplam os graus acadêmicos Bacharelado, Licenciatura, Tecnólogo e Bacharelado licenciatura.

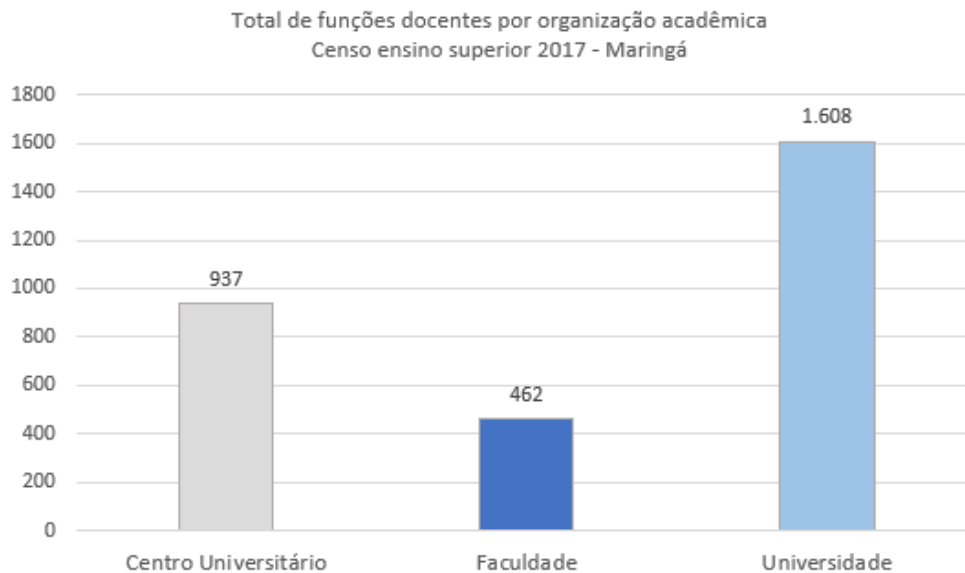
Ao verificarmos as matrículas por modalidade de ensino presencial e a distância, o Censo traz os seguintes números: de um total de 44.084 alunos matriculados nas instituições de

³ Após o Censo de 2017 mudanças ocorreram, como por exemplo, instituições que se enquadravam como faculdades, passaram a ser denominadas como Centros universitários.

ensino superior da cidade, 34.095 alunos estudam na modalidade presencial. E os demais, ou seja, 9.989 alunos, estudam na modalidade a distância. O que o Censo revela sobre esses dados da educação a distância, é que esse total de alunos está vinculado às instituições privadas. Portanto, até o Censo de 2017 não houve registro de matrículas nessa modalidade no ensino público.

O total de docentes em exercício nas instituições é outro dado possível de se obter a partir da base do INEP. Segundo o Censo, há na cidade um total de 3.007 professores atuando no ensino superior. É possível de observar essas funções distribuídas por organização acadêmica, conforme gráfico a seguir.

Gráfico 2: Total de funções docentes por organização acadêmica.



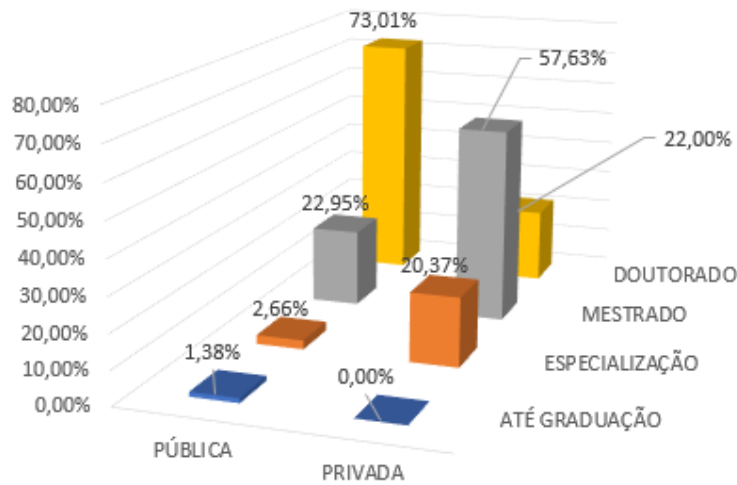
Fonte: Censo da educação superior 2017 (Adaptado).

A única instituição pública da cidade concentra o maior número de funções docentes em exercício. Por outro lado, os centros Universitários e as faculdades, juntos, totalizam 1.399 professores, representando 46,5% do corpo docente desse nível de ensino. Conforme observação do próprio INEP, um mesmo professor pode exercer função em uma ou mais instituições.

No gráfico abaixo é possível observar, em termos percentuais, a distribuição das funções docentes em exercício, por categoria administrativa.

Gráfico 3: Distribuição de docentes por grau de formação e categoria administrativa.

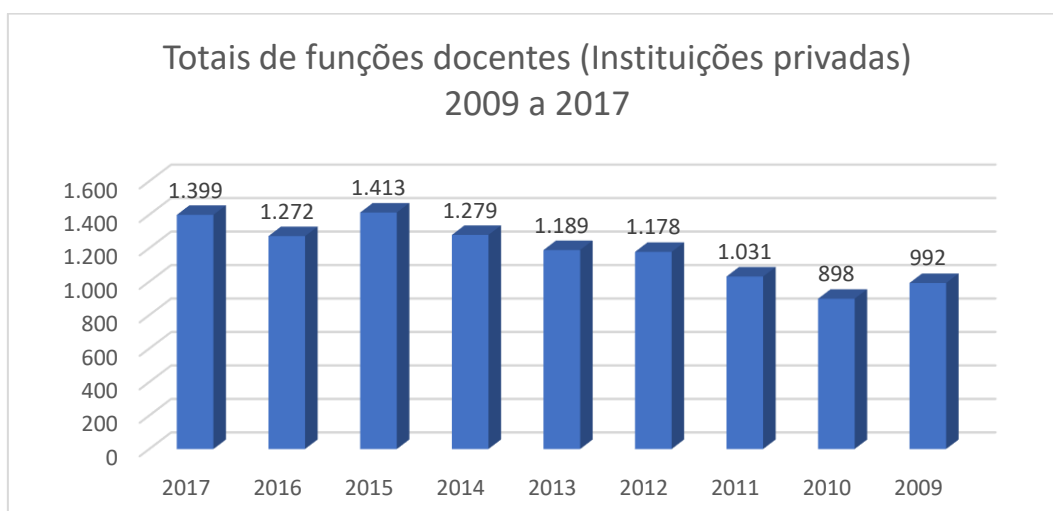
Funções docentes por grau de formação e categoria administrativa
Censo 2017 - Maringá



Fonte: Censo da educação superior 2017 (Adaptado).

Esse gráfico apresenta a distribuição das funções docentes em exercício, nas categorias Pública e Privada, considerando o grau de formação dos professores. O grau de formação “até graduação” indica que há praticamente um nivelamento entre as duas categorias. Enquanto nas instituições privadas o percentual é 0,0%, na categoria pública esse percentual é de 1,38%. Esse dado pode ser considerado motivo para um estudo mais aprofundado, considerando o contexto atual, bem como o avanço no campo acadêmico, em termos de exigência de titulação para o exercício da função docente. No entanto, apesar de estar indicando um ponto fora da curva, ele não representa um foco de investigação nesta pesquisa.

Por fim, apresentamos logo na sequência um comparativo entre os anos de 2009 e 2017, dos totais de funções docentes em exercício, presentes nas instituições privadas maringaenses. Gráfico 4: Totais de funções docentes nas instituições privadas, entre 2009 e 2017.



Fonte: Censo da educação superior 2017 (Adaptado).

O gráfico acima permite um comparativo dos totais de funções docentes em exercício, presentes nas instituições privadas de ensino superior, em um dado período. Em linhas gerais é possível ver que tem ocorrido um crescimento no número de profissionais nessa área. Esse, portanto, é o contexto no qual estão inseridos os personagens Joana e Pedro. Esses dados vão ao encontro do que Joana relatou, sobre a diminuição da carga horária de muitos colegas de docência e dela própria. Segundo ela, o aumento no número de professores acaba diminuindo o número de aulas disponíveis.

A partir do que é possível observar nos dados gerais do campo maringaense, algumas conclusões indicam na direção de que há uma reprodução do contexto brasileiro, em termos de participação das categorias pública e priva. Em nível nacional a presença da categoria privada é marcante, correspondendo a aproximadamente 88% do total de instituições nesse nível de ensino. No campo maringaense, esse percentual é de 90%. O total de alunos matriculados nas instituições privadas da cidade, que corresponde a 74%, reforça a participação dessa categoria administrativa nesse campo.

A distribuição das funções docentes é um outro aspecto que alinha as realidades local e nacional. Em sua publicação geral, o Censo da educação superior de 2017 mostrou que 45% dos professores exercem suas funções em instituições públicas. Ao passo que, os demais 55% desse contingente, trabalham na iniciativa privada. Percentuais semelhantes podem ser vistos nos dados do município maringaense, onde, 46,5% dos professores exercem suas funções em instituições particulares, e 53,5% em instituição pública. Os dados também mostram a concentração docente por grau de formação nas duas categorias administrativas. Em nível nacional o Censo apontou que, entre os docentes que trabalham em instituições públicas, 62% deles possuem doutorado. Na sequência estão os que possuem mestrado (26%), seguidos por aqueles com especialização (8,9%), e por fim aqueles com graduação (2,43%). O gráfico 3 indicou que, do total de professores atuantes em instituição pública na cidade de Maringá, a maioria possui doutorado, seguido por aqueles com mestrado. No ensino privado, no entanto, essa proporção se inverte, onde, a maioria dos professores possui mestrado, e na sequência vem aqueles com doutorado.

Através da apresentação desses dados foi possível estabelecer os contornos particulares do campo maringaense do ensino superior. Esses dados mostraram os atores participantes desse campo – entre eles, as instituições públicas e privadas. Mas de maneira particular, os docentes, exercendo suas funções nas várias categorias institucionais desse nível de ensino.

1.3.2 A educação sob influência, e os desdobramentos na prática docente

A princípio, podemos mencionar aqui sobre mudanças provocadas pelo alinhamento do Estado e o capital, bem como a abertura do mercado educacional. Algo que tem influenciado a profissão docente, não somente em áreas da educação de base, mas também nos demais níveis de ensino. Oliveira e Nunes (2017) destacam sobre essas mudanças, considerando também algumas de cunho econômico. Tais mudanças impõe dinâmicas diferentes no campo educacional. Nessa mesma linha, Ball (2004) reforça esse tema ao considerar que, vem ocorrendo “[...] a inserção de hábitos da produção privada, e de suas sensibilidades comerciais e “moral utilitária”, na prática educacional”.

Para Ball et al (2013), práticas do mercado privado influenciam sobretudo o trabalho docente, pois o que está em jogo tem por objetivo, em boa parte, metas comerciais. Isso tudo nos remete ao que já foi mencionado antes, sobre mudanças nos padrões educacionais. Assim como, sobre o aspecto fundamental da educação como meta social. O autor considera ainda em sua abordagem que, cada vez mais a educação tem ficado subordinada a pressupostos do economicismo e ao próprio tipo de cultura que dele é derivada. Ainda sobre a discussão desse tema, o autor utiliza o termo “performatividade”, pois vincula-o ao cumprimento de metas, ao bom desempenho e a maximização do orçamento, práticas que são comuns no campo da iniciativa privada, ao mercado de uma forma geral. A performatividade, segundo Ball (2004), “[...] encoraja as instituições a se preocuparem cada vez mais com seu estilo, sua imagem, sua semiótica, com a maneira como apresentam as coisas mais do que como as fazem funcionar”. Nesse sentido, o trabalho docente também é afetado, pois sua organização e prática são submetidos a interesses maiores, de cunho corporativo.

Este é um ponto interessante para inserimos uma breve reflexão, com o objetivo de contribuir no debate sobre o professor e seu trabalho. Acreditamos que pensar acerca da teoria do capital humano, possa contribuir junto às proposições de Ball. O economista norte americano, Theodore Schultz, foi o responsável por introduzir no campo das ciências a ideia de “Capital humano”. Para Schultz (1971), a educação formal e a pesquisa organizada, formam uma base importante para o aperfeiçoamento individual. A educação deve ser considerada como instrumento para o incremento no desempenho da produtividade do trabalhador, com vistas aos interesses do capital. Em seu livro *O Capital humano: investimentos em educação e pesquisa*, Schultz considera que a força de trabalho compõe os recursos capitais, através dos quais o sistema produtivo atinge seus objetivos. Schultz considera também que, a busca de cada indivíduo pelo seu próprio aprimoramento, por meio da educação, contribui não somente para

a melhora e incremento da produtividade e desenvolvimento econômico, mas, serve como oportunidade ao indivíduo, para que alcance melhores rendimentos. Essa perspectiva defendida por Schultz, reforça as críticas de Ball, quando ele trata sobre a subordinação educacional ao economicismo. Sobre isso, Ball menciona questões relacionadas à “performatividade”, cujo termo vincula-se a produtividade e cumprimento de metas. Nesse ponto, as indagações de Ball contrapõem-se às ideias de Schultz no sentido de um entendimento sobre as condições a que está submetida a educação e sua verdadeira finalidade. Para concluirmos esse momento, lançamos mão também das considerações de Mancebo. As ideias da autora destoam das ideias de Theodore Schultz, principalmente, no que diz respeito à finalidade da educação. Apesar de Schultz acreditar na educação como instrumento para o aperfeiçoamento do indivíduo, e conseqüentemente uma melhora na sua produtividade no trabalho. Mancebo dirá que o papel fundamental da educação se encontra na formação humana, ao mesmo tempo, constitui-se como instituição da sociedade.

A discussão sobre Capital humano reforça a reflexão acerca de como algumas práticas, derivadas dessa perspectiva de Schultz, têm afetado o trabalho e a carreira docente. Esse é um importante debate no que concerne às práticas das instituições no campo educacional, como já mencionado por Ball (2004). Além de tais práticas comprometerem a tarefa docente de maneira profunda, afetam também a própria subjetividade do professor. O mesmo autor reforça sobre essa ideia, dizendo que:

... a performatividade da organização torna muitos profissionais irreconhecíveis para si mesmos. As instituições corporativas e performativas oferecem novas “possibilidades” de qualidade e de excelência, fornecem a cada membro de uma organização a possibilidade de exprimir sua “iniciativa individual” e desenvolver plenamente seu “potencial” a serviço da empresa (BALL, 2004).

Nas proposições do autor podemos observar as implicações diretas, sofridas pelo docente, pois muitos são os estímulos dados para o bom desempenho, pela busca da excelência, e a serviço da organização. Ainda, segundo o autor, esse modelo imposto, contribui para que a subjetividade e o espírito sejam “saqueados”, com fúria e desejo, pelo próprio capital. Ainda, segundo Ball (2004), “o ato de ensinar e a subjetividade do professor ambos sofrem profundas mudanças [...]”, por conta da gestão, onde são impostas exigências quanto a “qualidade” e “excelência”, e às novas formas de controle exercidas pelas empresas.

Nas considerações de Ball, de que fizemos uso até o presente momento, podemos extrair algumas reflexões importantes sobre o contexto da educação. Os impactos decorrentes dessas dinâmicas, e que estão produzindo no cotidiano docente mudanças importantes, é que procuramos dar destaque aqui. Isso contribui para delinear o contexto no qual se encontra esse

profissional. Para o autor, o processo de privatização “[...] não muda apenas nossa maneira de fazer as coisas, como também nossa maneira de pensar a respeito do que fazemos e nossa maneira de nos relacionarmos conosco e com outras pessoas [...]”. Isso tudo impacta, não somente mudanças na perspectiva de trabalho docente, mas sobremaneira para aqueles que recebem tais serviços, provenientes desta área em particular.

As mudanças que vêm ocorrendo no campo educacional têm impactado no trabalho e na carreira docente. Esses, são pressupostos que temos apresentado até o momento. Ball reforça este aspecto ao apontar alguns dispositivos neoliberais, incorporados em reformas na América Latina. Entre eles podemos destacar alguns, como a flexibilização do trabalho docente; o salário baseado no mérito; incentivos com base no desempenho, entre outros. Tais pressupostos sugerem, segundo o autor, que a ação em conjunto de tais dispositivos, agem de forma a corroer a autonomia docente e sua autoridade. O autor conclui que esse contexto de mudanças, gerados no campo da educação, e as tensões que isso tem produzido nesse ambiente, passam a exigir do sujeito-professor um novo perfil, qual seja, a desvinculação de seus objetivos e propósitos educacionais, e o foco voltado para as metas empresariais.

1.3.3 EAD: contribuições para a expansão do ensino e implicações na atividade docente

A expansão do ensino superior privado tem possibilitado, não somente a ampliação no número de vagas, frente à deficiência do Estado ao atendimento a essa demanda, como também vem abrindo campo para uma nova modalidade de ensino dessa categoria no mercado educacional. Estamos falando sobre a Educação a Distância (EAD). Ela tem se caracterizado como um marco no contexto do ensino superior brasileiro, pois tem contribuído para a expansão das instituições privadas. Ela também tem produzido significativas mudanças na tarefa docente, na organização do trabalho desse profissional. Assim, nesta seção trataremos acerca de dois aspectos importantes sobre a EAD. O primeiro relacionado a forma de organização do processo de ensino, estruturado nesse modelo educacional; e o segundo, relacionado às mudanças que esse modelo tem produzido na organização do trabalho docente.

O processo de ensino adotado no modelo de educação a distância possui características distintas daquelas já conhecidas dos modelos presenciais. Entre elas, a oferta de serviços educacionais a um número maior de indivíduos. Belloni (2003) propõem que o modelo EAD vai ao encontro de moldes econômicos, de produção e de gestão, influenciando assim o campo da educação e conseqüentemente, aqueles que nele atuam. Para a autora, o campo educacional surge como um recurso importante para o Estado, que, ao permitir o avanço da iniciativa

privada no campo educacional superior, tem na educação a distância, um meio de “democratizar” o ensino, ofertando-o a um número maior de indivíduos. Sendo este, portanto, um recurso para se levar ensino superior às mais longínquas regiões brasileiras.

O segundo aspecto que sugerimos no início desta seção, para uma breve discussão, diz respeito ao desmembramento do trabalho docente que ocorre no modelo EAD de educação. O trabalho docente na educação a distância distingue-se do trabalho na modalidade presencial (exercido por uma única pessoa). No modelo presencial o professor concentra a maioria das tarefas que a ele compete, como ministrar as aulas, aplicar e corrigir provas e atividades, bem como a interação direta com o aluno (BELLONI, 2003). Por outro lado, conforme a autora, no contexto da educação a distância o trabalho docente é fragmentado. Conforme demandas dos modelos econômicos atuais, isso contribui para um melhor fluxo no processo produtivo, e oferta de produtos educacionais em maior número. Desta forma, o professor passa a não se ocupar mais de todo o processo de ensino. Ball et al (2013) contribui para esta reflexão ao mencionar que:

“[...] um processo de fragmentação, em que a (re) distribuição de tarefas, práticas e equipe resulta, em alguns casos, na redefinição de aspectos do trabalho docente como não profissionais, o que tem o efeito de corroer o conhecimento unitário das práticas de ensino, o que coloca os professores como intercambiáveis e descartáveis”. (BALL et al, 2013)

Em suas proposições, Ball argumenta acerca dos prejuízos decorrentes dessa movimentação sobre o trabalho docente. Onde se tem, o comprometimento de suas funções - uma vez que, a reconfiguração ou intercambialidade de suas tarefas, e a perda de conhecimento nesse processo, o colocam em condição de vulnerabilidade, podendo torná-lo descartável.

Os pontos tratados nesta seção tiveram como objetivo, apresentar algumas características do modelo de educação incorporado atualmente no processo de expansão, por parte das empresas educacionais, principalmente, de cunho privado. Além de ampliar as fronteiras para a atuação no mercado educacional, a educação a distância, como vimos, tem contribuído significativamente para transformar a organização do trabalho docente. Segundo Ball, o processo de ensino nesse modelo passa a não ser mais de responsabilidade somente do indivíduo-professor, mas há uma distribuição das tarefas. Sua identidade se perde, se desconstrói, em meio a forma como se organizam os trabalhos docentes nesse campo.

1.4 FLEXIBILIZAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE

Nesse contexto de mudanças frente às dinâmicas capitalistas de imposições ao trabalho, outro aspecto importante tratado por Boltanski e Chiapello, diz respeito à flexibilidade no trabalho. Para os autores:

a reestruturação do capitalismo ao longo das duas últimas décadas, que, como vimos, ocorreu em torno dos mercados financeiros e dos movimentos de fusão-aquisição das multinacionais num contexto de políticas governamentais favoráveis em matéria fiscal, social e salarial, também foi acompanhada por fortes incentivos ao aumento da flexibilização do trabalho. As possibilidades de contratação temporária, uso de mão de obra substituta e horários flexíveis, bem como a redução dos custos de demissão desenvolveram-se amplamente no conjunto dos países da OCDE, cerceando aos poucos os dispositivos de proteção instaurados durante um século de luta social (BOLTANSKI; CHIAPELO, 2009, p. 22)

Iniciamos este tópico com esta citação de Boltanski e Chiapello, pois ela nos ajuda a introduzir o tema da flexibilização do trabalho. Mas também, ajuda a demonstrar que as questões que tratam sobre capitalismo e trabalho, numa relação de forças desiguais (incluindo aqui a discussão sobre a flexibilização do trabalho), não é exclusividade de países como o Brasil. Essa perspectiva pode ser observada a partir das dinâmicas presentes em países como os que congregam a OCDE⁴, por exemplo, mencionada pelos autores. Assim, trata-se de um movimento global, como já apresentamos no início deste trabalho. E nesse sentido, a questão da flexibilização é um tema na abordagem deste tópico.

A *Flexibilização* pensada a partir do campo do trabalho, remonta de um período que data das últimas quatro décadas. Sobre isso, Antunes e Praun (2015) destacam que este é um fenômeno que atingi à diversas categorias de trabalhadores. Os autores atribuem ao fenômeno da *flexibilização* o sinônimo de *precarização do trabalho*. Para eles, trata-se de algo que deriva das imposições junto ao trabalhador, feitas pelo capital como o objetivo de manutenção e reprodução do sistema. Mencionam ainda que:

A *flexibilização* e sua expressão multifacetada no mundo do trabalho sintetiza o que parte dos autores da sociologia tem definido, desde os anos 1980, como *precarização do trabalho*. Compreendida como processo contraditório, a precarização desperta tanto resistências por parte dos trabalhadores como, tendencialmente, apresenta-se como processo contínuo, cujos mecanismos de imposição entrelaçam-se com as necessidades permanentes de valorização de capital e autorreprodução do sistema. (ANTUNES; PRAUN, 2015, p. 413)

A *flexibilização* é algo nocivo ao trabalhador, pois impõe a ele uma condição de precarização. Ou seja, conforme comenta Antunes e Praun (2015):

⁴ OCDE: Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico. Reúne 36 países e tem como objetivo a busca de soluções para desafios sociais, econômicos e ambientais - passando pela melhoria do desempenho econômico e a criação de empregos até a promoção de uma educação forte e a luta contra a sonegação internacional. Disponível em: <http://www.oecd.org/about/>. Acesso em 08/06/2020. O pesquisador no campo sociológico da educação, professor Stephen J. Ball (citado neste trabalho), aponta em seu artigo *Performatividade, privatização, e o pós-estado do bem-estar*, para organizações como a OCDE, indicando-a, entre outras, como organizações que têm contribuído na disseminação de novas relações entre economia e educação.

Do ponto de vista de seu impacto nas relações de trabalho, a *flexibilização* se expressa na diminuição drástica das fronteiras entre atividade laboral e espaço da vida privada, no desmonte da legislação trabalhista, nas diferentes formas de contratação da força de trabalho e em sua expressão negada, o desemprego estrutural. (ANTUNES; PRAUN, 2015, p. 412)

Várias questões estão implícitas na problemática da *flexibilização* do trabalho. Mas importante ressaltar o que apontam os autores quanto ao desmonte das leis trabalhistas. Stephen Ball (2004) vem a esse encontro quando sinaliza sobre a desconstrução das estruturas rígidas do Estado, e que tem como foco os aspectos burocráticos, que conseqüentemente podem impedir o progresso do capital. Nessa mesma linha, Boltanski e Chiapelo, como já citamos inicialmente, mencionam como mecanismos de flexibilização do trabalho a própria contratação temporária de um trabalhador. Ou mesmo, horários flexíveis de trabalho e a contratação de mão de obra substituta. São, segundo os autores, meios que o capital utiliza, e que impõem ao trabalhador, uma condição de precarização de seu trabalho.

Ao deslocarmos essa reflexão para o campo de trabalho docente, tais mecanismos de flexibilização podem ser observados a partir do próprio censo da educação de 2017, organizado pelo INEP. No tópico sobre *O professor no campo brasileiro do ensino superior* apresentamos uma tabela com dados referente a distribuição dessa categoria de trabalhador nas instituições brasileiras de ensino. Na iniciativa privada há um predomínio das modalidades *horista* e *tempo parcial*. Esse modelo, como mencionado anteriormente, vai ao encontro às necessidades das instituições, de ajustarem esses profissionais às suas demandas. O professor *horista* fica à disposição da instituição, vinculado somente às disciplinas que irá ministrar. Por sua vez, o professor de *tempo parcial* fica vinculado somente em parte de sua carga horária à instituição.

No campo da educação a distância esses mecanismos de *flexibilização* podem ser percebidos na condição de prestadores de serviços educacionais, que alguns professores exercem. Essa prática ocorre por meio da abertura de uma microempresa (MEI – Microempreendedor Individual). Esta também é uma forma pela qual, instituições de ensino ajustam suas demandas por profissionais da educação. Importante considerar que, esses mecanismos não são exclusividade de instituições de ensino superior. Esse é um recurso utilizado por organizações de uma forma geral, e que deslocamos para uma análise específica, no campo particular do ensino superior. Garcia (2018), em sua tese de sociologia intitulada *O Contrato por processo seletivo simplificado como um meio de desprofissionalização docente? Um estudo no Paraná (2016-2017)*, discute acerca do próprio governo do estado do Paraná, que tem feito uso desse “recurso”, como forma de gerenciar sua demanda e seus custos com a educação nos níveis médio e fundamental de ensino. Isso pode ser observado em contratos

temporários de professores, ou PSS – Processo Seletivo Simplificado. Garcia questiona em seu debate a desprofissionalização e precarização do professor em meio a essa dinâmica.

1.5 SOBRE A SUBJETIVIDADE DOCENTE

Buscaremos nesta abordagem, discutir sobre a questão da subjetividade docente, procurando pensá-la no contexto de mercantilização do ensino superior. Essa reflexão se dará a partir de três pontos, que acreditamos, nos proporcionará entendimento sobre o assunto. Em um primeiro momento buscamos discutir sobre a construção da subjetividade do indivíduo. Em outro momento, trataremos sobre a subjetividade do professor na prática docente, procurando estabelecer a relação existente entre uma e outra (subjetividade do professor e prática docente). E por fim, traremos à discussão outro ponto importante, que diz respeito à apropriação, ou como alguns autores definem, a “captura”, que o próprio sistema capitalista tem feito, dentro de sua dinâmica mercantilista, da subjetividade do professor. Partindo então desses pressupostos, acreditamos que será possível fazer as reflexões necessárias para esta investigação.

Ao pensarmos sobre a construção da subjetividade do indivíduo, devemos considerar que, segundo Silva et al (2017), ela se dá a partir da perspectiva de que o homem é considerado um ser social. E como tal, é ao mesmo tempo, constituído e constituinte de relações sociais. Para as autoras, a partir desse pressuposto é possível compreender que o psiquismo do ser humano ocorre, ou se constrói, por meio de interações entre o indivíduo e a sociedade na qual ele está inserido. Assim, sob esse olhar, podemos considerar que a noção de subjetividade constitui um fenômeno interdependente, que ocorre em um sistema complexo, na relação do individual com o social. Nessa mesma perspectiva, Lima (2012, p. 45) contribui ao afirmar que “[...] o ser humano é a síntese entre o particular e o universal, entre o individual e o coletivo, entre o subjetivo e o objetivo, uma vez que assumimos este ser humano como um ser sócio-histórico, produto e produtor de sua vida material e da sociedade”. Nesse sentido, ao pensarmos sobre o indivíduo-professor, onde, tanto na sua trajetória de formação, quanto em sua atuação como profissional da educação, suas percepções são influenciadas pelas representações sociais e sua subjetividade. Ou seja, ao mesmo tempo que é influenciado, esse indivíduo influencia o seu meio.

Nesse processo de construção da subjetividade, outro aspecto importante merece destaque. Para Silva et al (2017), “[...] a subjetividade é entendida como um sistema de significações e de sentidos, construídos pela história de vida do sujeito, e se desenvolve principalmente a partir das necessidades e experiências da pessoa com o meio. Os processos de

sentido e de significação, portanto, são singulares” (SILVA et al, 2017). Mais uma vez Lima (2012) contribui para essa reflexão, pois segundo ela:

O sujeito, na relação com o outro e, através da atividade humana, produz e apreende significados, atribui sentidos pessoais sobre estes significados. É um ser social, histórico e ativo na relação de produção da objetividade e da subjetividade, cujas características são as de um sujeito racional, sensível, intuitivo, imaginativo, criativo, participativo e comprometido com uma prática social” (LIMA, 2012).

É possível identificar nos apontamentos de Silva, assim como nos de Lima, que tais perspectivas apresentadas se complementam, e mostram uma centralidade importante para a discussão da subjetividade. Segundo as autoras, a subjetividade pode ser entendida como um sistema de sentido e significação. E esse sistema é construído no indivíduo durante sua trajetória de vida. Lima, vem ao encontro dessa perspectiva das autoras, pois considera que, em sua rotina de atividades e nas relações estabelecidas no dia a dia, o indivíduo internaliza significados do meio em que está inserido - ele atribui sentidos pessoais a esses significados. Ou seja, há uma troca nesse meio.

Antes de seguirmos, importante apresentar algumas definições sobre as palavras “sentido” e “significação” que utilizamos a pouco. Segundo Silva et al (2017), “Sentido” está ligado ao pensamento e a linguagem. Ou seja, é o que a palavra dita pelo indivíduo define, e as imagens que se relacionam ao que o indivíduo diz. E sobre a “Significação”, podemos afirmar que é aquilo que o sujeito pensa, compreende e sabe sobre algo. A significação, portanto, possibilita ao indivíduo organizar e compreender suas experiências, de forma única.

As questões sobre o processo de construção da subjetividade do indivíduo constituem-se como tema importante e muito abrangente, um campo valioso para a pesquisa em diversas áreas do conhecimento. Como nosso objetivo nesta pesquisa, busca abordá-lo na perspectiva da subjetividade docente, neste ponto então, buscaremos dar contornos aos aspectos que mais nos interessam nesse tema.

O que pretendemos dar clareza nessa reflexão diz respeito ao papel do professor em seu contexto de trabalho. Como indivíduo que é, e como os demais em seu meio, ele experimenta em sua trajetória a construção de sua própria subjetividade. Esse indivíduo-professor está imerso num processo contínuo de interações com o seu meio, influenciando-o, e sendo influenciado por ele. Lima (2012) reforça essa noção quando diz que ele (o indivíduo) é produto e produtor em meio a sociedade em que vive. Neste ponto, compreendemos então que o professor, enquanto indivíduo em um ambiente, podendo inclusive ser o seu próprio ambiente de trabalho, vive uma dinâmica de interações. Para Silva et al (2017), “[...] o professor constrói e reconstrói seus conhecimentos a partir de suas experiências, história de vida e suas relações.

Sua atuação profissional engloba esta contínua construção de saberes, na qual a troca de conhecimentos com os alunos e outros profissionais é essencial”. Dessa forma, o trabalho docente não parte apenas de uma estrutura curricular e dos conhecimentos adquiridos durante sua formação, mas ele incorpora em suas práticas educativas, e naquilo que transmite a outros, a sua própria história de vida, seus sentidos e suas significações. Assim, considerando essa reflexão, pretendemos estabelecer uma relação entre a subjetividade do professor, tendo em vista sua importância na vida desse profissional, com as dinâmicas que ocorrem dentro do campo privado do ensino superior.

Assim, retomemos ao início de nossa abordagem para recordar que esse indivíduo-professor tem sofrido certa pressão em seu trabalho. Isso tem ocorrido devido a modelos de gestão, nos moldes de mercado, adotados por instituições de ensino superior. Essa prática, como já dito por Ball (2004), implica no trabalho e na carreira docente, pois o que temos nesse contexto é uma mudança nos próprios padrões educativos. Dessa forma, não só o trabalho do professor se vê comprometido, mas também a sua subjetividade. Nessa perspectiva, o sistema vigente (da prática educativa no ensino superior), exige do professor uma nova postura profissional, outros comportamentos, pois o que está em pauta muitas vezes, são os resultados corporativos. Assim, o indivíduo-professor, bem como suas práticas educativas, e principalmente sua subjetividade, passam a ficar subordinadas a outros interesses, sujeitas à “captura” da subjetividade. Como já mencionamos, isso ocorre devido às mudanças nos padrões educacionais. Novamente, cabe nessa reflexão, considerar que tais mudanças nesses padrões vão ao encontro das proposições de Schultz, sobre a importância da educação, como ferramenta para o desempenho de uma economia.

O termo “captura” da subjetividade foi identificado em alguns estudos acadêmicos, entre eles, na tese de doutorado de Liliana Aparecida Lima (UNICAMP), intitulada *Os impactos das condições de trabalho sobre a subjetividade do professor de ensino superior privado de Campinas*, e no ensaio de Giovanni Alves (professor da UNESP/SP), com o título *Trabalho, subjetividade e capitalismo manipulatório – O novo metabolismo social do trabalho e a precarização do homem que trabalha*. O uso desse termo tem como objetivo, ajudar a refletir sobre um ponto importante nesta dissertação, que trata, entre outras questões, acerca da apropriação da subjetividade docente, por parte do sistema capitalista.

A discussão sobre a “captura” da subjetividade docente é a última abordagem dentro deste tópico, como já havíamos mencionado. Alves (2011) dirá que:

É importante destacar que, ao dizermos “captura” da subjetividade, colocamos “captura” entre aspas para salientar o caráter problemático (e virtual) da operação de

“captura”, ou seja, a captura não ocorre, de fato, como o termo poderia supor. Estamos lidando com uma operação de produção de consentimento ou unidade orgânica entre pensamento e ação que não se desenvolve de modo perene, sem resistências e lutas cotidianas (ALVES, 2011).

A partir das considerações de Alves, compreendemos que a expressão “captura” não deve ser considerada como o termo sugere, no sentido da palavra – inclusive por esse motivo é que ele a coloca entre aspas. Segundo o autor, esse processo de captura está envolvido de um ato de consentimento, que não está isento de resistência e lutas no cotidiano. A hipótese nesta pesquisa, propõe que o professor, como indivíduo social que é, possui sua subjetividade (construída durante sua história de vida) - e essa subjetividade é utilizada por ele, mesmo que inconscientemente, em sua prática educacional. Como bem disse Lima (2012) em outros parágrafos desse texto, esse indivíduo está imerso numa dinâmica de interações na qual influencia e é influenciado, atribuindo sentidos pessoais aos significados do seu dia a dia. Ou seja, ele é produto e produtor em seu meio.

A questão da subjetividade é inerente ao indivíduo-professor, estando ela, presente e sendo construída nas interações diárias desse indivíduo - tanto socialmente, quanto profissionalmente. Assim, trazendo para o campo de análise, no caso o ensino superior privado, é possível observar que tal subjetividade corre o risco de ser saqueada, como diz Ball (2004). Ou mesmo, como afirma Alves (2011), sujeita a ser “capturada”. O autor ainda nos diz que esse processo ocorre com consentimento do indivíduo-professor, mas há, por parte dele, uma resistência à essa imposição feita. Então, é possível inferir que todo esse processo de apropriação da subjetividade docente compromete a forma como ele exerce suas tarefas, haja vista sua subjetividade deva ficar submetida aos interesses corporativos. Mas afinal, o que representa a subjetividade na prática docente? Ou, o que se perde com a apropriação do capital sobre ela? Para responder a essas perguntas, apoiamo-nos nas proposições de Silva et al (2017) quando dizem que, no processo de construção da subjetividade “[...] as crenças e as práticas dos membros de uma sociedade servem de impulso para a criação de novas categorias, modificações e reconfigurações de estruturas sociais” (SILVA et al, 2017). E ainda, que o professor, através de suas experiências adquiridas no decorrer da vida, consegue atribuir sentidos em suas práticas de ensinar e aprender, aprimorando novas abordagens e perspectivas para a prática do ensino.

É possível observar então, que essas questões relacionadas à subjetividade docente, no que concerne aos riscos que ela corre, estão intimamente ligados aos modelos atuais de gestão, adotados pelas instituições de ensino. Como havíamos dito no início deste capítulo, Mancebo (2010) considera que os modelos de gestão das universidades estão cada vez mais próximos aos modelos das empresas de mercado. Assim, a verdadeira função da universidade, voltada para a

formação humana e a produção de conhecimento para a sociedade, se vê esvaziada desse sentido. Como consequência, o professor que se encontra nesse meio, vê o seu trabalho, suas tarefas e sua carreira, também comprometidos.

2 O RECURSO METODOLÓGICO HISTÓRIAS DE VIDA

Esta é uma etapa importante que passamos a escrever, pois vamos falar um pouco sobre os recursos que procuramos utilizar na investigação proposta na pesquisa. A literatura, como um recurso nesse campo do conhecimento, tem se demonstrado importante na tarefa de pensar o trabalho e a carreira docente. Mas também, por meio de outro recurso fundamental (histórias de vida), tem sido possível uma aproximação, e ao mesmo tempo, um olhar particular sobre esse ator, o professor do ensino superior. Dessa forma, temos como objetivo neste capítulo, considerar a importância singular da história de vida, como metodologia válida para as ciências sociais.

Em seu texto sobre o método autobiográfico e histórias de vida, Bueno (2002) trata sobre temas relacionados à subjetividade dos atores sociais. Para a autora essa é uma importante alternativa de investigação, uma vez que desperta o interesse de pesquisadores, e por outro lado, provoca uma ruptura com modelos tradicionais até então utilizados no campo das ciências. Ela reforça essas ideias, pois em seus apontamentos, denota que tal interesse representa a expressão de um movimento mais amplo, que diz respeito “[...] às mudanças paradigmáticas e às rupturas que se operam no âmbito das ciências sociais no decorrer do século XX” – Bueno menciona neste caso sobre os métodos tradicionais que geralmente são utilizados em pesquisas. Essa forma de pensar e conduzir a pesquisa, é motivo de críticas por parte de alguns, mas também, motivo de entusiasmo por parte de outros. Nesse sentido, apresentamos aqui, algumas considerações de Belmira Oliveira Bueno, professora da faculdade de educação da USP, e cujos escritos têm contribuído para destacar a importância desse tipo de abordagem (histórias de vida) como recurso metodológico. A autora, da qual neste texto fazemos uso recorrente de suas abordagens, destaca sobre estudos recentes quanto a formação de professores, e que de maneira especial, uma certa ênfase tem sido dada sobre a pessoa do professor. Bueno ressalta que pelo menos antes dos anos 80, esse aspecto foi ignorado no campo das ciências. Considera ainda que:

Ora, são transformações desta ordem que, pondo em questão os pressupostos da ciência clássica no âmbito das próprias ciências físicas e biológicas, contribuíram para alimentar certas resistências aos métodos e modelos mais tradicionais de investigação que já haviam aflorado no interior das várias ciências humanas (BUENO, 2002, p. 13).

Bueno propõe em sua abordagem, portanto, uma resistência, um afastamento dos métodos de investigação tradicionais das ciências, e dessa forma, destaca o interesse e a valorização da subjetividade presente nos atores sociais, como centralidade para uma nova abordagem investigativa. A autora argumenta ainda que esses aspectos representam um olhar amplo, das diversas ciências, inclusive das ciências sociais, e não sendo de interesse tão somente, de uma área do conhecimento em particular. Constitui-se como uma ruptura nos padrões, de uma forma geral, no campo das ciências. Vale destacar que, Bueno sinaliza que esse processo ocorreu durante o século XX, e que o mesmo, não se deu de forma homogênea. Mas sim, as diversas ciências foram se abrindo para essa nova possibilidade, considerando suas necessidades e problemas particulares.

A partir dos aspectos tratados acima, buscamos demonstrar a importância que tem sido dada às histórias de vida, como recurso de investigação em diversos campos das ciências, entre eles, o das ciências sociais. Abrimos um espaço para compreender acerca do indivíduo, sua relação com a sociedade, assim como a sua condição de vida e visão de mundo, da sua própria realidade social. Nesse sentido, para um melhor entendimento, fazemos uso um pouco mais das proposições de Bueno (2002), pois segundo ela, essa forma diferente de investigação requer prudência, pois afinal isso é desejável, uma vez que para muitos campos do conhecimento, isso é novidade. No entanto, a autora reforça que, não há dúvidas quanto aos benefícios e resultados advindos desse recurso metodológico (histórias de vida), dessa alternativa. Complementa ainda que, o prazer do próprio indivíduo, em fazer a sua narrativa, é algo que proporciona a constituição de sua memória pessoal e coletiva.

Vejamos que, Bueno apresentou aspectos importantes, onde, o indivíduo ao fazer o relato de si próprio, apresenta não somente sua trajetória de vida e sua experiência no campo da educação, mas também, sua vivência e sua forma de ver o mundo. E como bem disse a autora, sua memória como indivíduo e como coletivo. A riqueza de informações contida nos relatos pessoais, e que projetam tais memórias individuais e coletivas, só pode ser percebida e capturada, segundo Paulilo (1999), por meio de uma abordagem qualitativa. E ainda, que “o universo não passível de ser captado por hipóteses perceptíveis, verificáveis e de difícil quantificação, é o campo, por excelência, das pesquisas qualitativas” (PAULILO, 1999). A autora dirá ainda que “a imersão na esfera da subjetividade e do simbolismo, firmemente enraizados no contexto social do qual emergem, é condição essencial para o seu desenvolvimento” (PAULILO, 1999). Este é um contexto rico para o uso do método histórias de vida, e que a autora dirá mais a frente, destaca-se dentro da pesquisa qualitativa.

Nos escritos de Bueno é possível considerar que o indivíduo se constitui como único, e está inserido em uma sociedade. Nessa sociedade ele reproduz práticas que representam o próprio coletivo. É possível então notar nas ideias da autora, que apesar de o indivíduo ser único, ele reproduz o seu próprio coletivo. Logo, não se deve considerar que há uma separação entre o individual e o social. Essa perspectiva pode também ser apoiada nas considerações de Norbert Elias, ao dizer que, “[...] na realidade não existe esse abismo entre o indivíduo e a sociedade. Ninguém duvida de que os indivíduos formam a sociedade ou de que toda sociedade é uma sociedade de indivíduos. (NORBERT, 1994, p. 14). Este é um ponto central na reflexão de Norbert, ao propor que os indivíduos formam a sociedade na qual convivem, ao mesmo tempo, essa sociedade é formada por indivíduos. Nesse sentido então, podemos retomar um pouco antes deste ponto, e resgatar as ideias de Bueno - sobre o indivíduo que forma sua memória individual, mas que ao mesmo tempo forma uma memória coletiva, da sociedade em que vive. Em outras palavras, conforme Paulilo (1999), “[...] o processo de “escavação do microcosmo” deixa entrever o “macrocosmo”, o universal mostra-se invariavelmente presente no singular”.

Como já mencionamos no início deste capítulo, o objetivo aqui, entre outras questões, é dar o destaque merecido ao recurso metodológico histórias de vida, como alternativa que pode contribuir significativamente para as pesquisas no campo das ciências sociais. Nesse sentido apresentamos então, uma importante contribuição de Paulilo. Segundo a autora:

São muitos os métodos e as técnicas de coleta e análise de dados em uma abordagem qualitativa e, entre eles, a história de vida ocupa lugar de destaque. Através da história de vida pode-se captar o que acontece na intersecção do individual com o social, assim como permite que elementos do presente se fundam a evocações passadas. Podemos, assim, dizer, que a vida olhada de forma retrospectiva faculta uma visão total de seu conjunto, e que é o tempo presente que torna possível uma compreensão mais aprofundada do momento passado (PAULILO, 1999, p.5).

A partir das palavras de Paulilo é possível reforçar ainda mais sobre a potência das histórias de vida, como relevante alternativa de método científico, para as diversas áreas das ciências. Importante ainda, devemos considerar nas proposições da autora, acerca da intersecção que há, entre o indivíduo e o seu meio (seu social). Esse é um aspecto central das histórias de vida, uma vez que esse encontro, ou essa junção, e poderíamos ainda dizer, essa ligação que há (entre o ator e o seu meio), denota o entrelaçamento que há entre as histórias - tanto do individual, quanto do coletivo (uma diz sobre a outra, e ambos se completam). Como menciona a autora, na pesquisa qualitativa muitos são os métodos e as técnicas para se fazer a coleta e análise dos dados. No entanto, um ponto importante a ser lembrado, diz respeito à centralidade e o destaque que ocupam as histórias de vida. Para Paulilo (1999), o que valida

mais ainda essa centralidade, é o fato da história de vida se constituir como “[...] uma ferramenta valiosa exatamente por se colocar justamente no ponto no qual se cruzam vida individual e contexto social” (PAULILO, 1999).

As histórias de vida como método, se juntam ao problema desta pesquisa, e cujo momento, podemos dizer, se dá de forma oportuna – uma vez que, tanto um quanto outro, possuem algo valioso a oferecer. Por um lado, o método, cuja importância tentamos justificar anteriormente, e que possibilita conhecer o social a partir do individual. E por outro lado, a perspectiva docente sobre seu mundo do trabalho, sobre sua carreira – uma vez que isso se dá em meio à um contexto de conflitos, e cheio de mudanças, que impactam diretamente em suas vidas. Essa junção, portanto, de problema e método se constitui a partir dos relatos de docentes, sobre suas histórias de vida, e cujo objetivo central desta investigação, se dá, na compreensão de como esses atores percebem suas carreiras de docentes, suas rotinas de trabalho. Nesse aspecto, o método é valioso, pois ajuda na coleta dos dados necessários, proporcionando não só a visão de mundo desse ator, mas o entendimento de um fenômeno social, pois como nos diz Paulilo, há entre o individual e o social, uma intersecção.

2.1 PERSONAGENS DA EDUCAÇÃO E SUAS HISTÓRIAS DE VIDA

Na abordagem inicial do capítulo 1, procuramos destacar que o campo educacional tem sido enredado em um movimento de apropriação por parte do sistema capitalista. Nesse contexto, há pressupostos de que a educação superior tem presenciado um comprometimento do seu papel na formação humana e instituição da sociedade, em detrimento aos modelos de gestão, baseados no mercado. Esse caráter social das instituições de ensino superior é muito bem comentado por MANCEBO (2010), no entanto, esse movimento de apropriação tem acarretado prejuízos à educação no que diz respeito ao seu verdadeiro papel social. Por outro lado, destacamos aqui, que nesse contexto temos alguns atores envolvidos. E nessa pesquisa procuramos então dar centralidade, ou seja, concentrar o foco dos estudos, no professor do ensino superior. Uma vez que consideramos os efeitos sobre a educação, provenientes desse contexto mencionado, devemos considerar também os efeitos que derivam sobre o trabalho e a carreira docente. Como destaca Ball et al (2013), nesse cenário o que se busca como objetivo são as metas comerciais, com vistas aos lucros possíveis. Logo, os objetivos educacionais passam para um segundo plano – o que produz efeitos consideráveis nos padrões educacionais, conseqüentemente, no cotidiano docente e no seu trabalho.

Já no início deste capítulo 2, procuramos justificar o uso de histórias de vida como importante recurso metodológico para a investigação no campo das ciências sociais, e com especial atenção para o campo da educação e do trabalho, através de abordagens junto aos professores. Desta forma, mais do que compreender os fatos que envolvem a dinâmica que ocorre no campo do ensino superior, é compreender como o professor percebe seu trabalho em meio a esse contexto que ele mesmo está inserido. Cabe destacar, porém, que a educação em si constitui um importante mote para pesquisas em diversas áreas. No entanto, aproximar-nos do professor e colher seus relatos, sobre como percebe seu entorno, como trata de sua rotina de trabalho e carreira, diante do ambiente que o circunda, indica uma causa urgente, considerando seu papel central na educação. E ainda, permite um outro olhar sobre a problemática educacional. Assim então, o recurso metodológico e os relatos docentes sobre como percebem seus trabalhos nesse meio, se encontram e se somam para a construção de uma visão sociológica desse fenômeno.

Este tópico que estamos abordando tem como proposta tratar sobre os atores da educação e suas histórias de vida. Como já foi dito, o professor ocupa o centro dessa pesquisa. Assim, mais adiante, vamos fazer uma breve apresentação desses atores, aos quais tivemos a oportunidade de ouvir. Mas, antes mesmo disso, pensemos um pouco a partir do texto de Paulilo sobre *A pesquisa qualitativa e a História de vida*. Nele, a autora destaca que toda história de vida contém em si um conjunto de depoimentos. E que, apesar de o pesquisador ter escolhido o assunto a pesquisar, bem como ter elaborado o roteiro e as perguntas a se fazer, é o narrador que decidirá o que será narrado. Isso nos leva a pensar sobre as possibilidades de aproximação junto ao professor que as histórias de vida proporcionam. Mas como menciona a autora, o pesquisador indica o tema e organiza a sua pesquisa, mas ao final, quem relatará sua própria história será o narrador. Mais uma vez vemos aqui a importância dessa intersecção, desse ponto de contato e de encontro: entre aquele que entrevista e àquele que é entrevistado. Onde, o que importa e o que se espera das narrativas das histórias de vida, é que cada qual relate o que traz consigo, sua própria história.

Nos parágrafos que seguem, buscaremos dar voz aos personagens desta pesquisa a partir dos relatos de cada um, sobre suas trajetórias de vida. Esse olhar, essa leitura da vida do outro, desses personagens tão inseridos em seus meios sociais, é um momento valioso desta pesquisa. Segundo Paulilo, quando o discurso flui de forma livre, ele se torna fundamental para que vivências pessoais desponham, de forma profunda, entranhadas no social. Isso nos dá condições de conhecer, o que a autora chama de “macrocosmo”, a partir do “microcosmo”. E esse conhecer se dá através da interpretação desses relatos, e que bem nos confirma Paulilo (1999),

que a história de vida pode ser “[...] considerada instrumento privilegiado para análise e interpretação, na medida em que incorpora experiências subjetivas mescladas a contextos sociais” (PAULILO, 1999). Assim, as histórias de vida nos dão um pouco de seus narradores, um pouco daquilo que suas vidas contam, sendo isso, o que buscamos nesses personagens: uma memória individual, mas também social.

Antes de seguirmos para o nosso próximo tópico, onde trataremos dos relatos dos personagens, gostaríamos de apresentar brevemente a estrutura metodológica utilizada para a produção desses relatos. Como já abordado, o método Histórias de vida foi o método escolhido para ajudar na desafiadora tarefa de se pensar, a partir da perspectiva individual, algumas questões sociais. Para isso, fizemos uso da técnica de entrevista, importante recurso para a interação com os personagens, na coleta de seus relatos. Os estudos nesse campo do conhecimento, em que tratam desse tipo de recurso metodológico, recomendam que o momento da entrevista seja o mais livre possível. Livre no sentido de deixar o entrevistado falar, sem a interferência do entrevistador. Em seu livro *A Voz do passado: história oral*, Paul Thompson (1998) faz essa recomendação. Segundo o autor, quanto menos a fala do entrevistado for moldada pelas perguntas do entrevistador, melhor será. Ao mesmo tempo Thompson alerta que, uma entrevista inteiramente livre não deve existir. De início, no momento da entrevista, isso já ficará evidente, pois o entrevistador deverá apresentar um contexto social ao entrevistado. Nesse momento serão estabelecidos os objetivos, informando por que está ocorrendo aquela entrevista. Assim, segundo Thompson, de início, uma pergunta deverá ser feita, pois isso dará indícios, juntamente com a contextualização, sobre o que será tratado naquele momento de conversas.

Além das recomendações para se evitar a interrupção da fala do entrevistado, procurando assim, deixá-lo falar livremente, Thompson sugere a organização de um roteiro prévio, a ser utilizado durante a entrevista. Isso pode ser feito com a elaboração de alguns temas que ajudarão a dar um direcionamento no momento da entrevista. Segundo o autor, vale a pena organizar uma sequência com os tópicos que serão utilizados durante a conversa, e pensar sobre as possíveis perguntas a se fazer. Nesse sentido, reservamos este espaço para descrever um pouco, como foi organizada nossa abordagem junto aos dois personagens, Joana e Pedro. Seguindo os modelos sugeridos em nossos estudos sobre a metodologia de pesquisa, a condução das duas entrevistas realizadas deu-se por meio de um roteiro previamente organizado. Logo abaixo temos a sequência de tópicos, que ajudaram a nortear o momento da entrevista:

- **AGRADECIMENTO** ao entrevistado pela contribuição à pesquisa; informando-o de que a entrevista seria gravada, no entanto, que sua identidade seria preservada;
- **APRESENTAÇÃO** de informações gerais sobre a pesquisa, dizendo ao entrevistado à qual instituição de ensino ela estava vinculada;
- **ORIENTAÇÕES** ao entrevistado sobre os objetivos gerais da pesquisa;
- **CONTEXTUALIZAÇÃO** e pergunta norteadora: nesse momento, o entrevistador contextualizou o tema geral da pesquisa e na sequência fez uma pergunta inicial ao entrevistado.

O entrevistador deu sequência na entrevista, direcionando-a com os seguintes tópicos:

- **CARREIRA DOCENTE:** neste tópico foram norteados temas como vocação docente; tempo de docência; formação; questões financeiras (recursos para o sustento pessoal a familiar; recursos para investimento na formação, como a realização de doutorado; compensação financeira frente à dedicação dispensada na trajetória profissional);
- **TRABALHO DOCENTE:** neste tópico foram norteados temas como carga horária de trabalho; autonomia no trabalho; sala de aula; autoridade do professor; subjetividade e identidade; contribuições do trabalho docente para a sociedade;
- **MUDANÇAS NO CONTEXTO DE ATUAÇÃO:** neste tópico foram norteados temas como comportamento (alunos, colegas de trabalho, instituição); tecnologia; metodologias de ensino (EAD/Presencial); exigências no contexto atual.

Por fim, após serem abordados os tópicos acima descritos, fomos para as considerações finais. Nesse momento foram trabalhadas algumas palavras-chave, procurando colher do entrevistado suas percepções sobre temas, como: valores; medos, incertezas, perspectivas futuras sobre trabalho e carreira docente. Ao final o entrevistador deixou um espaço para que o entrevistado fizesse seus comentários sobre algum tema de seu interesse, que porventura não tivesse sido tratado durante a entrevista. Após esse momento, foram feitos mais alguns agradecimentos ao entrevistado, por ter destinado parte de seu tempo para aquela entrevista. Assim, a entrevista foi encerrada.

A descrição sobre a organização do roteiro da entrevista, acima apresentada, buscou demonstrar como se deu a condução, desse que foi, o principal momento ocorrido durante o acesso ao campo. O contato com os professores foi significativo, pois ao mesmo tempo em que

demos vós a esses dois personagens tão importantes no contexto educacional, foi possível confirmar, no método Histórias de vida, sua singular contribuição para o desenvolvimento desta pesquisa.

Como havíamos dito, vamos contar sobre os personagens que tão generosamente nos mostraram suas histórias e contribuíram para esta pesquisa. Pretendemos situar esses personagens neste texto, mostrando quem são esses interlocutores, e a trajetória de vida que os constituiu professores. Como nos indica a ética, não é permitido aqui revelar as verdadeiras identidades desses personagens, até porque isso faz parte de um acordo prévio entre o entrevistado e o pesquisador (esse é o procedimento solicitado pelo comitê que analisa a ética da pesquisa⁵). Esse procedimento, não compromete em nada os resultados da pesquisa. São dois personagens, ou também podemos dizer, dois atores sociais que vamos, a partir de agora, caracterizá-los com os seguintes nomes: Joana e Pedro.

2.1.1 Os relatos de Joana: das memórias da escola ao ingresso no ensino superior

Nossa primeira personagem é a Joana, professora que exerce suas atividades no ensino superior desde 2005. Antes de prosseguirmos, importante se faz mencionar os motivos da escolha de um indivíduo com o perfil de nossa personagem. Tal escolha se deu por conta de alguns aspectos que julgamos importantes. Tanto para a coleta dos dados, quanto pelo que as narrativas dela poderiam contribuir para responder aos questionamentos feitos nesta pesquisa. Joana possui certa vivência na docência do ensino superior (ensino presencial e a distância), o que pode ser percebido por sua trajetória de quinze anos no campo educacional, todo ele na iniciativa privada. Esse perfil, acreditamos, permite-nos compreender e analisar uma dada perspectiva desse profissional, sobre seu meio, e como vê seu trabalho. A questão do gênero feminino também é outro aspecto que consideramos importante nessa abordagem, o que permite olhares diferentes sobre o trabalho docente. O mesmo, buscamos ao escolher alguém com o perfil de Pedro, nosso segundo personagem. Ele é um pouco mais jovem do que Joana, e possui uma trajetória mais curta no campo do ensino superior. A variação no gênero do entrevistado e seus aspectos geracionais, contribuem, juntamente com sua visão de mundo e de seu trabalho, para uma outra perspectiva do fenômeno estudado.

⁵ Esta pesquisa foi submetida ao Comitê Permanente de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Maringá (UEM) em 2019 e foi aprovada sob o parecer de número 3.996.062. A validação do mesmo pode ser feita através do seguinte endereço eletrônico: <http://plataformabrasil.saude.gov.br/login.jsf;jsessionid=0AF4CDBCA696CBB9BC0283E7BBB3F85B.server-plataformabrasil-srvjpdf130>

O primeiro contato com Joana ocorreu no dia 28 de janeiro de 2020, no qual mencionamos sobre a pesquisa que iríamos realizar. Ela, prontamente nos disse que estava à disposição⁶, e que seria um prazer poder contribuir. Após alguns dias de conversas, que se deram por meio do aplicativo *WhatsApp*, conseguimos então marcar uma data para a entrevista. Como era início de ano letivo, a agenda de Joana estava um pouco congestionada, com várias reuniões de trabalho previstas e outras ocorrendo naquele período. Esse momento do contato coincidiu com o período de férias de seus filhos, logo não tinha com quem deixá-los, para poder participar da entrevista. Após algumas tentativas, o encontro foi marcado para 16 dias após o primeiro contato. Ou seja, no dia 13 de fevereiro foi possível então colher os relatos da nossa personagem. No momento do contato foi sugerido para Joana as possibilidades de realizarmos a entrevista em sua própria casa, em algum local de sua preferência ou mesmo em minha residência. Como eu dispunha de um escritório para reuniões no prédio onde moro, Joana e eu achamos então que seria mais apropriado. Assim, conforme combinado, no dia e hora marcados (14horas) nossa entrevistada chegou ao local da entrevista para conversarmos.

Joana nasceu e sempre viveu na cidade de Maringá. Tem 38 anos, é casada e tem dois filhos, um com 1 ano de idade e outro com 9 anos. Ela nos relatou que seu esposo também é professor, ministrando aulas em cursos vinculados à área da saúde. Durante sua narrativa Joana deu uma risada, dizendo que ela acabou influenciando seu marido a ser professor. E completou: “[...] aqui em casa tem uma menininha que fala que vai ser professora de educação infantil... quer ser professora e que ela quer cuidar de crianças...”. Nesse momento Joana refere-se à sua filha mais velha, de 9 anos. Pelo visto nossa personagem tem influenciado aqueles que estão ao seu redor, no ingresso da carreira docente – ou pelo menos a começar a pensar nela.

Além dela e de seu marido, Joana mencionou que em sua família uma tia, irmã de sua mãe, também foi professora. Formada em Letras pela Universidade estadual de Maringá (UEM)⁷, deu aulas até o momento em que se casou e teve filhos. Segundo Joana, isso era comum para a época: ao se casar, a mulher passava a se dedicar somente para a família e os filhos, deixando de lado os afazeres na profissão. Em suas memórias daquela época, a tia

⁶ Importante ressaltarmos sobre a disposição de Joana em nos atender. Em todos os momentos de contato para o agendamento da entrevista, ela se demonstrou disposta. Foi possível perceber também seu interesse pela pesquisa, pela possibilidade de ser ouvida, de contribuir sobre um tema que diz respeito a educação e a um de seus principais personagens, o professor.

⁷ Universidade estadual de Maringá – UEM: Fundada por decreto de lei em 28 de janeiro de 1970. Foi criada a partir de três instituições isoladas (Faculdade estadual de ciências econômicas; Faculdade de Direito e Faculdade de filosofia e do Instituto de Ciências exatas e tecnológicas). Outras informações sobre a UEM podem ser consultadas no seguinte endereço: http://www.noticias.uem.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12878:uem-40-anos-de-historia-&catid=986:pagina-central&Itemid=101

relembra com orgulho sobre o fato de ter sido laureada no curso de Letras. Algo que, segundo Joana, não era muito comum naquele tempo. E até hoje, se questionada sobre a língua portuguesa, ela (a tia) sabe responder. Joana disse que sua tia não deu aula na educação infantil, mas sim, no ensino fundamental e médio.

Ao falar sobre sua vocação para professora, nossa entrevistada responde: “eu acho que eu nasci para ser professora, mas eu nunca admiti que eu queria ser professora” (JOANA, entrevista concedida em 2020). Relembra que desde pequena brincava de escola, ajudando seus amigos a estudarem (essa pareceu ser uma memória forte de Joana, que percebemos durante algumas partes da sua narrativa). No entanto, apesar desses elementos indicativos de uma possível vocação se manifestar à época, ela recorda que “batia os pés”, e dizia que não seria professora – somava-se a isso, segundo ela, a pressão familiar sobre os poucos ganhos financeiros nessa profissão. E assim seguiu a vida de Joana, formou-se em publicidade, e como num ciclo natural, assim como tantas outras pessoas, foi para o mercado de trabalho, exercendo suas atividades em agências de publicidade. Mas antes de prosseguirmos, vamos retornar um pouco no tempo, recordando algumas memórias de nossa personagem, de seus tempos de escola. Assim, poderemos conhecer um pouco mais sobre sua história, como se deu a sua formação e compreender um pouco sobre como se tornou professora.

Segundo Joana, a trajetória de seus estudos, da educação infantil até o ensino médio, ocorreu toda em uma mesma escola. Ela estudou em uma tradicional escola particular, fundada há 52 anos na cidade de Maringá. Ela mencionou que tem um irmão mais novo do que ela, e que também estudou a vida toda no mesmo colégio. Formou-se em Administração e fez pós-graduação, ambos em faculdade particular da cidade. Joana disse, no entanto, que não se recorda em qual área seu irmão fez a pós-graduação. Ele não quis seguir na mesma profissão da irmã, e atualmente possui uma garagem de revenda de carros, algo que ele sempre gostou de fazer. Para Joana os tempos de estudo nesse colégio foram importantes, pois contribuíram, não somente para o seu aprendizado, mas também para a sua formação pessoal, emocional, de seus valores e princípios. Formação essa que ela atribui ao fato de ser um colégio religioso (coordenado por irmãs de uma congregação religiosa, presente em outros estados brasileiros). Ela disse ter boas memórias dos tempos passados no colégio, lembranças de amizades que construiu naquela época, e que se fazem presentes até hoje. Mesmo que distantes, ela e seus amigos acabaram construindo uma rede de suporte, de apoio e de amizade. Nesse momento da narrativa, Joana se lembra das dificuldades nos estudos, principalmente em relação às

disciplinas de cálculo, mas que foram resolvidos sem problemas. Destaca ainda o apoio recebido da família, em relação aos estudos⁸:

eu sempre tive incentivo da minha família pra estudar... Meus pais sempre me falaram estuda, depois você se forma, tem uma profissão, aí você vai viver sua vida. E sempre tive esse apoio... eles sempre me apoiaram muito, sempre acompanharam todos meus estudos. Até na faculdade vendo nota, como que tava...se eu faltava, porque eu faltava...e eu acho que isso me deu um suporte pra estudar o tanto que eu estudo hoje e ser como eu sou hoje. (JOANA, em entrevista concedida em 2020).

Em meio aos relatos de Joana foi possível observar a importância de seus estudos terem sido realizados na escola que frequentou. Por toda sua formação adquirida no período que por lá passou, que inclusive contribuiu em relação aos valores e princípios aprendidos. O apoio da família foi outro ponto ressaltado por Joana. Segundo ela, as orientações de seus pais, sobre os passos que deveria seguir até o momento de viver sua vida, e o acompanhamento em suas fases de estudo, inclusive até à faculdade, foram importantes para ela ser quem é hoje.

Nos relatos de nossa entrevistada, sobre suas memórias da época do ensino fundamental, ela menciona ter boas lembranças daqueles que foram seus professores, e do aprendizado por eles proporcionado. No entanto, segundo ela, é do ensino médio, realizado nos anos de 1996, 1997 e 1998, que vem suas memórias mais fortes. Uma de suas lembranças, remete à sua professora de História, que era carioca. Inclusive encontra com ela pelas ruas até os dias de hoje. Joana contou que, certa vez, no primeiro dia de aula, sua professora perguntou quem não gostava de História, e ela respondeu que não gostava. Sua professora então virou e disse, “eu vou fazer você gostar” (JOANA, 2020). Apesar de sua falta de interesse na disciplina, nossa personagem mencionou que realmente sua professora acabou conseguindo cumprir o que havia dito a ela. Ao sair do ensino médio, ela (Joana) estava gostando de História. Inclusive em sua primeira graduação, que foi em comunicação social, muito podia ser visto dessa disciplina, em textos que envolviam a história da comunicação.

Outra memória de Joana, de seu tempo de estudos no ensino médio, recorda a pessoa do seu professor de Língua portuguesa. Segundo ela, uma de suas características marcantes era o fato de ele chegar em sala de aula e começar a recitar poesias. Apesar de ser uma pessoa muito séria e brava, ao pegar seus livros de poesia e recitá-los durante às aulas, todos os alunos ficavam encantados. Joana destaca que, o que encantava era a forma como ele fazia isso, e disse que era um excelente professor, e que a marcou muito. Nos relatos de Joana, sobre seus tempos no colégio, esses professores foram fundamentais para muitas escolhas que fez, pois relembra de ótimas experiências que teve, e dos incentivos para os estudos que recebia deles. Segundo

⁸ Entrevista concedida pela professora Joana em 2020.

ela, esse período do ensino médio foi um tempo em que começou a pensar sobre o futuro, o que iria fazer no campo dos estudos e da profissão. E nesse aspecto, os conselhos desses professores foram importantes. O final dos estudos no ensino médio, tanto de Joana, quanto de seu irmão, foi realizado por meio de bolsas de estudos. Foi um período em que seus pais já não conseguiam mais pagar as mensalidades, e como ela e seu irmão eram alunos antigos na instituição, a escola concedeu bolsa de estudos para os dois.

Ao perguntarmos para Joana, sobre suas percepções quanto ao prestígio da escola onde estudou (prestígio no sentido da qualidade do ensino oferecido), em relação às demais daquela época, ela nos respondeu:

acho que faz e que fez, muito a diferença eu ter estudado...lógico que é um prestígio, eu ter uma família que teve condições de arcar financeiramente, eu sei que muita gente não tem...e que apesar de estudar em escola pública, consegue ir muito bem, aprender muito...mas o fato de eu tá ali dentro, me trouxe muita coisa que eu vejo hoje, que eu faço, que eu tenho maior facilidade de fazer dentro dos meus estudos, dentro do que eu fiz na faculdade, por ter estudado lá. E é uma coisa que eu prezo pros meus filhos, que eles estejam numa escola de qualidade, numa escola que realmente traga o que eu tive ali na vida e que tenha um ensino puxado, um ensino bom, um ensino que cobre, professoras qualificadas. (JOANA, entrevista concedida em 2020).

Segundo Joana, apesar de na cidade de Maringá ter, tanto escolas boas na rede privada, quanto na rede pública, de uma forma geral as escolas particulares conseguem oferecer um estudo diferenciado. Considera ainda, que na escola particular, há uma cobrança maior por parte dos pais, em relação à qualidade dos estudos. E diz que esses estudos fizeram a diferença em sua vida. Comentou também que ela observa diferenças em seu próprio contexto de atuação, como professora – a partir de sua própria formação, em relação ao perfil de seus alunos da faculdade. E conclui, dizendo: “eu me considero prestigiada por ter estudado em uma rede de ensino de qualidade” (JOANA, 2020).

Essa fase, dos tempos de escola de Joana, do período da infância até o ensino médio, foi marcada fortemente pela presença da família, a qual colaborou de forma decisiva para seus estudos e formação. Tanto no aspecto do capital econômico, pois segundo ela, se sentiu privilegiada, pois muitos não têm condições de estudar numa escola privada, como ela estudou. E, também, pelo aspecto social e cultural, herdado de seus pais. Recebia apoio e incentivo deles para continuar os estudos, onde, o próprio pai servia como exemplo, pois cursou duas faculdades. Isso para Joana, servia como exemplo e incentivo, pois mesmo sem gostar, iniciou seus estudos no curso de Ciências contábeis, apesar de ter mudado de ideia um tempo depois.

Outro personagem importante na vida de Joana, durante sua passagem pela escola, foi a figura do professor. Segundo ela, todos ficaram em sua memória daquele tempo, no entanto, os dois que ela relatou durante a entrevista, tiveram papel fundamental em seu desenvolvimento

como pessoa, bem como profissional. Joana relatou, que muito de sua facilidade para realizar suas tarefas profissionais, foram assimiladas a partir dos exemplos desses profissionais.

Ao olharmos os relatos de Joana, nas lembranças do tempo de escola, é possível perceber a importância dado por ela, em relação ao quanto a escola foi decisiva em sua vida. Segundo ela, a escola contribuiu em muito na formação de seus valores e princípios, mas também, para sua formação profissional. Isso segundo Joana, se deu por conta do nível de qualidade da escola que estudou.

2.1.1.1 *Finalmente, aluna do ensino superior: o ingresso de Joana na faculdade.*

Como vimos anteriormente, Joana realizou seus estudos no ensino médio entre os anos de 1996 à 1998. O período de transição, entre o ano de ingresso e saída (desistência) do curso de Ciências contábeis, até o ingresso no curso de Publicidade e propaganda, ocorreu de forma rápida. Após concluir o ensino médio em 1998, já no ano seguinte (1999), Joana ingressa na universidade. cursou contábeis durante um ano, e após descobrir que não era aquilo que ela queria, acabou desistindo, e no ano seguinte (2000), ingressou no curso de Publicidade e propaganda⁹. A descrição desse período de saída do ensino médio e entrada no ensino superior, vemos como importante. Pois além de traçar uma linha do tempo da nossa personagem, serve também para compreender suas percepções, do que tinha vivido em toda a sua trajetória do ensino fundamental ao médio. Mas também, de um novo momento que passaria a vivenciar, o seu ingresso na faculdade.

Desse tempo, de saída do colégio e tentativa de ingresso no ensino superior, Joana relatou que as opções de faculdade eram poucas, com predomínio de quantidade de cursos e vagas, em sua maioria na universidade pública. Ela mencionou que quando foi para prestar vestibular, as percepções que se tinha naquela época era de que as instituições públicas eram as melhores. Por esse motivo então, optou por prestar vestibular em uma que fosse pública.

É possível notar nos relatos de Joana, que suas impressões sobre a educação fundamental e média, que teve durante seus tempos no colégio, destoavam das alternativas que poderia trilhar, do ensino superior em diante. Ela contou que naquele período de escolhas (em qual faculdade ingressar) vivido, não teve muitas opções, pois como havia desistido do curso de Ciências contábeis, o ingresso em Publicidade e propaganda teria de ocorrer através das

⁹ Sobre a nomenclatura de seu curso de graduação, Joana menciona que ela é da época em que o curso era chamado de Comunicação social, com habilitação em publicidade e propaganda. Ela deixa claro ainda que é uma comunicadora.

opções que se tinha na época. Comentou ainda que esse foi um momento de receio, pois os cursos ainda estavam iniciando, as instituições ainda pequenas. Mas com o passar do tempo, e com o crescimento desses cursos e instituições, ela ficou mais tranquila. Outras instituições que oferecessem o curso que gostaria de fazer, eram distantes. Segundo ela, a mais próxima era em Curitiba. E esse foi um período que Joana descreveu como de dificuldades, pois além de seu pai não conseguir bancar seus estudos na capital, em Maringá também não foi muito fácil. Ela mencionou que nos dois últimos anos da faculdade teve de trabalhar para ajudar seu pai, e conseguir pagar as mensalidades.

Segundo os relatos de Joana, seu ingresso no curso de Publicidade e propaganda se deu por influência de uma amiga que à época já fazia esse curso. No fragmento abaixo, extraído da entrevista com Joana, podemos conhecer um pouco mais, sobre o interesse dela no curso que buscou realizar. Perguntamos a ela, como surgiu o interesse pelo curso de Publicidade e propaganda, ela respondeu:

Eu sempre gostei de comunicação, sempre gostei de televisão, eu sempre fui daquela que olhava mais a propaganda do que o conteúdo em si, de uma revista, de uma televisão. E quando a minha amiga me chamou para assistir a palestra eu fiquei apaixonada pela publicidade... daí eu falei, é isso que eu quero fazer. (JOANA, entrevista concedida em 2020)

Um pouco antes, mencionamos sobre a linha do tempo de Joana, de sua trajetória nos estudos. Nossa personagem relatou o quanto seus professores do ensino médio foram importantes em sua vida, em suas escolhas. Contou que durante a faculdade, entre o segundo e o terceiro ano de estudos, também teve um professor e uma professora que a marcaram bastante. E curiosamente, atualmente ela ministra as duas disciplinas desses dois professores, que são referência para ela, e que neles se inspira. Das aulas da professora, Joana destaca que o ponto forte do aprendizado que obteve, foi em relação à metodologia de ensino que ela utilizava em sala de aula. Segundo Joana, naquela época o curso recebia muitos professores de fora, pois ainda estava no início. Dessa forma, os professores vinham e ministravam todas as aulas em uma única noite, para não precisar voltar mais de uma vez, durante a semana. Assim, eram ministradas aulas de um mesmo professor, em todos os horários disponíveis daquele dia. Joana demonstra sua admiração, pois segundo ela, a professora “[...] conseguia segurar quatro aulas seguidas... de uma maneira glamurosa. As aulas dela eram perfeitas. Então ela me marcou...” (JOANA, entrevista concedida em 2020). Ela disse que é apaixonada por essa disciplina até hoje, e atribui parte disso aos ensinamentos obtidos dessa professora, dos tempos de faculdade.

Outra experiência que Joana mencionou em seus relatos, e que dizem respeito aos professores da faculdade, remetem ao seu professor de Redação publicitária. Ele também vinha

de fora, do estado de São Paulo e foi importante em sua formação. A forma de ministrar as aulas foram pontos fortes, destacados por nossa personagem, e que a marcaram. Joana considera que, boa parte da forma como prepara uma aula e como trabalha em sala de aula, é fruto do seu aprendizado adquirido durante às aulas com esses professores. Ela fez questão de deixar claro, que todos os demais professores foram importantes em sua formação. No entanto, esses dois que foram mencionados, deixaram bons registros em suas memórias, e aprendizados que ela utiliza até os dias de hoje.

2.1.1.2 Da graduação à pós-graduação: a trajetória de Joana

Como mencionado anteriormente, Joana teve uma transição rápida, da formação à docência. Desde a saída da faculdade, ao início de uma pós-graduação e mestrado, até o início de seus trabalhos como professora. Nessa trajetória, a figura dos pais é sempre recorrente em sua narrativa, sendo possível observar que eles foram uma grande referência para ela, em relação aos estudos. Por conta desse incentivo, Joana já saiu da faculdade e entrou em uma pós-graduação na área de marketing. E ela conta que nesse tempo, que estava cursando a pós-graduação, é que foi chamada para dar aulas. Estamos mencionando esse momento da vida de Joana para nos situarmos na leitura de sua história, pois o início de seus trabalhos como professora, nós iremos tratar mais adiante, no terceiro capítulo.

E é nesse mesmo período, entre 2004 e 2005, que Joana, ainda cursando a pós-graduação em marketing, inicia uma outra pós, porém agora, na área da educação a distância. E segundo ela, no meio dessa segunda pós-graduação, passou no mestrado em educação. Sobre esse momento em sua trajetória, Joana disse ter ficado surpresa, pois foi a única vez que tentou mestrado, e logo na primeira tentativa ela foi aprovada. Além dessa trajetória nos estudos, Joana também fez uma segunda graduação, em pedagogia, e que concluiu em 2018. Ela recorda desse tempo, destacando novamente o apoio dos pais. Na ocasião dos estudos, sua mãe disse que poderia ajudá-la, pois caso precisasse de alguém para ficar com a filha mais velha (Joana cursou pedagogia grávida de seu filho mais novo), e precisasse fazer estágio, ela estaria à disposição.

A partir dos relatos de Joana é possível perceber sua dedicação aos estudos. Observando durante os anos, a trajetória de nossa personagem se deu da seguinte forma: Graduação em Comunicação social, com ênfase em Publicidade e propaganda (de 2000 a 2003); Pós-graduação em Marketing (2004/2005); Especialização em Educação a distância (de 2007 a 2008); (Mestrado: 2008/2010); Graduação em Pedagogia (2017/2018). Além desses cursos realizados, ela ainda fez uma pós em Metodologia da educação infantil. E quando a

entrevistamos, disse que estava cursando outra pós em Psicopedagogia clínica institucional e hospitalar. Joana mencionou que tem inclinado para a área da pedagogia, pois acredita que isso irá ajudá-la bastante na docência. Comentou que, apesar de muitos pensarem que psicopedagogia é focada em crianças, ela argumenta, dizendo que é uma área que pode contribuir para o trabalho com adultos, também. Mencionou ainda que em sua formação não teve licenciatura, que o curso de Comunicação social não ensinou ela a ser professora. Desta forma, a pedagogia veio para isso, para contribuir em seu trabalho como docente.

Em termos de titulação, o mestrado (UEM – 2008/2010) na área da educação foi o curso de maior nível, cursado por Joana. Como ela já nos relatou, na ocasião, quando tentou o mestrado e ficou sabendo que tinha sido aprovada, disse ter ficado surpresa, pois aquele era seu primeiro processo seletivo. A experiência durante os anos cursados no mestrado, foi descrita por Joana com uma certa queixa, pois na época tinha certa expectativa em relação ao nível do curso. Acreditava que teria os melhores professores e as melhores aulas de sua vida. Segundo Joana:

...cheguei lá... com aquela fantasia de que seriam as melhores aulas da minha vida, com os melhores professores que eu teria na vida, por ser um mestrado, com professores doutores, pós-doutores, numa faculdade pública. ...eu digo que de todos os professores que eu tive, em aula, tirando a minha orientadora, eu tive dois professores bons. ...um era de metodologia de pesquisa, que ela realmente deu aula, ela realmente trabalhou com a gente, ela era extremamente rigorosa... ela tinha um conteúdo absurdo pra passar pra gente. E o professor... que ele trabalhou com a gente na questão de metodologia de ensino, práticas, que ele é referência no Brasil como área de pedagogia. Ele fez muitos seminários, mas ele participava ativamente dos nossos seminários. Ele trouxe muito conteúdo. Diferente dos outros que a gente dava aula, eles ficavam sentados. O aluno aprende, mas ele aprende por ele mesmo. (JOANA, entrevista concedida em 2020).

Joana complementa sua fala, lembrando do período em que cursou o mestrado. A partir dessa experiência ela chegou à conclusão de que uma faculdade particular pode ser tão boa, quanto uma pública. Segundo ela:

Depois que eu descobri essa realidade eu vi, que sim, uma particular ...pode ser tão boa quanto uma pública, as vezes muito melhor. Tem as suas falhas, também. Não vou dizer pra você que é perfeita. Tem muitas, muitas falhas, em várias áreas. Mas que hoje já não existe mais, essa diferença. Hoje o que o mercado busca é você ter um diploma. A qualidade você vai mostrar no seu dia a dia. (JOANA, entrevista concedida em 2020).

Nesse fragmento da entrevista Joana demonstrou a mudança em sua opinião, em relação à qualidade de ensino oferecido por uma instituição pública de ensino superior, comparado à uma instituição privada. Para ela, uma instituição privada pode ser tão boa quanto uma instituição pública. Complementa que ambas têm problemas, e que não são poucos. E que também não há mais diferença entre uma e outra. Retornando um pouco antes no texto, veremos que Joana alimentava certa expectativa em relação ao que iria encontrar em um mestrado de

universidade pública. Acreditava que seria um ensino de melhor qualidade. Podemos observar que esse sentimento que rondava os pensamentos de nossa personagem, eram mais ou menos os mesmos de quando ela estava no período para ingressar na graduação. Em seus relatos, mencionou que optou por estudar Ciências contábeis por influência de seu pai que era contador. Mas também, acabou “partindo” para a UEM, pois naquela época existia a percepção de que faculdade particular era ruim e pública era melhor.

Ainda, em relação à sua experiência durante o mestrado, Joana relembra de uma professora, referência na área da pedagogia, e que a ajudou muito. Comentou que, em seu último contato com a professora, ela havia recebido convite para dar aulas em mestrados e doutorados na USP, em São Paulo. Joana disse que ao ingressar no mestrado em educação, se sentiu perdida, pois era uma área que não tinha conhecimento prévio, como leituras dos autores daquela área. Nessa fala ela se queixou, pois os professores pareciam não estar preocupados com os alunos, em saber se eles tinham um conhecimento prévio. Segundo Joana, no mestrado só tinha ela e mais quatro alunos (se recordou de um aluno da Educação física; um do Jornalismo e outro da Fonoaudiologia) que não eram da educação. Durante as aulas tinham dificuldades para entender as abordagens que eram feitas pelos professores. E diante dessa situação, comentou que essa professora, referência par ela, a auxiliou em muitos temas tratados no campo da educação.

No capítulo 3 deste texto vamos tratar sobre os aspectos relacionados ao trabalho docente realizado por Joana, observando principalmente seu olhar para esse meio. Como nossa personagem percebe sua carreira e trabalho, considerando questões como a subjetividade docente, a flexibilização do trabalho nesse meio. Buscamos conhecer também a perspectiva de Joana sobre o futuro profissional. Nesse sentido, nossa personagem traz suas percepções sobre o trabalho do professor, dentro de sua rotina, frente às dinâmicas existentes nesse campo do ensino superior.

2.1.2 Narrativas de Pedro: dos tempos de colégio em São Paulo à formação superior em Maringá

Neste tópico vamos conhecer sobre nosso segundo personagem, o Pedro. Ele é um jovem professor de 34 anos, nascido na cidade de Maringá. Com 40 dias de nascido, retornou para o estado de São Paulo, onde residiam seus pais. É de uma família de três irmãos, sendo ele o mais velho. Ao completar seus 18 anos, Pedro retorna novamente à Maringá para iniciar sua graduação. E foi onde teve seu primeiro emprego como professor assistente no método

Kumon¹⁰ de ensino, trabalhando com disciplinas de matemática – experiência, que segundo ele, gostou muito. Pedro formou-se em Administração de empresas em uma universidade pública da cidade maringaense. Fez mestrado, também em Administração e na mesma instituição. Possui especialização em educação a distância e está cursando atualmente outra especialização, também na área da educação – todos na cidade de Maringá. Durante sua trajetória na carreira, Pedro relatou que teve uma breve experiência como pequeno empresário, o que segundo ele, não foi possível seguir adiante. E sobre sua carreira como docente no ensino superior, relatou que iniciou suas atividades no ano de 2012. Desde o início tem trabalhado na iniciativa privada, onde, além de exercer o cargo de professor, foi também, por um certo tempo, coordenador de curso. Ele é casado, e sua esposa também é professora e no momento não têm filhos. Pedro relatou que iniciou seu mestrado sem bolsa, e dessa forma, durante o curso fez alguns bicos para ajudar em suas despesas.

No parágrafo anterior foi possível conhecer um pouco sobre o professor Pedro, sobre sua formação, o início de sua trajetória no ensino superior. Naturalmente que esta é apenas uma parte introdutória sobre esse importante personagem na pesquisa. Nos parágrafos que seguem vamos então, procurar trilhar os passos seguidos por Pedro, conhecendo um pouco de suas origens, de suas experiências, e escolhas nesse trajeto de vida. O contato para a entrevista ocorreu de forma presencial, na última semana de janeiro, em um evento sobre educação. Ao conversarmos e mencionarmos que estávamos desenvolvendo uma pesquisa de mestrado, Pedro se demonstrou interessado no assunto e disposto a contribuir, participando da entrevista. Combinamos então, que na semana seguinte eu entraria em contato para acertar detalhes, sobre quando e como faríamos. Assim, no dia 3 de fevereiro de 2020, entrei em contato por meio do aplicativo de mensagens WhatsApp para acertar os detalhes. Perguntado se poderíamos marcar a entrevista para a sexta-feira daquela mesma semana, ele respondeu que sim. Porém, no dia seguinte enviou mensagem, perguntando se poderíamos remarcar para a semana seguinte, pois teria que levar sua esposa ao médico. Combinamos então para o dia 11 de fevereiro, às 14 horas.

Quando chegou a semana seguinte, no dia 10, Pedro enviou uma mensagem, dizendo que havia esquecido de um outro compromisso que tinha marcado, no mesmo dia e horário da nossa entrevista, e que precisaria remarcar novamente. Finalmente, acabamos marcando para o dia 14 de fevereiro, numa sexta-feira, às 14 horas. Assim como ocorreu com Joana, a entrevista

¹⁰ Kumon: é uma metodologia, que tem por objetivo o incentivo às crianças, procurando desenvolver nelas a autonomia para os estudos, melhorando assim o potencial de aprendizagem. Trabalha com disciplinas da língua portuguesa, inglesa, japonesa e matemática. Para aprofundar melhor sobre o assunto, acessar o site: <https://www.kumon.com.br/metodo-kumon>

com Pedro foi realizada no escritório de minha residência – algo que foi acordado previamente com nosso entrevistado.

2.1.2.1 Do ensino fundamental à adaptação no ensino médio

Apesar de se considerar maringaense, Pedro mencionou que seus pais moravam em São Paulo, na capital. Como de costume, eles vinham para Maringá para visitar os parentes de sua mãe. Certa ocasião, na época de Natal e próximo ao nascimento de Pedro, eles vieram para Maringá, já com a intensão de ter o filho na cidade dos familiares. Ele contou que seu nascimento estava previsto para o dia 14 de janeiro de 1986, porém conforme pedido médico, a data foi antecipada para o dia 06 de janeiro. Nessa memória ele relembra também que, por conta dessa mudança de data, seu pai, que estava em São Paulo, infelizmente não conseguiu ver seu nascimento. Passados os anos, e já em São Paulo, em 2004 Pedro passa no vestibular de Administração da UEM. Assim, segundo ele, em 26 de abril de 2004 (com 18 anos de idade) voltou para Maringá para iniciar seus estudos no ensino superior. Sua vinda para o Paraná marca dois momentos na vida de nosso personagem. Uma, em relação à sua saída da capital paulista, onde vivia desde pequeno. E outra em relação ao seu ingresso no ensino superior.

Nesta narrativa sobre Pedro, vamos mencionar também sobre seus anos de estudo, nos tempos de colégio na cidade de São Paulo. Acreditamos que esse registro é importante para podermos traçar, assim como fizemos com Joana, uma linha do tempo que nos mostre seus caminhos, até se constituir professor.

Pedro mencionou que seus estudos, do primário (com início em 1993) até a oitava série do ensino fundamental, foram realizados em escolas particulares – sendo o ensino fundamental no colégio Claretiano¹¹. Escola particular, coordenada pela igreja católica. E do primeiro ao terceiro ano do ensino médio, foram realizados em escola pública. Durante a fala de nosso entrevistado foi possível observar que ele recebeu muitos prêmios por conta de sua dedicação aos estudos. Ele contou que certa vez, não soube afirmar com precisão se na terceira ou quarta série, recebeu um prêmio da escola por conta do seu desempenho. E nesse momento, fez questão de lembrar que sempre gostou muito de estudar. Um fato, relatado por nosso personagem, e que indica esse interesse pelos estudos, vem da época da sétima série. Pedro contou que certa vez chegou a decorar um livro, de tanto que gostava de estudar. Na época, foi elogiado por sua

¹¹ Colégio Claretiano: Escola católica de ensino, situada na cidade de São Paulo, e fundada há 80 anos. Para mais informações, acessar o seguinte endereço eletrônico: <https://claretianocolegio.com.br/saopaulo/colégio/institucional>

professora, que dava aulas de geografia e de história. Dessa professora, Pedro disse que tem boas memórias. Inclusive quando veio de mudança para Maringá, escreveu um cartão postal, em agradecimento à professora pelos incentivos dados nos estudos. Porém, infelizmente nunca conseguiu encontrá-la para entregar. Ele lembra ainda que essa professora era muito rígida, mas como ele era estudioso e correspondia às expectativas, se dava muito bem com ela. Disse também que durante o ensino fundamental tinha boas notas, e que costumava ser quieto. Ele disse que desse período dos estudos no ensino fundamental, lembra detalhes da escola, como as salas de aula, a cantina onde conversava com os colegas, das brincadeiras de corrida, jogos de bola. Lembra inclusive que morava próximo ao hospital Santa Casa, e que sua casa ficava perto da escola, coisa de meia quadra de distância.

Quando foi para iniciar seus estudos no ensino médio, a família de Pedro estava passando por dificuldades financeiras. Assim, teve de ser transferido para uma escola pública, e mais distante de sua casa. A impressão que teve, quando foi estudar nessa escola, era de que ela parecia um “presídio”, pois tinham várias grades. Além dessa impressão inicial, Pedro relatou¹² outros aspectos que observou na escola onde fez seu ensino médio (de 2001 a 2003):

Era outro nível de pessoas... eu estudava de manhã... na época do colégio... quando eu entrei, eu entrei à noite. Tinha alguns medos no início... depois mudei pra manhã... a qualidade do ensino era bem, bem mais baixa. No começo eu tive um pouquinho de dificuldade pra me adaptar. Mas fiz boas amizades, algumas eu mantenho até hoje. Tirava boas notas. A qualidade do ensino era bem baixa, né. Mas era um dos colégios públicos melhores, que tinha na época também... Lembro da diretora, que era muito rígida, era uma japonesa...ela mantinha a escola no eixo... as coisas aconteciam do jeito que ela queria. Eu lembro da má conservação da escola... por conta da falta de verba também... tinha algumas carteiras novas, mas tinha muitas velhas (PEDRO, em entrevista concedida em 2020).

Desses tempos de ensino médio, Pedro relatou suas lembranças do momento de mudança, pelo qual passou. Teve de sair da escola na qual estudava desde pequeno e ir para outra, que para ele naquele momento era estranha. A partir de seus comentários, sobre os aspectos físicos da escola, como aparência externa e interna, o medo que teve no início, por ter de estudar à noite¹³, é possível observar certa frustração de Pedro. Os relatos da primeira escola, mostram lembranças agradáveis, como os elogios das professoras, as brincadeiras com os colegas, os reconhecimentos e prêmios pelo bom desempenho e os bons momentos com os demais alunos na cantina da escola. Os comentários sobre o nível de ensino da nova escola, também foram outras percepções apresentadas por Pedro, inclusive mencionando que no início teve dificuldades para se adaptar. Contou que para ir até a diretoria, precisava passar por duas grades, e o acesso às salas de aula era por meio de outra grade. Pedro acredita que as grades

¹² Entrevista concedida pelo professor Pedro em 2020.

¹³ Pedro contou que, depois de certo tempo passou a estudar no período da manhã.

estavam lá para evitar roubos, pois segundo ele, na época tinha um pessoal “barra pesada”. Mas também mencionou que, dos colégios públicos daquela época, na cidade, era um dos melhores. Disse que nessa escola fez boas amizades – inclusive algumas mantem até os dias de hoje. E lá também estudou bastante e tirou boas notas. Ele contou ainda que entre a metade de 2002 e o ano todo de 2003, fez um curso de espanhol (no bairro Vila Madalena), oferecido pelo governo do Estado de São Paulo, para alunos que estivessem matriculados na rede pública.

Ainda do ensino médio, Pedro traz uma lembrança que considera triste, e que pareceu ter sido importante, no que diz respeito ao seu olhar para o futuro, naquela época. Segundo ele, houve um momento no 3º ano do ensino médio, relacionado à sua professora de Português e de Teatro. Na ocasião, ele, juntamente com alguns colegas de turma (um amigo e mais duas meninas), foram apresentar um seminário sobre um livro (não lembrou do nome). Disse que o trabalho foi feito por somente ele e seu amigo, e que as duas colegas só ficaram com suas partes para apresentação, pois no momento de se reunirem para fazer, elas chegaram atrasadas. Logo abaixo, partes do relato de Pedro sobre o momento da apresentação:

...no dia da apresentação... as duas se deram bem. O meu amigo com um pouco de dificuldade ...mas falou, e eu não consegui..., eu travei. Eu lembro que a professora falou: é, sempre tem um grupo, uma pessoa pra estragar um grupo bom. Isso eu lembro assim, até hoje, ele tá bem fresco na minha memória, né. Um das memórias mais claras que eu tenho, ...de coisas que aconteceram na minha vida. E aí depois eu falei, ...eu só tenho duas opções. Ou eu fico com isso pro resto da minha vida ou eu mudo né. E aí eu decidi mudar e hoje eu dou aula, faço um monte de coisa. (PEDRO, em entrevista concedida em 2020).

Essa foi uma experiência vivida por nosso personagem e que pelo visto, contribuiu para que pudesse pensar seu futuro. Talvez essa tenha sido uma experiência não muito agradável para encerrar seu tempo no ensino médio. Mas Pedro traz outras lembranças, que considerou importantes à época. Em 1995 começou a fazer o Kumon, encerrando em 2004 todas as disciplinas que envolvem o programa, inclusive ganhando várias medalhas pelo desempenho. Ele contou que uma dessas medalhas (de bronze) ganhou numa olimpíada paulista de matemática para escolas públicas, em que cursava (não soube afirmar com precisão) o primeiro ou segundo ano do ensino médio. Perguntado sobre o apoio de seus familiares, em relação aos estudos nesse período, Pedro mencionou que recebeu bastante apoio do próprio Kumon. No entanto, de seus familiares teve pouco incentivo para os estudos, talvez por conta de seus pais serem um pouco fechados. Mas recorda que recebeu apoio de sua avó.

Como foi possível perceber, a trajetória de nosso entrevistado nos estudos, foi marcada por algumas experiências. Pedro relembra de seu professor de Química, no ensino médio, e que deixava claro, ser ele, um comunista. Uma figura emblemática, que com frequência falava sobre o regime e de alguns líderes cubanos. Mencionou ainda um fato curioso em relação a esse

professor, que inclusive gostava bastante de Pedro, e foi um grande incentivador de seus estudos. Contou que, quando esse professor ficou sabendo que ele havia passado no vestibular da UEM, chegou a oferecer dinheiro (somente alguns trocados, segundo informou) para que pudesse iniciar seus estudos. E caso quisesse estudar Medicina, que ele conseguiria uma vaga lá em Cuba. Pedro disse que na época ficou surpreso, e comentou na entrevista que essa é uma área que ele nunca sentiu aptidão, apesar de que alguns colegas, no passado, terem dito que ele levava jeito.

Como mencionamos no início, Pedro é de uma família de três irmãos, sendo ele o mais velho. O irmão do meio, assim como Pedro, desde o início frequentou escolas particulares. No entanto, quando chegou o período de dificuldades financeiras da família, e por estar duas séries abaixo, foi para escola pública na sétima série. Eles estudaram na mesma escola, sendo que Pedro curso do 1º ano do ensino médio até o 3º ano, e seu irmão estudou da 7ª série até o 3º ano do ensino médio. Ao terminar seus estudos no ensino médio, o irmão de Pedro fez faculdade de Redes de computadores, desta vez em instituição privada¹⁴. Sobre seu irmão mais novo, nosso personagem disse que, diferente dele e de seu irmão do meio, iniciou seus estudos em escola pública. Porém, por volta da 4ª série em diante foi para escola particular, e na graduação optou por fazer Engenharia química. Ele mencionou também sobre os estudos de seus pais. O pai não chegou a concluir a faculdade, no entanto, posteriormente fez um curso técnico em contabilidade. Em relação à sua mãe, ela formou-se em Letras pela UEM (Maringá), e atualmente é professora em um curso de Kumon, como veremos na sequência.

A presença da figura do professor na vida do nosso entrevistado, não se restringe somente às escolas por onde passou. Pedro conta que sua mãe também foi professora. Formada em Letras pela Universidade estadual de Maringá - UEM, foi dar aulas no ensino infantil (em Maringá), por aproximadamente um ano e meio. Após esse período, casou-se e retornou para São Paulo e foi se dedicar à família - não chegando a dar continuidade nos estudos, como uma especialização, por exemplo. Por volta do ano 2000, talvez um pouco antes, o que Pedro não soube precisar, sua mãe voltou a dar aulas. Porém agora, no ensino complementar, em uma escola de Kumon, no curso de língua japonesa. Segundo ele, sua mãe trabalha até hoje nessa mesma escola. Curiosamente, na mesma escola Kumon em que Pedro finalizou seus estudos em matemática, português e japonês. Após um certo tempo, o curso de japonês fechou, e como ela era formada em Letras, passou a dar aulas no curso de língua portuguesa.

¹⁴ Pedro não soube informar se seu irmão tentou vestibular em instituição pública ou se ingressou direto em faculdade particular.

Antes de seguirmos a diante, onde veremos sobre a mudança de Pedro para Maringá, vejamos um pouco sobre a época de vestibular, em que fez sua escolha para o curso de Administração. Apesar de sua mãe ser professora, Pedro contou que ela nunca o influenciou sobre qual curso fazer, nem mesmo a ser professor. No entanto, sobre seu pai, que trabalha com contabilidade, ele relatou que não era desejo dele que fizesse Administração. Em suas palavras¹⁵ Pedro disse que:

Quem tentou influenciar de uma forma foi o meu pai... pra tentar trabalhar alguma coisa dentro da área... isso, antes de eu fazer a graduação..., época de 2002, 2003, por aí. Pra eu fazer algum curso dentro da área de informática, que na época, né, chamava de área informática. Porque ele percebia que era um mercado que iria... crescer muito, né. ...mas aí quando eu quis fazer o vestibular... eu me inscrevi pra Administração. Tanto é que eu me inscrevi meio escondido do meu pai, e depois falei pra ele. E aí... quando eu falei pro meu pai, eu falei assim pai eu não fiz Informática, nem Ciência da computação, eu fui pra Administração. E aí eu lembro que ele me disse: eu não queria que você fizesse esse curso, eu te dei uma orientação de uma coisa... que eu tenho percebido que é uma tendência. Mas... se é a área que você quer, não tem problema. Então, meus pais nunca interferiram, assim, ...vamos dizer, essa dica que meu pai deu, mas que acabou não dando. Pros meus irmãos a mesma coisa... o irmão do meio estudou Redes de computadores, aí foi mais pra área de TI, informática. E o meu irmão caçula foi pra Engenharia química. Áreas bem distintas. (PEDRO, em entrevista concedida em 2020).

Ao perguntarmos à Pedro sobre como surgiu o interesse pelo curso de Administração, ele respondeu o que segue:

...como o meu pai tinha um escritório de contabilidade, eu gostei daquela situação, tipo, de ter a sua própria empresa... eu já tinha pensado em Direito... já tinha pensado em Psicologia, até em Estatística, eu gostava muito de matemática, de números e tal. Mas aí, fazendo uma análise... na época eu peguei alguns testes vocacionais... o guia do estudante e fui lendo, assim... e eu percebi... acho que o curso de Administração vai me dar uma visão geral. Então é muito comum no curso de Administração, e isso foi uma particularidade que deu pra confirmar na minha turma. Dos 40 alunos ingressantes, eu acredito que mais da metade tinham feito Administração porque tinham tentado outra coisa e não passou. Foi uma coisa assim, que a primeira experiência que eu tive com isso, né, com os colegas que eu achei estranho. Tinha uma colega que tava cansada de prestar pra Medicina. Não deu, foi lá. Outro já fazia faculdade de Informática... e mudou. E eu não, ...eu quero Administração porque eu gosto da administração. Gostei, me identifiquei com o curso... falei, é aqui mesmo. Quando alguém falar que... fez o curso de Administração porque não sabia o que fazer, eu falo, não, eu sei, eu sempre fui muito consciente de que eu queria o curso de Administração. Mas a princípio eu pensava em, pra abrir empresa... mas depois que eu fui descobrindo aí, o prazer, o gosto... por ensinar, por formar pessoas. (PEDRO, em entrevista concedida em 2020).

Em seu relato sobre o período de escolhas, de qual curso superior ingressar, Pedro procurou deixar claro que não foi influenciado, e que ingressou em um curso que queria. Isso pode ser observado quando comenta sobre os conselhos de seu pai, pois mesmo indicando que deveria prestar vestibular para a área da informática, Pedro, no momento da inscrição, optou por Administração. Outro momento da fala, em que é possível perceber sua determinação, é

¹⁵ Entrevista concedida por Pedro em 2020.

quando faz os relatos dos colegas de turma, pois muitos não sabiam o que fazer, ou estavam cansados de tentar outras áreas e não conseguiram. Assim, acabavam prestando vestibular para Administração.

2.1.2.2 As escolhas de Pedro e a mudança para Maringá

O processo de mudança, do final do ensino médio em São Paulo, ao ingresso na UEM (em 2004), são memórias também relatadas por Pedro, desse tempo vivido. Segundo ele, esse foi um período de decisões importantes. Além da intenção de ficar na capital paulista, e por lá tentar vestibular, ele recebia incentivos de um professor seu de japonês, do Kumon, para estudar na UEM. De Maringá ele também recebia incentivos, neste caso, por parte de sua avó – oferecendo todo o suporte necessário para os estudos. A princípio, a vontade de Pedro era de ingressar na Universidade de São Paulo – USP, esse era o seu sonho. Disse que a universidade pública era a sua meta, não só por ser sua preferência ou pela reputação de uma pública, mas também, porque na época não tinha condições de arcar com os custos em uma instituição particular. Chegou a prestar vestibular durante o ensino médio, porém disse que foi muito mal. Ele contou que foi um dos piores de sua sala, em termos de desempenho. Deu risadas desse fato, dizendo que no momento da prova deu um “branco” em sua mente. Um aspecto que nosso entrevistado procurou evidenciar em seus relatos, é o fato de que, na maioria das vezes, realizou seus estudos sem que precisasse pagar por isso. Disse que essa é uma característica sua, pois apesar dos estudos iniciais terem ocorrido em escola particular, disse que essa é uma característica sua, pois sempre buscou realizar cursos que não precisasse pagar por eles. Lembra de seu ensino médio que foi em uma escola pública e sua graduação em uma universidade pública. Mencionou ainda que sua primeira pós-graduação também foi sem custos, pois como trabalhava em uma instituição particular à época, acabou ganhando uma bolsa do diretor. Uma segunda pós-graduação que está realizando, também ganhou da instituição onde trabalha atualmente. Quando concedeu a entrevista, Pedro disse que está fazendo um curso de formação em consultoria pela USP, e que também é sem custos.

Quando veio para iniciar seus estudos em Maringá, Pedro foi morar então com sua avó, que já havia lhe dito que poderia sair de São Paulo, pois ela o acolheria em sua casa. Ele mencionou que, como não tinha condições financeiras, esse apoio foi importante - sua avó ajudaria com praticamente a maioria dos custos, pois não precisaria pagar por moradia, nem

por alimentação¹⁶. Pedro mencionou que, caso não tivesse recebido o apoio de sua avó, iria optar por ficar em São Paulo mesmo, pois estava trabalhando na escola de Kumon e havia recebido convite para aumentar a carga horária de trabalho. Assim, iria trabalhar durante o dia na escola e à noite faria cursinho pré-vestibular. Segundo ele, esse cursinho pré-vestibular era, na ocasião, um dos melhores na cidade de São Paulo, e ele havia conseguido uma bolsa de 50%.

Pedro então muda-se para Maringá e em 2004 inicia seus estudos no curso de Administração da UEM. Ele disse que, quando completou 2 meses de graduação, conseguiu um estágio em um programa da própria universidade, o que também contribuiu para suas despesas. Dos tempos de graduação, ele recorda que gostava muito de disciplinas vinculadas à matemática. Porém, ao mesmo tempo que essa disciplina despertava interesse, ela gerou um certo trauma em nosso personagem. Contou que no terceiro ano ficou para exame em uma disciplina que envolvia cálculos, chamada de Métodos e medidas em administração. Pedro disse que ensinava todos os colegas da turma, resolvendo exercícios em sala. Porém, quando chegava o momento das provas, não conseguia bons resultados. Ficou com média vermelha no primeiro e segundo bimestre, e no terceiro e quarto consegui ficar com média azul. No entanto, isso não foi o suficiente, ficando então para exame. Mas relatou que diante da situação, se dedicou aos estudos e conseguiu aprovação. Apesar de no passado ter se interessado em trabalhar com matemática, Pedro disse que talvez as dificuldades que teve com essa disciplina durante a graduação, tenham tirado um pouco desse interesse.

Em outro momento da entrevista Pedro procurou deixar claro que teve uma formação sólida. Recordou de seus estudos na graduação e no mestrado, ambos realizados em instituição pública. Nesse momento foi possível perceber uma distinção feita pelo nosso entrevistado, sobre essa categoria de instituição. Algo que também foi perceptível quando relatou sobre seus tempos de escolha e de vestibular, para ingressar no ensino superior. Esse aspecto de sua formação foi relatado durante a conversa que tivemos. Pedro descreveu um pouco desse processo de transição, entre o contexto de estudos da graduação e mestrado que estava acostumado, ao início de suas atividades como professor no ensino superior. Mas esse é um ponto que trataremos mais adiante, no próximo capítulo.

Além de sua formação ocorrida durante a graduação e pós-graduação, Pedro disse que tem buscado outras formações. Segundo ele:

...apesar de saber que a minha vocação é pra área docente, eu gostaria de ter uma formação... bem completa. Então, pra poder transmitir também, essas experiências,

¹⁶ Pedro mencionou que, quando veio para Maringá iniciar seus estudos, foi então morar com sua avó. Isso se deu no ano de 2004. No final de 2018 ele se casou, e assim, deixou a casa de sua avó – morando na casa dela portanto, durante 14 anos.

essas outras visões pros meus alunos. Então, eu to fazendo hoje um curso de... formação de consultores, em uma parceria do conselho de Administração com o Instituto FIA/USP, pra formar alguns consultores. Então, eu pretendo ter essa experiência. Pretendo ter a experiência de formação do meu negócio. Mas, eu não vou largar a carreira docente, porque realmente eu descobri que é o meu dom, é o que eu gosto de fazer. Mas eu gostaria de ter outras complementações, pra poder transmitir isso para os meus alunos. Pois principalmente, a gente que é da área de negócios, os alunos vêm com algumas perguntas, alguns questionamentos... e as vezes você tem experiência de você ter lido caos, trocado ideias. Mas eu gostaria de vivenciar, então, não quero ser empresário pra sempre... e não quero ser consultor pra sempre. ...o que eu quero pra minha vida, é a área docente. (PEDRO, em entrevista concedida em 2020).

Para situarmos sobre os anos em que ocorreu a formação acadêmica de nosso personagem, podemos observar que a graduação em Administração se deu entre 2004 e 2008. O mestrado em Administração foi realizado entre os anos 2010 e 2012. Realizou também uma especialização na área da educação, que ocorreu entre 2012 e 2014. Atualmente está cursando outra especialização, também na área da educação, iniciada em 2018.

Até este ponto, procuramos relatar sobre a trajetória dos dois personagens, Joana e Pedro. O objetivo foi apresentar o caminho que cada um percorreu, descrevendo principalmente como se deu a formação deles, dos tempos passados na escola até o ingresso no ensino superior. No próximo capítulo buscaremos relatar sobre o processo de início das atividades como docentes. Um relato sobre as dinâmicas desses profissionais, em seus campos de atuação.

3 NARRATIVA E PERSPECTIVA DOCENTE SOBRE TRABALHO E CARREIRA NO ENSINO SUPERIOR

Neste capítulo vamos retomar as narrativas de Joana e Pedro. Desta vez dedicaremos nosso olhar às percepções, tanto de um quanto de outro, sobre trabalho e carreira docente no ensino superior privado. Como tem sido suas dinâmicas no trabalho, quais suas percepções sobre temas discutidos neste texto, como subjetividade docente, flexibilização do trabalho, além de educação a distância, e quais suas perspectivas para o futuro.

Os parágrafos foram organizados na mesma sequência dos relatos apresentados no capítulo anterior - primeiramente temos os de Joana e logo após os de Pedro. Desta forma, trabalhando os dois personagens dentro de um mesmo capítulo, buscamos transitar com mais facilidade entre uma abordagem e outra. Esperamos assim, que fique estruturado da melhor maneira possível nossa discussão e análise.

3.1 DOCÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR: O INGRESSO DE JOANA

Como já foi relatado por Joana, a trajetória envolvendo a sua formação acadêmica, até o início de sua carreira docente em 2005, deu-se de forma muito rápida. Isso foi algo que ela deixou bem claro em sua fala durante a entrevista. E sobre sua vocação docente, Joana disse que apesar de sentir que “nasceu para ser professora”, nunca admitiu isso. Recordou desse tempo de escolhas, dizendo que havia nela uma determinação em não ser professora. Somava-se a isso os comentários de familiares sobre os poucos ganhos nesse campo de trabalho. O que de certa forma, servia como estímulo para que não ingressasse na carreira. Porém, Joana seguiu adiante, tornando-se professora. Pelos relatos, isso se deu durante o período em que cursava uma pós-graduação, onde recebeu um convite para dar aulas:

[...] quer pegar um bico? Quer dar uma aula? Eu falei... vamos... vou ganhar um dinheiro extra. E o bico foi, foi, foi quando eu vi eu estava fazendo mestrado, eu estava coordenando curso, e eu larguei toda essa parte mais prática e fiquei só na docência. E as minhas amigas brincam, as vezes eu falo pra elas: ...vou largar tudo, eu vou voltar para o mercado, elas: ... você é professora, esquece, você não sabe fazer outra coisa (risos) (JOANA, entrevista concedida em 2020).

A partir dos relatos de Joana é possível perceber que não foi somente a sua trajetória na formação acadêmica (saída do ensino médio e ingresso na faculdade) que ocorreu de forma rápida. O ingresso na docência também foi um momento desses, pois ao mesmo tempo em que começa a dar aulas, Joana se vê cursando o mestrado. O que à princípio pareceu apenas um “bico”, uma forma de ganhar um dinheiro extra, passou a ser a atividade principal dela. Joana se queixou da falta de uma licenciatura em sua formação, pois não aprendeu a dar aulas. Disse ainda que teve dó dos seus primeiros alunos, pois acredita que suas primeiras aulas foram horríveis. Para iniciar a atividade docente, Joana se inspirou em seus professores da graduação, fazendo o que achava que era certo fazer – e repetindo aquilo que os alunos comentavam que era legal, de uma ou outra aula. Por fim, ela acabou abandonando seu trabalho na sua área de formação, para dedicar-se exclusivamente à docência.

3.2 TRABALHO E CARREIRA DOCENTE: RELATOS E PERCEPÇÕES DE JOANA

Seguimos neste tópico buscando observar as narrativas de Joana, e assim, identificar suas percepções sobre trabalho e carreira docente no ensino superior. No início da entrevista Joana fala sobre suas impressões em relação ao trabalho docente, comparando o início de sua carreira, com os dias atuais. Ela disse que passou por diversas mudanças, envolvendo principalmente questões como tecnologia¹⁷, educação a distância, questões geracionais, e a

¹⁷ Comentário de Joana sobre tecnologia na educação: “É uma dificuldade porque a gente não foi preparado pra isso. Ninguém teve uma aula de como usar a tecnologia em sala de aula. Ela simplesmente entrou. Ela veio de

própria exigência do mercado de trabalho. Para Joana, o mercado passou a pedir um profissional com uma formação mais rápida, que não precise ficar durante quatro ou cinco anos estudando – mas que, em um prazo de dois anos já esteja pronto para atuar. Nesse mesmo relato ela comentou sobre as mudanças que ocorreram, também, em relação à função docente. Para ela:

A função do docente mudou. Tanto a função quanto a forma como as instituições veem. E aí eu vejo que tá acontecendo... uma falta de reconhecimento do trabalho docente. Eu vejo que já... não se vê o professor como... aquela importância na formação... que ele é importante para uma formação de um futuro profissional. Eu vejo mais o professor como algo mecanizado, que precisa produzir rapidamente pra trazer resultados (JOANA, entrevista concedida em 2020).

Ao olhar para esse tempo de ensino superior pelo qual já passou, Joana disse que percebeu uma mudança nas instituições. Comentou que no início de sua carreira, havia uma maior preocupação das instituições de ensino em relação às questões pedagógicas. Isso proporcionava ao professor uma certa liberdade para desenvolver seu trabalho, considerando a proposta pedagógica das instituições. Porém, ao olhar o contexto atual, suas impressões são de que está havendo uma preocupação em relação a questões financeiras, mais voltadas para a quantidade de alunos do que para a qualidade da formação desses alunos. Ela acredita que isso tem contribuído para desmotivar aqueles professores que trabalham há anos na profissão, pois além de desmotivados, sentem que não há o reconhecimento profissional.

Joana relatou que no início de sua carreira o número de instituições na cidade era bem menor. Porém, atualmente esse número aumentou consideravelmente, onde é possível perceber a presença de instituições vindas de fora. Segundo ela, isso ampliou bastante as opções de ingresso para os candidatos às vagas no ensino superior, o que tem provocado uma disputa entre as instituições, levando a maioria a focar em questões financeiras. De acordo com Joana, isso tem contribuído para a desvalorização do professor: “[...] esse desenvolvimento de mercado tá desvalorizando, alguma coisa precisa ser feita” (JOANA, 2020). Nesse fragmento ela faz referência ao crescimento educacional que vem ocorrendo, e que de alguma forma, esse processo tem contribuído para a desvalorização do professor. Propõe que algo precisa ser feito, para que isso deixe de acontecer. Outro ponto mencionado por Joana é referente a demanda da

uma maneira, que a gente não sabe usar essa tecnologia. Ninguém foi treinado, capacitado de como inserir a tecnologia. Lógico que dá medo, da gente ser substituído por uma tecnologia... qualquer profissão tem medo disso. A gente vê fábricas e fábricas que mandam um monte de funcionários em bora porque criou um robzinho que vai lá e constrói tudo sozinho. Mas pra ter essa criação tem que ter uma pessoa. Então eu acho que, substituído, não. Um computador não vai pensar como a gente pensa. Ele não vai sentir o que a gente sente. Um computador dando aula, ele vai dar uma aula mecanizada, a gente sente o aluno. O que eu vejo, é que o professor tem que ser um mediador. Ele tem que mediar, ele tem que saber direcionar. Então beleza, eu vou usar o celular na minha aula, então de que maneira que a gente vai usar esse celular em sala de aula. Como que eu posso trazer isso pra benefício do aluno. Não é só abrir uma página no google e copiar, de que maneira eu posso usar isso pro meu aluno. Só que nem todo mundo tem o prepara e sabe fazer isso” (JOANA, 2020).

carga-horária do professor. Um colega professor reclamou com ela, dizendo que a um tempo atrás era possível dispensar aulas. Era possível trabalhar com a carga completa, muitas vezes nos períodos da manhã, tarde e noite, comentou. Apesar do aumento no número de instituições na cidade, Joana acredita que o número de professores também aumentou.

Esses pontos observados nos relatos de Joana, onde ela questiona sobre a mudança de foco, ocorrida nas instituições de ensino, servem para projetar as ideias apresentadas por Mancebo (2010) em outro momento deste texto. A partir das ideias da autora, é possível refletir que tal mudança de foco pode comprometer o papel fundamental da educação, como instituição da sociedade, na formação humana.

3.2.1 Educação a distância e a perspectiva docente

A educação a distância, como já abordamos anteriormente, tem se constituído como um marco no campo do ensino superior. Dois aspectos importantes valem aqui ser lembrados: o primeiro deles está relacionado ao avanço que esse modelo tem proporcionado ao ensino superior, sendo por meio dele, possível atingir várias regiões do país. Outro aspecto importante está relacionado às mudanças que esse mesmo modelo tem produzido no trabalho docente. E é sobre esse último ponto que trataremos neste tópico, procurando observar a perspectiva de Joana sobre o tema.

No decorrer de sua carreira nossa personagem transitou por mais de uma instituição, ministrando aulas, e em certa ocasião, ocupando também a função de coordenadora de curso. Joana tem trabalhado nas duas modalidades de ensino, tanto presencial quanto a distância. A partir de seus relatos vamos procurar observar como ela percebe a dinâmica da modalidade EAD junto ao ensino superior. E principalmente, os reflexos desse modelo de ensino em seu trabalho.

No tópico dedicado à educação a distância conversamos um pouco sobre as mudanças que esse modelo de ensino tem produzido no trabalho docente. Na discussão sobre esse assunto fizemos uso das considerações de Belloni (2003). Segundo a autora, o que tem ocorrido no campo educacional é um processo de desmembramento, ou fragmentação do trabalho do professor. Dessa forma, ao contrário do modelo presencial, na EAD o trabalho do professor é executado por mais de um profissional. Assim, partindo dessa perspectiva, perguntamos a Joana sobre suas percepções em relação a educação a distância, considerando a dinâmica de trabalho do professor nesse contexto. Ela disse não saber ao certo se esse modelo é bom ou não (destacou

aspectos positivos e negativos) para o professor e para o ensino de uma forma em geral.

Segundo Joana:

Eu não sei se é bom ou se é ruim. Eu deixo de exercer todas as funções. Por exemplo, eu deixo de corrigir uma avaliação, o que não me permite saber se o aluno está se desenvolvendo ou não. Mas ao mesmo tempo essa fragmentação me permite dedicar melhor a outras funções. Então eu consigo produzir um material com mais tempo, eu consigo produzir conteúdo extra com mais tempo, com uma dedicação maior. Então eu acho que tem os prós e os contras. Esse afastamento do aluno me faz não saber se aquilo que eu tô fazendo realmente tá trazendo resultado. Se o processo de ensino e aprendizagem no EAD tá acontecendo. Só que esse afastamento e essa fragmentação ele me dá tempo de fazer outras atividades que eu não conseguiria fazer caso eu estivesse realizando todo o processo como eu faço no presencial. Então eu acho que tem os dois lados, a gente não pode dizer nem que é bom e nem que é ruim (JOANA, entrevista concedida em 2020).

Apesar da incerteza sobre o modelo EAD, sinalizado por Joana, foi possível notar como ela vê o trabalho do professor dentro desse contexto do ensino. Ela acredita que, ao mesmo tempo que esse formato gera um afastamento entre o aluno e o professor que ministra as aulas, ele proporciona mais tempo para dedicação desse professor na organização dos conteúdos. Destaca, inclusive, a possibilidade da produção de conteúdo extra, o que segundo ela, no modelo presencial não seria possível. Por outro lado, destacou um aspecto importante nesse processo: para Joana, esse mesmo afastamento do aluno compromete a visão do professor de todo o processo de ensino, pois não permite conhecer se o que ele (professor) está realizando está dando resultado ou não.

Sobre o ensino a distância Joana mencionou que o momento é de adaptação, principalmente por parte do professor. O próprio momento da pandemia¹⁸ de COVID-19, contribuiu para mostrar essa necessidade. Naturalmente, considerando que há diferenças entre ensino a distância e ensino remoto. Mas que segundo ela, o professor que não se adaptar e não se inserir nesse modelo, ficará fora do mercado de trabalho – ela considera que é preciso passar por esse processo. Joana acredita que esse momento é igual a outros que já tivemos. Em sua visão, houve um período na história da educação em que os professores que trabalhavam com ensino presencial viram mudanças ocorrer, como a inserção de tecnologias dentro da sala de aula. Professores que estavam acostumados com os métodos tradicionais, como o quadro, o giz e o caderno, por exemplo, tiveram que se adaptar àquele momento, às tecnologias que foram inseridas naquele contexto. Desta forma, para Joana, esses momentos mencionados se

¹⁸ Pandemia: o termo Pandemia refere-se ao momento em que uma doença se espalha por vários continentes. No caso específico, neste texto mencionado, diz respeito à Pandemia da COVID-19, cujo primeiro caso no Brasil foi registrado no dia 26/02/2020. Mais informações sobre este assunto podem ser consultadas em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/11/o-que-e-uma-pandemia.ghtml> e <https://saude.abril.com.br/medicina/grande-estudo-mostra-como-o-coronavirus-chegou-e-se-espalhou-pelo-brasil/>

assemelham em termos da necessidade de adaptação, pela qual o professor precisará passar para conseguir manter as possibilidades de emprego. Sobre essas mudanças mencionadas, envolvendo o ensino superior de uma forma geral, Joana ilustra sua percepção dizendo que:

E eu vejo muito que os cursos presenciais eles tão tendo uma queda, e alguns cursos estão fechando porque existe muito mais procura na educação a distância. E é muito mais viável para as instituições, tanto as públicas, quanto particulares, manterem certos cursos à distância e não ter esses cursos presencialmente. Então eu vejo que, se o professor não se adaptar a essa nova realidade também, do EAD, ele optar por ficar só no presencial, ele vai começar a perder trabalho. Ele vai perder espaço, ele vai perder campo de trabalho (JOANA, entrevista concedida em 2020).

A partir dos relatos de Joana, observamos dois aspectos centrais nas percepções dela sobre educação à distância. O primeiro deles é que, todo esse processo pelo qual o ensino superior está passando (inclusive com a implementação da EAD), segundo Joana, é algo inevitável. Trata-se de uma tendência para o campo da educação. Outro ponto é que, o professor precisa se adaptar, caso não faça isso, as possibilidades de trabalho serão reduzidas. Na visão de Joana, a educação a distância exige do professor adaptação. Não somente para se inserir e se manter nesse modelo de ensino, mas também, exige daquele que tem atuado somente no modelo presencial. Para ela, aquele professor que optar por se manter somente no modelo tradicional de ensino corre o risco de perder campo de trabalho.

Antes de seguirmos, importante destacar as impressões de Joana em relação à situação de queda na demanda, pela qual os cursos do modelo presencial têm passado. Quando iniciou sua carreira, Joana dedicava-se de forma integral para essa modalidade de ensino. Trabalhava todos os dias da semana, nos períodos da tarde e noite. Atualmente, por conta da falta de alunos nos cursos em que atua, sua carga no ensino presencial foi reduzida para somente dois períodos na semana (um dia de manhã e outro à noite). Sua carga maior está concentrada no ensino a distância.

Joana conclui sua fala sobre educação a distância dizendo que, em algumas situações as instituições têm se preocupado mais com o risco de o ensino a distância não vender, do que em ouvir o professor. Para ela, os modelos educacionais são criados e a forma como deve ser feita é estabelecida. Porém, acredita que o professor deveria ser ouvido, para saber o que ele pensa. Mencionou ainda que, apesar dessa percepção, ela procura fazer a sua parte enquanto professora, buscando fazer o melhor que pode. Joana disse que já viu muitas coisas sendo aplicadas e logo depois retiradas, pois o professor não foi consultado. Ela reforça, dizendo que isso se aplica ao ensino presencial também.

3.2.2 Flexibilização do trabalho docente: o olhar de Joana

A flexibilização do trabalho é um tema amplo, e como já vimos, está presente não só no Brasil, mas em outros países também. É um fenômeno, que segundo Antunes e Praun (2015), reflete em diversas categorias de trabalhadores. Os autores mencionados vinculam a esse tema questões como o desmonte da legislação trabalhista, envolvendo principalmente diversas formas de contratação da força de trabalho. Assim, quando pensamos este tema a partir do contexto da educação, é possível notar modelos de contratação de professores de forma temporária, tanto na iniciativa privada quanto na área pública. Um modelo atual de contratação de professores pode ser visto através dos chamados MEI, ou Microempreendedor Individual. Nesse modelo, o professor passa a ser um prestador de serviços educacionais, o que desvincula as instituições de ensino de questões relacionadas a legislação trabalhista.

Para Joana, mudanças na situação de trabalho do professor é algo que vem ocorrendo há algum tempo e será cada vez mais frequente. Segundo ela, o período da pandemia tem acentuado esse processo. Por outro lado, Joana acredita que as instituições de ensino irão manter um número mínimo de professores contratados, e o restante do quadro docente será suprido por professores contratados através do MEI. Essa é uma questão que Joana vê como negativa, pois trabalhar nessa condição (contrato por disciplina), o professor perde o salário fixo, assim como não saberá se conseguirá ministrar a disciplina novamente. Nesse ponto da entrevista Joana reforça a ideia de que, talvez esse modelo seja interessante para as instituições, pois contribui para reduzir as obrigações trabalhistas. Esse relato de Joana vai ao encontro da abordagem sobre “flexibilização do trabalho docente”, presente neste texto. O Censo da educação de 2017 dá esse contorno, pois segundo os dados, nas instituições privadas há um predomínio de professores nas modalidades horista e contrato por tempo parcial.

Joana comentou sobre outra situação, na qual o professor é contratado para produzir o material didático de uma instituição. Nesse processo são produzidos o livro, questões e outros materiais solicitados para uma disciplina. O professor assina o contrato e a instituição faz uso do material por certo tempo, talvez anos – e faz atualização quando houver necessidade. Após a entrega dos materiais, instituição e professor não têm mais nenhuma relação. Sobre isso, Joana salientou que:

Por isso que eu falo que é o momento de repensar a profissão docente. E eu acredito que muitos professores vão começar a partir para outras funções, outras linhas, pra começar a ter uma renda extra porque provavelmente isso vai diminuir muito a renda do professor (JOANA, entrevista concedida em 2020).

Pelo tempo de experiência que possui na docência, e por transitar nos dois modelos de ensino (a distância e presencial), Joana disse que no momento se sente mais confortável e mais

segura no ensino a distância, mesmo com as mudanças que ocorrem a todo momento. Por outro lado, acredita que o ensino presencial, de maneira geral, tem passado por dificuldades por conta da perda de alunos e de cursos que não conseguem formar turmas. Para ela, isso tem gerado maior instabilidade, desconforto e insegurança no trabalho. Segundo Joana, isso já ocorre algum tempo e tem percebido esses sentimentos nos demais professores.

Em relação aos temas que temos tratado neste tópico, Joana demonstrou estar ciente, conhecedora dos fatos e mudanças que envolvem seu meio profissional.

3.2.3 Subjetividade e docência, de Joana

Para observarmos as perspectivas de Joana sobre subjetividade docente, três aspectos consideramos importantes. O primeiro deles diz respeito a subjetividade como algo que é inerente ao indivíduo. E que, segundo Silva et al (2017), é constituída (a subjetividade) de sentido e significação. E no decorrer da história do indivíduo, através da interação com os demais atores sociais, é que se dá a sua construção. Outro aspecto importante diz respeito à subjetividade do professor na prática docente. Este é também um ponto central, pois como já discutimos em momento anterior, o indivíduo é produto, e ao mesmo tempo, produtor do meio no qual está inserido (LIMA, 2012). Assim, o indivíduo-professor constrói e reconstrói os seus conhecimentos tendo como base suas experiências, sua história e suas relações com os demais atores sociais. E por fim, importante lembrar sobre a relação entre subjetividade docente e o contexto atual do ensino superior. Considera-se nessa perspectiva, a hipótese de que ocorre nesse ambiente a captura da subjetividade docente em detrimento aos objetivos institucionais, frente ao mercado educacional. Essa é uma abordagem na qual fizemos uso das proposições de Lilian Aparecida Lima, bem como de Giovanni Alves. Para os autores, tais aspectos implicam na própria liberdade e autonomia docente para realizar seu trabalho.

Para Joana, subjetividade é algo que está presente em seu trabalho cotidiano, e exerce influência em sua prática docente. Segundo ela, além de se apoiar no aprendizado trazido de sua formação acadêmica, costuma levar para dentro da sala de aula situações práticas, de sua vivência e experiência. Para ela, isso serve para trabalhar os conteúdos com os alunos, ajudando-os a compreender o que é proposto em uma disciplina. Ela mencionou ainda que na subjetividade está presente o seu jeito de ensinar, de ministrar uma aula. Para Joana, a subjetividade é o que a diferencia dos demais colegas professores, pois cada um tem o seu jeito de trabalhar.

O prazer pelo ensinar é algo que ficou evidente durante a fala de nossa personagem. No decorrer da entrevista ela enfatizou o valor que dá para a educação, pois ela permite formas de perceber o mundo, provocando assim, mudanças no comportamento e na vida das pessoas. Joana disse que é apaixonada pela educação. Segundo ela: “[...] tudo bem que eu não estou ali para ser pai e mãe de ninguém, mas eu acho que o tempo que um aluno fica comigo, eu sou capaz de influenciar ele” (JOANA, entrevista concedida em 2020). Durante a entrevista, Joana mencionou também que em algumas situações, alguns alunos chegam a partilhar com ela situações que eles não haviam dito nem mesmo a seus pais. Nesse sentido, para ela, o ensinar vai além dos conteúdos a serem transmitidos, somente. Essa parte do relato de Joana contribui para percebermos a presença da subjetividade do indivíduo-professor, dentro do processo de ensino. Sobre isso, Silva et al (2017) ajudam-nos a pensar a subjetividade docente. Para as autoras, o homem é um ser social, e como tal, é constituído e constituinte de relações sociais. Assim como é influenciado pelo seu meio, ele influencia esse meio, não só com seu conhecimento adquirido (no caso o professor), mas com sua própria história e forma de ver o mundo.

Perguntamos a Joana sobre prática docente, considerando a manifestação da subjetividade do professor no processo de construção de conhecimentos, desde a preparação das aulas, organização de atividade e transmissão de conteúdos a seus alunos. Ou seja, se há liberdade e autonomia ao professor nesse processo. Segundo ela, algumas instituições permitem essa liberdade, “[...] que você traga esse teu eu. Outras não, estão te engessando muito” (JOANA, entrevista concedida em 2020). Para Joana isso depende de cada instituição, da proposta pedagógica e liberdade que se tem para trabalhar.

Sobre a prática diária de seu trabalho, envolvendo neste caso o planejamento dos conteúdos e aulas, Joana relatou que nem sempre consegue pôr em prática tudo o que planejou. Segundo ela, algumas variáveis envolvidas contribuem para isso. Por exemplo, ela mencionou que a geração atual parece não se interessar muito por leitura e pelos estudos. Joana citou como exemplo, momentos em que pediu para seus alunos lerem um livro, e eles reclamaram, dizendo que não gostavam. Ela disse também que a geração atual é mais tecnológica, diferente de sua geração. Na época em que ela fez faculdade, o uso da biblioteca para consulta era quase uma regra, e muitos trabalhos eram feitos a mão, comentou. Diferente dos dias atuais, pois os alunos dispõem da internet para fazer consultas e realizarem seus trabalhos. Joana disse que procura trabalhar de forma com que eles entendam os conteúdos. Porém, sem deixar que se acomodem, fazendo as atividades de “qualquer jeito”. Joana disse que em meio à essa dinâmica, procura estabelecer limites aos alunos.

No tópico anterior, Joana relatou sobre insegurança no ambiente de trabalho, por conta de mudanças nas instituições de ensino, que ela própria tem percebido. Em seu entendimento, as instituições estão voltando o olhar, principalmente para questões financeiras, de cunho mercantil. Desta forma, acabam deixando as questões pedagógicas em segundo plano. Sobre isso, resgatamos as proposições de Ball (2004), presentes neste texto. Para o autor, a adoção (por parte das instituições de ensino) de modelos de gestão baseados no mercado, tem contribuído para implicações nos padrões educativos, assim como no trabalho e carreira docente. Segundo Ball, como consequência isso também compromete a própria autonomia e subjetividade do professor. Sobre essa perspectiva, importante apresentarmos parte de um relato feito por Joana. Ela queixou desconforto no trabalho por conta da situação acima apresentada. Segundo ela, nesse contexto, tem sentido perda da liberdade de trabalho, assim como tem se sentido desmotivada. Relatou que já houve situação em que solicitaram a ela que evitasse a reprova de alunos no primeiro ano, pois eles poderiam desistir do curso.

Além das queixas mencionadas acima, ela disse que no passado o nome da instituição pesava muito. Isso era possível de ser observado no momento de uma entrevista de emprego, pois o empregador perguntava onde o candidato ao emprego tinha se formado. No entanto, segundo ela, atualmente isso tem menos importância, pois o que se busca saber do candidato é se ele possui graduação, completou. E Joana complementou dizendo que:

Então, acho que isso reflete, nessa questão. E isso vai mexendo com a gente, porque você ter que ouvir que você tem que manter aluno pela questão financeira, eu não quero. Eu quero manter o aluno pela questão pedagógica. Eu quero que ele esteja ali realmente aprendendo. Mas, o perfil das instituições mudou... acho que de uma maneira geral (JOANA, entrevista concedida em 2020).

Para Joana, de uma forma geral, o fato de o nome da instituição não ser tão importante para o candidato no momento de sua escolha, é que tem gerado uma certa disputa entre instituições. Joana reforçou ainda que, poucas instituições foram fundadas com o propósito educacional, mas com um objetivo financeiro, para ganhar dinheiro. E o crescimento do mercado educacional tem acentuado isso.

Para nossa personagem, esse contexto acima tem trazido certo prejuízo para o ensino, pois o que ela tem observado em seu entorno são professores desmotivados, pensando em desistir da carreira. Joana relatou que, nos últimos dois anos, viu bons profissionais saindo das instituições por onde tem passado. Como já relatado, Joana procura deixar os problemas para fora da sala de aula, procurando fazer o seu melhor. No entanto, confessou que tem dias em que se sente desanimada por dificuldades encontradas no trabalho, principalmente de liberdade para realizá-lo. Mencionou que já pensou em desistir por diversas vezes. Apesar das dificuldades

mencionadas, Joana procurou destacar a importância que ela dá para a educação, e o prazer que tem em ensinar.

3.2.4 O futuro e a educação, sob a perspectiva de Joana

Apesar de todas suas incertezas no começo da carreira, Joana acabou assumindo a função definitiva de professora. Durante sua trajetória profissional, foi aprendendo em meio a situações difíceis, o ser professora. Ela mencionou que percebe o momento atual pelo qual o campo educacional tem passado. Percebe também o que isso tem representado para o professor, para sua condição de trabalho, bem como, o que isso pode acarretar para a carreira. Além desse olhar que tem sobre a educação, Joana acredita que as pessoas também podem dar suas contribuições para uma educação melhor. Segundo ela, “[...] se as pessoas entendessem isso, que o estudar não é uma obrigação, é algo que te traz algo a mais, acho que mudaria a qualidade de ensino de uma forma em geral” (JOANA, entrevista concedida em 2020). Ela procurou demonstrar que conhece a situação do ensino. Considera que o cenário pode ser melhorado a partir da contribuição, não só dos agentes responsáveis, mas também, dos demais atores envolvidos, como os próprios estudantes.

Apesar de seu entusiasmo em relação à educação, em seus relatos finais Joana disse ter algumas incertezas e medos quanto ao futuro, sobre o momento em que seus filhos chegarem no ensino superior. Ela e seu esposo conversaram sobre a filha mais velha, que daqui a uma década já terá ingressado em algum curso. Joana questiona: “como será que vai ser, que jeito vai ser? Será que vai ser superficial, ela realmente vai aprender. O meu medo é esse, de perderem o propósito pedagógico” (JOANA, 2020). Para ela, a ênfase nos aspectos comerciais pode prejudicar os modelos educacionais - por exemplo, quando as faculdades se assemelham a empresas comuns, de propósitos diferentes aos de uma instituição de ensino. Para ela, existem muitas iniciativas boas, de gestores preocupados com o ensino. Mas também vê alguns preocupados com questões financeiras. Joana manifestou preocupação também em relação a uma possível banalização da educação, na qual haja uma preocupação somente com a venda de cursos, sem saber ao certo se os alunos realmente aprenderam.

3.3 PROFESSOR PEDRO: COMO TUDO COMEÇOU

Neste tópico vamos refletir sobre os relatos de Pedro, o jovem professor universitário que iniciou sua carreira no ano de 2012. A organização dessa abordagem segue basicamente a

mesma estrutura de tópicos e subtópicos que utilizamos no item anterior, sobre os relatos de Joana. Em cada abordagem, porém, iremos direto ao ponto que interessa, considerando que já fizemos uma parte introdutória, resgatando pontos de nossa discussão no texto, como subjetividade, educação a distância e demais temas. Vamos lá então, falar um pouco sobre o início dos trabalhos de Pedro, como professor.

Pedro iniciou suas atividades como professor no ensino presencial, depois passou a ministrar aulas também na educação a distância. A partir de suas narrativas foi possível observar como as aulas ministradas no curso Kumon¹⁹, bem antes do início no ensino superior, foram importantes para que ele se descobrisse como professor. Ele iniciou como professor assistente, ministrando aulas de matemática, e disse ter gostado muito da experiência. Além disso, Pedro mencionou que também deu aulas de informática. E o tempo que ficou em uma incubadora na UEM, considerou como algo que o ajudou bastante, a fazer suas escolhas pela docência.

Outro momento narrado por Pedro, que segundo ele, contribuiu também para firmar suas decisões pela docência, foi o período em que esteve vinculado a programas de iniciação científica. Antes de sair de São Paulo, com destino à Maringá para realizar seus estudos, Pedro foi orientado a procurar algum órgão ou programa que oferecesse projetos de iniciação científica. Assim, no segundo ano da graduação ele ingressou em um programa para trabalhar com pesquisas científicas. Esses momentos no Kumon e na iniciação científica foram importantes para sua escolha pela docência, momentos que o ajudaram a descobrir o que realmente gostaria de fazer.

Apesar desses encaminhamentos que essas experiências proporcionaram a ele, Pedro mencionou que ao iniciar o curso de Administração estava decidido a abrir uma empresa. Mesmo com sua decisão pela docência, ficou claro em sua narrativa que o sonho de ser empresário ainda permanece, guardado em meio a seus objetivos.

...eu comecei o curso de Administração... querendo abrir minha empresa. E aí quando eu fui vendo as situações, eu falei: caramba, parece que meu perfil tá mais pra ser professor do que ser um empresário. Mas eu não desisti dessa ideia, de ser um empresário. Tanto é que eu cheguei a abrir minha startup (PEDRO, entrevista concedida em 2020).

Entre os anos de 2018 e 2019 Pedro chegou a abrir uma empresa em sociedade com alguns colegas, porém, por alguns motivos não deu certo e ele acabou desistindo. Ele justificou seu interesse em iniciar um negócio dizendo que:

Apesar de saber que a minha vocação é pra área docente, eu gostaria de ter uma formação... bem completa. Então, pra poder transmitir também essas outras experiências, essas outras visões para os meus alunos. Mas, eu não vou largar a

¹⁹ Esse período da experiência de Pedro, como professor no sistema Kumon de ensino, se deu por volta de seus 18 anos de idade, quando retornou a Maringá para realizar seus estudos.

carreira docente, porque... eu descobri que é o meu dom, é o que eu gosto de fazer, mas eu gostaria de ter outras complementações pra poder transmitir isso para os meus alunos. Não quero ser empresário pra sempre... o que eu quero pra minha vida é a área docente. Tanto é que muitos questionam... você quer ganhar dinheiro, sai da carreira docente, vai fazer outra coisa (PEDRO, entrevista concedida em 2020).

Pedro reforça o interesse na abertura de um negócio, dizendo que o objetivo é ter uma carreira mais completa. Acredita que, ao ter essa experiência, poderá responder a muitos questionamentos, que seus alunos geralmente fazem.

Pedro iniciou suas atividades como professor no ano de 2012, trabalhando na iniciativa privada, e nela permaneceu atuando. Um fato curioso, relatado por ele, é sobre seu início na docência. Segundo ele, sua primeira aula foi dada no dia em que ocorreu sua defesa de dissertação no mestrado. Ele fez sua defesa no período da manhã e no período da noite ministrou aula no ensino presencial²⁰. Assim como Joana, Pedro também teve uma experiência como coordenador de curso. No final do ano de 2015 ele recebeu um convite para coordenar um curso. Sobre esse período vivido, Pedro relatou que se sentia um pouco perdido, pois considerava ter pouca experiência, já que havia iniciado na educação em 2012. Dessa experiência Pedro queixou-se de não ter conseguido se estruturar e implementar ações de longo prazo que havia planejado à época, pois a cada semestre mudava de curso. Por fim, ele cumpriu sua missão como coordenador e depois deixou a função, passando a se dedicar somente à docência.

3.4 TRABALHO DOCENTE: CONSIDERAÇÕES INICIAIS DE PEDRO

Desse início de seus trabalhos na docência, Pedro disse que estranhou o ritmo de estudos nas instituições privadas. Segundo ele, percebeu essa diferença em relação à sua formação (graduação e mestrado), realizada em instituições públicas. Desta forma, teve de se adaptar e diminuir o ritmo das aulas que começou a ministrar. A questão da formação é um aspecto valorizado por Pedro, pois nos primeiros relatos deixou isso claro, quando mencionou sobre sua intenção em ingressar como aluno em uma universidade pública. Neste caso, citou como exemplo a Universidade de São Paulo – USP, pois era sua intenção quando ainda estava morando na capital paulista. Em outro momento, deu destaque à sua formação da graduação e mestrado, realizados na Universidade estadual de Maringá – UEM.

Do tempo em que permaneceu como coordenador, Pedro lembrou de um aspecto que o deixou preocupado:

²⁰ Pedro mencionou também que, um mês após ministrar sua primeira aula no ensino presencial, foi convidado para trabalhar com ensino a distância – em uma instituição que ele não mencionou o nome. Desta forma, considera que iniciou sua carreira nas duas modalidades.

O que eu acabo as vezes, percebendo é que... nem são todos que estão na carreira docente por aptidão, por gostar. Eu percebo isso por ter passado por uma instituição e ter sido coordenador, que o cara tá lá simplesmente pra ter o salário dele. Ou pra poder colocar no currículo dele que é professor de ensino superior. Eu senti bem, principalmente quando eu fui coordenador, que aí você, né, tem responsabilidades maiores e você vê que o cara estava simplesmente interessado em poder colocar ali no currículo que ele era professor de ensino superior. Isso é um pouquinho frustrante... ver que justamente esse profissional vai pra sala de aula... e vai ter esse contato aí com essa nova geração. Me deixa bastante preocupado, eu vejo que acontece mais no ensino privado... porque no ensino público, ou você passa por um concurso ou um teste seletivo. Então já tem uma triagem pra tudo isso (PEDRO, entrevista concedida em 2020).

As questões apontadas no relato acima, ajudam a refletir sobre alguns aspectos da nossa abordagem. Esse perfil de profissional apontado por Pedro, geralmente é um profissional que nem sempre depende integralmente da renda obtida com a docência, mas que possuiu outra atividade profissional fora da instituição em que trabalha. Ou então, em alguns casos, são profissionais que trabalham em mais de uma instituição, dessa forma, conseguem completar a carga horária. Segundo Pedro, muitos desses profissionais ingressam no ensino somente com o objetivo de agregar ao currículo, atribuindo o status de professor do ensino superior. Um aspecto importante para se pensar sobre essa questão, ao qual Pedro também alertou, é o fato desse profissional não possuir vínculo integral com a instituição, o que o afasta de um maior comprometimento e engajamento com a vida acadêmica. Para concluirmos nossa reflexão, vale lembrar sobre o relato de Pedro, que após concluir sua missão no tempo em que foi coordenador, se sentiu perdido. Como não tinha mais a função de coordenador e nem as aulas, viu sua renda reduzida – sua dedicação era exclusiva ao ensino, não possuía rendimento fora da docência. Isso o levou a questionar, se permaneceria na docência ou se iria para o mercado, tomando desta forma, uma decisão radical.

Pedro mencionou que procura passar para seu irmão mais novo, um pouco dessas suas experiências profissionais na carreira docente. Ele faz isso, pois nos caminhos que trilhou em sua vida profissional, não teve um modelo, alguém que o orientasse. Assim, caso o irmão se interesse pela área, estará munido de informações. Relatou ainda que há, nessa questão, uma lacuna em sua carreira. Segundo ele, na área da educação, ainda não trabalhou em uma instituição pública, e na iniciativa privada, não trabalhou em uma grande empresa. Neste caso, experiências nesses perfis de instituições e empresas ainda não teria para passar ao irmão.

A experiência que Pedro teve como coordenador de curso e professor, serviu para proporcionar a ele uma visão ampla das dinâmicas que ocorrem na área docente. Isso se deu a partir do momento em que foi convidado a ser coordenador. Nesse mesmo período, Pedro continuou ministrando aulas no curso que passou a coordenar. Através dessa experiência, ele entendeu o que é ser professor e o que é ser coordenador de curso. Como coordenador, Pedro

disse que passou a compreender certas cobranças que eram feitas ao professor. Esse aprendizado reflete nos dias de hoje, pois quando recebe a cobrança de algum coordenador, ele disse que já sabe por qual motivo ela está sendo feita. A experiência como coordenador também o ajudou a gerenciar, principalmente os anseios dos demais atores envolvidos na dinâmica educacional. Pedro relatou também:

...você tem que, ali naquele momento, gerenciar as expectativas, os egos, todas aquelas situações – dos alunos... todos aqueles anseios de alunos, principalmente os alunos ingressantes. As vezes com seus 17, 18 anos, não sabendo o que quer, o que que vai fazer. E ao mesmo tempo com as expectativas de uma instituição de ensino. Estava iniciando um momento (da economia) ruim, em que a faculdade queria ao máximo possível manter uma estrutura enxuta, não investir muito. Tive que aprender um pouquinho a lidar com essas expectativas (PEDRO, entrevista concedida em 2020).

Segundo Pedro, ele teve que aprender então a tratar as expectativas e anseios desses que se relacionavam diretamente com ele. Em alguns momentos tinha que ter a visão do aluno, em outro momento a visão do professor. Porém, nem sempre era possível agradar, tanto como professor, quanto como coordenador, pois os interesses eram divergentes. Mas sempre que possível, nas diversas situações que se via envolvido, procurava adotar um olhar diferente, mais amplo, e contornar as situações.

Sobre esse relato de Pedro, de sua experiência como professor e coordenador ao mesmo tempo, é possível fazer algumas considerações. Nessa dinâmica, vivida por ele, foi possível notar uma situação bem particular. Enquanto coordenador, Pedro se viu diante da necessidade de tratar conflitos e anseios, de alunos e professores. Mas também, se viu na situação de atender as expectativas²¹ da própria instituição, que exigia dele uma redução ao máximo do orçamento, pois o momento econômico à época era de dificuldades. Sobre isso, Ball (2004) alerta sobre o perigo na relação entre o objetivo principal da educação e o aspecto comercial. Para o autor, muitas instituições acabam por dar maior ênfase nas metas comerciais, em busca dos resultados financeiros, e por vezes, acabam colocando o propósito educacional em segundo plano. Esta foi também, uma das preocupações relatadas pela professora Joana, durante sua entrevista.

Dessa experiência, Pedro concluiu dizendo que foi um momento de certa dificuldade, uma vez que se considera perfeccionista. Ele gosta que as coisas aconteçam da melhor maneira possível, como o planejado. Lembrou também que nessa época, além da coordenação de curso

²¹ Sobre essas expectativas, Pedro detalhou, dizendo que foram cobranças feitas pela direção de ensino da instituição. Era algo não possível de ser atendido naquele momento, pois o orçamento estava reduzido. Mencionou ainda que, tratava-se de uma instituição de pequeno porte. Em meio a esse contexto, ele disse ter demorado para compreender algumas situações, nas quais percebeu alguns jogos de interesse e políticas. Quando chegou a esse ponto, Pedro disse que já estava no final de sua coordenação, e logo após, desligou-se da instituição. Ele considerou essa ruptura como um momento difícil, pois era algo (coordenação) que ele já estava acostumado, estava gostando.

e as aulas que ministrava na mesma faculdade, ele ainda dava aulas em outra instituição. Para ele, esse foi um momento que classificou como um caos²². Ou ele faria uma coisa, ou ele faria outra. Como estava com muito trabalho e muitos problemas de saúde, acabou optando por se desligar da instituição.

Nos parágrafos anteriores procuramos apresentar as primeiras impressões de Pedro, sobre um contexto no qual ele havia ingressado, mas agora, como professor. Pelo visto, a experiência como coordenador de curso foi algo que também o marcou bastante. Desse tempo, ele traz muitas lembranças e experiências, que considera positivas. Ele acredita que passar por esses momentos é importante, pois isso vai agregando bagagem em sua carreira docente. Em outro relato mencionou que o professor perdeu o respeito do meio acadêmico, que antes a ele era dado. Segundo Pedro, no passado era no professor que os alunos buscavam orientações, não só pelos conhecimentos, mas pela própria experiência de vida que ele trazia. Disse ainda ter encontrado dificuldades no início de sua carreira, para entender essa relação dos tempos atuais. Em sua época de estudante, o respeito ao professor era algo que ele prezava bastante. Relatou ainda que: “na atualidade, mudou-se. Talvez o professor esteja hoje competindo com os tutoriais de Youtube, ... com jogos, comunidades, grupos de redes sociais” (PEDRO, 2020). Na perspectiva de Pedro, no passado buscava-se no professor uma orientação, devido ao seu conhecimento e experiência, e pelo que ele representava. Porém, atualmente as pessoas buscam isso na internet, e muitas vezes ela (a internet) acaba servindo como distração. Nesse momento da entrevista, mencionou situações em que viu alunos na sala de aula com celular, que não sabia se eles estavam estudando ou navegando na internet.

Desse tempo de experiência na docência, Pedro disse que foi possível construir suas impressões sobre a relação professor/aluno. Mas também, foi possível formar algumas impressões sobre o campo das instituições de ensino:

Assim como a gente vê que tem ensino presencial muito bom. Tem ensino presencial que você questiona. E no ensino a distância a mesma coisa. Você tem materiais, você tem instituições que investem numa qualidade. E você vê... outras que simplesmente pegam um texto na internet, uma cópia, alguma coisa assim... e... esse é o material (PEDRO, entrevista concedida em 2020).

No relato acima Pedro se referiu as diferenças que observou, em termos de qualidade, entre algumas instituições pelas quais passou. Ele disse que percebeu isso tanto em modelos presenciais, quanto em modelos a distância. Enquanto algumas instituições investem em

²² Segundo o relato de Pedro, o conjunto de situações nesse caos trouxe implicações na qualidade de suas aulas. Isso ocorreu pois no final de sua função como coordenador estava passando por alguns problemas de saúde. Somado a isso, estava com uma carga excessiva de trabalho. Desta forma, sua dedicação para o trabalho, mas principalmente para o preparo das aulas, estava comprometido.

qualidade, em outras não há essa mesma preocupação. Nesse comentário, ele deu destaque principalmente para os materiais didáticos produzidos, pois em algumas situações não há um critério quanto a isso. Essa observação de Pedro vai ao encontro do que Joana sinalizou como algo que a preocupa, o medo da banalização do ensino. Essa é uma análise que deve ser feita considerando não somente o processo de produção dos materiais educacionais, mas também, o que isso pode representar dentro de algo mais amplo, como o próprio processo de ensino em si (BUENO e CARNIEL, 2015).

3.4.1 Educação a distância: como o professor Pedro a percebe

O ano de 2017 foi um período que marcou a vida de Pedro, pois em seus relatos foi possível notar sua frustração. A ruptura com a instituição em que trabalhava como professor e coordenador, foi algo que ele não esperava. Apesar de que na época se sentiu cansado, devido à sobrecarga como coordenador, além das aulas que ministrava e as pressões da instituição, sair da faculdade era algo que ele não esperava. Havia uma certa vontade em se desligar, mas não achava que isso fosse ocorrer de forma tão rápida. Pedro disse que esse foi um momento em que ele viu sua carreira bagunçada - e que a partir disso, teve de se reinventar. Inclusive, foi um momento em que repensou, se continuaria trabalhando como professor ou não. No entanto, ele seguiu em frente, e atualmente continua ministrando aulas, principalmente em cursos na modalidade a distância. Esse foi um momento em que ele disse ter sido de adaptação, pois quando iniciou nessa modalidade, teve algumas inseguranças, pois tinha de dar aulas de frente para as câmeras. Segundo ele, não foi um processo muito difícil, pois se considera de uma geração mais nova, que está mais adaptada às tecnologias. Além das aulas, Pedro disse que utiliza seu tempo para a produção de materiais didáticos para diversas instituições de ensino.

A primeira experiência de Pedro como professor na modalidade a distância ocorreu em uma dinâmica diferente da que ele participa atualmente (ele não informou em qual instituição iniciou). Diferentemente dos modelos atuais, em que as tarefas do professor são realizadas por mais de um profissional, naquele período ele era responsável por quase todo o processo. No contexto atual, no entanto, ele percebe uma maior divisão do trabalho docente. Ressaltou que, por conta da pandemia, o ano de 2020 foi um período em que teve de se adaptar às novas exigências. As instituições tiveram de adotar o modelo remoto, ou seja, as aulas passaram a ser transmitidas em sua maioria, da própria residência do professor. Segundo ele, teve de aprender outras tarefas, como gravar vídeos, iluminação, entre outras tarefas. Segundo o relato de Pedro, “o professor teve que aprender a fazer muita coisa. O professor teve de aprender a fazer a

gravação, na própria casa. Trabalhar aspectos como iluminação, ...o som, a imagem, edição” (PEDRO, 2020). Disse ainda que boa parte do processo de preparação das aulas ficava por sua conta, mas dependendo da instituição e do coordenador, essas tarefas eram divididas.

Ainda, sobre divisão do trabalho no modelo a distância, o professor Pedro disse que avalia sob a seguinte perspectiva:

...essas mudanças eu vejo um... ..certo lado como positivo, essa divisão. Imagina se a gente tivesse que fazer tudo. E a gente teve uma noção como é que é, ...nesse momento, da pandemia. A gente aprendeu, ...amadureceu bastante também nesse sentido. Isso influencia também na nossa carreira (PEDRO, entrevista concedida em 2020).

Numa primeira avaliação, Pedro considera que o processo de divisão das tarefas do professor na educação a distância, seja algo positivo. Ele argumenta que, caso ele tivesse de realizar todas as etapas do processo de ensino, seria mais difícil. Destacou que o momento vívido no ano de 2020, em meio a pandemia, serviu para perceber isso, por conta das várias tarefas que teve de aprender, e ele mesmo realizar. Por outro lado, avalia esse mesmo processo sob outra perspectiva, porém mais negativa. Disse que tem percebido um crescimento na educação superior, principalmente na modalidade a distância. E que, em decorrência disso, tem ocorrido uma padronização nos processos de ensino. Para ele, isso tem produzido, não somente a divisão do trabalho docente, mas também, um “engessamento” nos processos de ensino. O que, segundo ele, restringe um pouco a liberdade do professor. No geral, Pedro considerou essa dinâmica interessante para o seu trabalho.

A narrativa de Pedro sobre essa questão descrita acima, vai ao encontro dos relatos e impressões apresentados por Joana. Ela disse não saber ao certo se todo esse processo que ocorre na educação a distância é benéfico ou não, ao professor. Joana disse que dividir o trabalho com outros profissionais é algo bom, pois proporciona a ela (como professora) mais tempo para se dedicar a outras tarefas do ensino. Por outro lado, acredita que isso afasta o professor do aluno, impossibilitando-o de saber, se esse aluno está, de fato, aprendendo. Ainda, a professora Joana utilizou essa mesma expressão “engessamento”, em sua narrativa. No entanto, mencionou que isso varia de instituição para instituição, onde umas dão maior liberdade para trabalhar, “outras nem tanto” (JOANA, 2020).

Outro aspecto presente na narrativa de Pedro, diz respeito à identidade docente dentro da dinâmica de trabalho no contexto atual – tanto no ensino presencial, quanto no a distância. Segundo sua perspectiva:

O professor, na verdade, ele acaba tendo que se reinventar. E o primeiro ponto... acaba sendo na forma como ele vai dar aula. Eu, mais ou menos comecei mesmo período presencial e a distância. Comecei um pouquinho presencial, antes de ir para a distância. Uma situação que acaba influenciando, é na forma como você vai dar

aula. A gente está acostumado com aquela situação presencial, de interação com as pessoas. E esse é um ponto que acaba influenciando nesse momento. A gente tem que mudar a forma como a gente dá aula, aprender outros recursos, a ficar mais focado numa tela de computador (pensando nesse formato 2020) (PEDRO, entrevista concedida em 2020).

Quando Pedro disse sobre “ficar mais focado numa tela de computador”, ele fez referência à dinâmica pela qual passou durante o ano de 2020. Por conta da pandemia, ele teve de dar aulas de sua própria casa – e que o computador, era o seu foco de atenção. Mencionou ainda que o formato tradicional de aula na educação a distância (antes da pandemia), aproximasse de certa forma, do ensino presencial - pois apesar de trabalhar em um estúdio, ele pode andar, assim como faz numa sala de aula.

Em um momento seguinte ao relato acima, Pedro continua falando sobre as mudanças que tem notado, e que têm impactado em seu trabalho como docente, influenciando seu jeito de ser professor:

...você está olhando para uma câmera. Isso acaba mudando muito a nossa identidade – a gente tem de se tornar uma pessoa mais híbrida. Até com o próprio contexto do mundo, também reformula. A gente tem que mudar muito toda essa situação, a dinâmica como a gente dá aula, a forma como a gente aborda o aluno, a forma como a gente executa as atividades, elabora as atividades. Então realmente... isso influencia muito na nossa identidade (PEDRO, entrevista concedida em 2020).

Um ponto importante da fala de Pedro diz respeito à ideia de que o professor tem de se reinventar. Essa expressão, mostrou-se recorrente em alguns de seus relatos anteriores. O significado dado por Pedro, a essa expressão, tem a ver com as mudanças que o professor precisa incorporar ao seu jeito de ser professor e de dar aulas. Ele destacou a diferença sentida em relação ao ensino presencial, no qual está acostumado a interagir com os alunos. No ensino a distância, no entanto, além de não ter o mesmo tipo de interação, a grande mudança sentida foi em relação a forma como ministra as aulas. Para Pedro, a abordagem do professor em relação ao aluno por si já é diferente, uma vez que não há o contato presencial. A própria forma de aplicação²³ das atividades é outro ponto mencionado por ele.

Aproveitando essa narrativa de Pedro sobre as mudanças que os modelos de ensino têm produzido no trabalho do professor, relembremos os comentários de Joana, sobre essas mudanças. Para a professora Joana, o contexto atual do ensino superior (presencial e a distância), tem exigido adaptações por parte dos professores. Segundo ela, aquele professor que

²³ Essa parte do texto faz menção ao que já tratamos em nossa abordagem, sobre fragmentação do trabalho docente. Na ocasião, fizemos uso das proposições de Belloni (2003), mas nossa personagem Joana também fala sobre. Pedro cita a aplicação das atividades como algo que faz parte desse processo de mudanças no trabalho do professor. Ele próprio percebeu isso, quando começou a dar aulas no ensino a distância. A forma de aplicação das atividades no modelo EAD difere do presencial, pois no primeiro, essa tarefa é realizada por outros profissionais. E no segundo, essa é uma tarefa geralmente executada pelo próprio professor que ministra as aulas.

não assimilar os modelos atuais de ensino, presentes nessas duas modalidades, corre o risco de perder espaço no mercado de trabalho. Vejamos que essa análise de Joana retrata o que o professor Pedro tem vivido em seu trabalho, considerando as mudanças que tem enfrentado. E a própria professora Joana também tem vivido isso em seu trabalho. Ambos, Pedro e Joana, consideram que essas mudanças são necessárias, e enxergam o processo de divisão das tarefas do professor como algo relativamente interessante, pois facilita seus trabalhos.

3.4.2 Flexibilização do trabalho docente: o olhar de Pedro

Na seção anterior analisamos um pouco sobre as mudanças que têm ocorrido dentro da dinâmica de trabalho de Pedro, com especial atenção às suas percepções sobre o ensino a distância. Em seus relatos, questões como a distinção entre ensino presencial e a distância (no tocante à interação professor/aluno e forma de dar aulas), ficaram evidentes. Esses pontos puderam ser observados também em meio às narrativas de Joana. Para ela, trabalhar com o ensino a distância produz um afastamento entre o aluno e o professor. Desta forma, não é possível (para ela) saber se o esforço dedicado está atingindo os resultados desejados. Além desses aspectos, trazemos para essa reflexão a questão da flexibilização do trabalho do professor, no ensino superior. Como já vimos, esse tema relaciona-se, entre outros aspectos, à redução do vínculo de trabalho do professor com as empresas para as quais ele trabalha.

A relação entre o professor e a instituição de ensino na qual ele trabalha é outro mote para pensarmos o contexto de Pedro. Como já abordamos, a relação de vínculo entre esses dois atores também tem passado por mudanças consideráveis. A flexibilização do trabalho nessa relação, é um ponto importante, que temos procurado tratar nesta dissertação. Dessa forma, conhecer as percepções do professor Pedro, sobre as questões que envolvem esse tema, é o objetivo neste tópico.

No decorrer de nossa entrevista, perguntamos a Pedro como ele percebe as questões que envolvem o processo de flexibilização do trabalho do professor no ensino privado. Ele iniciou sua fala dando um exemplo para ilustrar os efeitos provenientes dessa relação professor/instituição.

Vamos pensar em uma pessoa que trabalha num nível operacional. Quando ela tem quarenta horas... ela trabalha tempo integral na empresa.... Além de ter mais tempo pra poder fazer essas atividades..., ela tem mais tempo para se integrar a cultura da empresa (PEDRO, entrevista concedida em 2020).

Segundo Pedro, quando uma pessoa é contratada por uma empresa para se dedicar em tempo integral, ela consegue se integrar melhor à essa empresa. Consequentemente, poderá

contribuir ainda mais para melhorar, não só o seu próprio trabalho, mas também, a própria empresa. Por outro lado, Pedro acredita que:

A partir do momento em que você vai trabalhando com a questão da flexibilização... tanto com a questão de terceirizar a mão-de-obra, e no caso... ser um MEI, ou mesmo para empresa terceirizada, ou mesmo tempo parcial, todo esse período de dedicação, de empenho... ele acaba diminuindo (PEDRO, entrevista concedida em 2020).

No fragmento anterior Pedro disse que um indivíduo que se dedica por mais tempo à uma empresa, poderá fazer mais e melhor – já que dispõem de uma carga maior de trabalho. Segundo ele, o mesmo não acontecerá com aquele indivíduo que se dedica de forma parcial, ou mesmo através de contratos de trabalho. Para esse último caso, ele citou um exemplo de situação, na qual algumas instituições pedem ao professor que se dedique à outras atividades, além das aulas que irá ministrar. Para Pedro, quando o professor não está vinculado a instituição de forma integral, isso se torna mais difícil²⁴, pois o tempo de dedicação é menor. Ele complementou dizendo que, outro aspecto que compromete ainda mais essa dedicação é o fato de que a remuneração muitas vezes não é suficiente para o professor se manter. Logo, ele passa a se dedicar à outras instituições ou empresas (atividades fora da docência), para complementar a renda. Esta é uma situação que também foi apontada nos relatos de Joana. Segundo a professora, esse tipo de relação entre professor e instituição tende a ser cada vez mais comum. As instituições procurarão manter um número reduzido de docentes. E segundo ela, nessa relação o professor perde o salário fixo, e fica na incerteza de conseguir ministrar a disciplina novamente.

Pedro mencionou também a respeito da distinção que ele tem observado em relação ao professor que se dedica somente à docência, daquele que ministra aulas e ao mesmo tempo trabalha em outras empresas convencionais. Para ele, aquele profissional que depende exclusivamente do ensino para prover seu sustento, geralmente encontra mais dificuldades para manter uma estabilidade financeira. Essa é uma situação que Pedro atribui, principalmente, àquele professor que precisa trabalhar em mais de uma instituição. Ou seja, que precisa dar aulas em várias instituições para poder completar sua carga horária. Por outro lado, aquele professor²⁵ que trabalha no mercado e no ensino ao mesmo tempo, possui maior estabilidade

²⁴ Segundo Pedro, o professor que permanece por mais tempo na instituição, conseguirá fazer mais. Porém, o professor que se dedica em tempo parcial, acabará fazendo o mínimo.

²⁵ Aquele professor que trabalha no mercado: uma ponderação cabe sobre esse perfil de profissional. No seu relato, Pedro observa duas situações. A primeira é em relação àquele professor que se dedica ao ensino como sua atividade principal, porém, por não conseguir um vínculo integral em uma única instituição, acaba trabalhando em mais de uma instituição e muitas vezes acaba indo para o mercado de trabalho. A segunda situação é sobre aquele professor que antes de iniciar na docência, já possui outra atividade profissional, como principal. E assim, como mencionou Pedro, começa a dar aulas por hobby ou para complementar os ganhos.

financeira. Isso se dá, pois, em muitos casos a maior parte de sua renda provém de outras áreas de atuação. E ainda, para alguns desses, o trabalho na docência é visto como um “hobby”, ou mesmo, como uma forma de complementar os ganhos. Pedro alertou sobre essa condição, dizendo que em alguns casos, esses profissionais não possuem uma preparação adequada em termos didáticos e pedagógicos para exercer a função de professor.

Essa distinção que Pedro faz entre esses dois perfis de profissionais é algo que pudemos notar em mais de um momento de seus relatos. Em um deles, ele lembra do período em que assumiu por um tempo a função de coordenador. Como era responsável pelas contratações, essa distinção era visível. E atualmente, um tempo já transcorrido do início de sua carreira, disse que ainda observa essa mesma situação. E ao concluir sua fala sobre esse assunto, Pedro relatou que se vê na situação do professor que, por não possuir um vínculo integral, tem buscado complementar sua renda de outras formas.

3.4.3 A subjetividade de Pedro na docência

Nesta seção pretendemos conhecer a perspectiva do professor Pedro acerca das indagações que envolvem a subjetividade do indivíduo-professor. Para isso, buscamos observar suas impressões sobre subjetividade, enquanto elemento presente no processo de construção de conhecimentos. Ao mesmo tempo, de transmissão desses conhecimentos a seus públicos. Em meio a essa dinâmica, observamos também como nosso personagem percebe a autonomia, no uso de sua subjetividade, frente às tarefas docentes no contexto do ensino superior.

A formação profissional e o acúmulo de conhecimentos provenientes de cursos de capacitação, cursos de pós-graduação, entre outros recursos, são elementos importantes na construção de uma base para o indivíduo exercer sua atividade como professor, disse Pedro. Segundo ele, trata-se de um processo no qual vamos incorporando novos conhecimentos, somando-se a isso a própria experiência de vida. E ainda:

Aos poucos a gente... vai incrementando a nossa formação, nossos treinamentos... o que nós carregamos de valores. E nós vamos também, modificando ao longo do tempo, conforme a gente vai aprendendo mais. Ou conforme hoje a gente tá dentro de um mundo VUCA²⁶, ou mundo BANI, e aí sim, a gente vai incorporando esses elementos, essas situações (PEDRO, entrevista concedida em 2020)

²⁶ Mundo VUCA e mundo BANI: em linhas gerais, estes dois termos fazem referência à condição do mundo em que vivemos. O primeiro define um mundo de caos ao qual estamos presenciando. Porém, o segundo propõem uma atualização dessa condição em que vivemos, sugerindo que estamos diante de um mundo de incertezas. Para saber mais sobre este assunto acesse: <https://jornaldebrasil.com.br/blogs-e-colunas/professor-m/mundo-bani-versus-mundo-vuca/>

No fragmento acima Pedro cita os termos VUCA e BANI, fazendo referência ao contexto atual, no qual o mundo se encontra. Logo, inseridos nesse meio, aprendemos e incorporamos novas experiências e formas de ver o mundo. Sobre isso, Silva et al (2017), juntamente com Lima (2012), concordam que o indivíduo internaliza significados de seu meio e atribui sentidos pessoais para esses significados. Desta forma, ao mesmo tempo em que nosso personagem percebe esse mundo que mencionou, dele absorve significados, e a esses significados atribui seus sentidos.

Pelos relatos coletados, foi possível compreender que Pedro acredita que a subjetividade interfere em sua prática cotidiana, e como algo positivo. Citou como exemplo uma situação em que dois professores dariam uma mesma disciplina, porém em momentos distintos. Ao analisar a subjetividade a partir desse exemplo, Pedro acredita que é possível compreender como uma mesma disciplina pode ser abordada de formas distintas. Isso se deve, segundo ele, à particularidade de cada professor. E acrescentou que: “[...] a gente sabe que tem as teorias, tem o plano de ensino, tem os recursos... e a gente dá a nossa própria orientação” (PEDRO, 2020). Nesse fragmento Pedro sugere que a disciplina já está estruturada, que as teorias que a compõem já existem e foram aprendidas. E que, um direcionamento a ela já foi dado, pois possui um plano sobre o que deverá ser ensinado. Porém, como ele mencionou, cada professor dará a sua orientação. Essa percepção é compartilhada com a professora Joana, que em meio ao exercício de suas tarefas, leva para dentro da sala de aula sua experiência de vida. Nesse sentido, a partir deste encontro de experiências, é possível constatar que a prática docente é diretamente influenciada pela subjetividade de cada indivíduo. Como bem destacou Lima (2012), o ser humano é uma síntese entre o objetivo e o subjetivo. E podemos aproveitar estas ponderações para lembrar sobre um ponto importante de nossa discussão. Nela, Bueno (2002) sugere que o indivíduo forma a sua memória individual – e essa memória se constitui coletiva, da sociedade em que está inserido. Importante resgatarmos esse pequeno trecho, com proposições de Bueno, para percebermos a convergência de percepções dos dois personagens sobre subjetividade e docência. Assim, apesar de cada qual com suas percepções individuais, ambos representam a memória coletiva.

Antes de seguirmos, vale destacar um momento da entrevista de Pedro, onde ele procurou ilustrar o quanto a subjetividade está presente e influencia o cotidiano de tarefas do professor. Para isso, ele tentou definir um índice percentual, sendo que na primeira tentativa arriscou dizer que essa influência poderia ser de 50%. Os 50% restantes, segundo ele, ficam por conta da estrutura (plano de ensino, orientação pedagógica, os conhecimentos prévios do professor etc.) prévia que possui uma disciplina. Em outro momento chegou arriscar que o

percentual de influência seria de 70%, porém sem definir qual desses dois índices seria de fato. Pedro concluiu essa reflexão dizendo que essa variação é o que faz uma disciplina ser tão subjetiva.

Ao pensarmos a subjetividade dentro do contexto proposto nesta dissertação, devemos levar em consideração a hipótese de que ela está associada a questões de autonomia. Neste caso, no sentido de liberdade. Este é um ponto que já discutimos, tanto no início de nossa abordagem, quanto na análise dos relatos dos personagens Joana e Pedro: a subjetividade docente é algo que se faz presente na atuação do professor, dentro de seu processo de ensinar. Assim, trazendo à luz esta reflexão, é possível lembrarmos de nossa abordagem inicial, sobre o que já refletimos a respeito do termo “captura” da subjetividade. Giovanni Alves, juntamente com Lilian Aparecida Lima, contribuíram com suas proposições para compreendermos o que isso pesa para o professor. No centro dessa discussão, nós tratamos do processo que envolve a apropriação da subjetividade docente, por parte do capital. A hipótese que há, é de que isso vem ocorrendo dentro do contexto de atuação do professor do ensino superior. No entanto, Alves (2011) dirá que essa “captura” não ocorre de fato, como o próprio termo supõem. É algo que se dá em meio à dinâmica vivida pelo professor, frente às demandas apresentadas pelo mercado educacional. Ball (2004) contribui nessa mesma linha, e ajuda-nos a melhor compreender essa discussão quando afirma que o sistema vigente tem exigido desse profissional uma nova postura e comportamento. Ou seja, a captura não ocorre no sentido real da palavra, mas através das exigências mencionadas por Ball. Por fim, Alves (2011) comenta que essa captura ocorre com consentimento do indivíduo. No entanto, que ela não se dá sem resistência e lutas cotidianas.

A discussão que apresentamos no parágrafo anterior teve como objetivo lembrar o que temos procurado compreender acerca da subjetividade. Ainda, o que ela representa no trabalho do professor, e como se dá o processo de sua captura. Em seu relato, Pedro tem confirmado algumas hipóteses em relação ao que temos discutido sobre autonomia no trabalho. Segundo ele:

A gente tem uma liberdade em certo ponto. Você tem uma série de situações... que influenciam, como plano de ensino. Algumas instituições dizem para você já montar o plano de ensino todo esquematizado, da primeira à última aula. Então, isso acaba atrapalhando um pouquinho dessa subjetividade. De uma certa forma a gente tem, mas nem tanto... porque a gente tem que seguir ali uma série de regras, situações. Aí também depende da instituição de ensino, depende da metodologia, como é empregada, do tipo de ensino presencial ou a distância. ...do modo como o coordenador também vê o mundo. Tem coordenadores que... querem influenciar todo o processo. Tem outros coordenadores que são mais tranquilos quanto a essa situação. Quando a gente está muito travado, muito mecânico, a gente não consegue explorar muito as situações (PEDRO, entrevista concedida em 2020).

Na transcrição acima Pedro fala sobre liberdade para trabalhar. Considera que isso ocorre, porém, em certo ponto. Por outro lado, pondera, dizendo que isso depende de cada instituição. Podemos comentar aqui sobre o relato de Joana, tratando desse mesmo assunto. Algumas dessas situações, observadas nos relatos de Pedro, puderam ser notadas também nos comentários da professora. Segundo ela, algumas instituições permitem que você traga, o que ela definiu como o “teu eu”, para a sala de aula. Outras, ao contrário, estão engessando o trabalho do professor. Questões como organização do plano de ensino, regras a seguir, metodologia, se o ensino é presencial ou a distância, influência do coordenador em todo o processo, e até mesmo a forma como o coordenador vê o mundo, são elementos que Pedro acredita, contribuem para influenciar a liberdade e subjetividade do professor. Outra situação da qual nosso personagem queixou-se, foi em relação ao fato de seu trabalho ocorrer de forma “travada” e muito “mecânica”. A esse respeito, Joana também relatou igual situação, quando mencionou que algumas instituições estão “engessando” o trabalho do professor.

Pedro e Joana nos permitiram conhecer o que pensam sobre subjetividade e trabalho docente. A consciência desses personagens, de que suas subjetividades estão presentes nos trabalhos diários, é algo que ficou perceptível em seus relatos. Eles acreditam nessa subjetividade como fator influenciador de suas rotinas. Acreditam também que a autonomia a ela associada, tem sido restringida. O que influencia sobremaneira na subjetividade docente.

3.4.4 Percepções do presente e um olhar para o futuro

O olhar para o futuro, considerando as mudanças que já estão ocorrendo, o quanto e como elas continuarão a impactar na vida do professor, foi um outro aspecto relatado por Pedro. Segundo ele, o trabalho do professor tem sido “[...] cada vez mais negligenciado, subestimado, desvalorizado. Eu vejo... que há uma cobrança por resultados..., e o professor pra poder sobreviver tem que se embutir de aulas, ...com uma carga bem grande de aula” (PEDRO, 2020). A partir desse fragmento identificamos que a preocupação do professor Pedro sobre o futuro, traz implícitas outras preocupações. A primeira delas está relacionada à desvalorização pela qual o professor tem passado, e que em meio à essa dinâmica, fica sujeito a cobranças por resultados. Vemos também sua inquietação em relação ao próprio sustento, uma vez que, para dar conta das necessidades financeiras, o professor precisa ocupar o seu tempo com o número máximo de aulas possíveis. Muitas vezes, os ganhos recebidos são insuficientes para sustentar uma família. E completou dizendo que, “[...] na época que eu era sozinho..., era bem tranquilo. A partir do momento que... eu já sou casado, ...em que eu banco cem por cento das situações,

fica mais difícil você sobreviver” (PEDRO, 2020). Assim, para complementar sua renda, Pedro disse que precisa buscar por “outras situações”, ou seja, outras formas de sustento. Para ele, essa situação do professor em relação ao sustento, o prejudica, pois “nem sempre dá para ele se capacitar, dá pra ele planejar uma aula com tranquilidade” (PEDRO, 2020). Logo, a necessidade de ocupar todo o tempo possível para suprir as necessidades financeiras, acaba impossibilitando o professor de se dedicar melhor ao trabalho, através da capacitação e preparação de suas aulas.

Nesse último momento da fala, Pedro queixou-se bastante sobre a desvalorização do professor, e tem percebido isso por parte das instituições de ensino, e por parte dos próprios alunos. Em relação aos alunos, ele quis dizer no sentido de “[...] não valorizarem muito, de quererem as coisas mastigadas” (PEDRO, 2020). Sobre isso, ressaltou que existem dois lados. O primeiro deles diz respeito à própria adaptação do professor a esse novo contexto, aos quais ele concordou, dizendo que há essa necessidade de adaptação. Por outro lado, disse que não vê “[...] uma cobrança por parte do aluno, pra ele poder se dedicar. O professor tem que resolver todos os problemas” (PEDRO, 2020). Pedro acredita que isso seja algo muito ruim, pois contribui para que o aluno não desenvolva sua autonomia. Nesse momento ele lembrou de seus tempos de graduação e mestrado, em que ele se via na obrigação de correr atrás dos materiais para leitura. Portanto, essa autonomia foi algo que ele teve de aprender.

Em sua narrativa Pedro comentou sobre as cobranças que o professor tem recebido, principalmente em relação às mudanças que vêm ocorrendo no ensino superior, as quais esse profissional precisa se adaptar. Em seu comentário, disse: “eu vejo o professor tendo sim, de se reinventar, fazer novas coisas e isso é bacana. Mas, por outro lado, o professor... fica cada vez mais fragilizado nesse sentido. Eu vejo assim, grandes desafios para o docente, eu vejo algumas pessoas já desanimadas²⁷ da carreira docente” (PEDRO, 2020). Entre as cobranças que tem recebido, Pedro citou a produção de diferentes recursos didáticos que tem de realizar. Para ele, este é um ponto de preocupação, pois acredita que muitas vezes todo esse esforço não traga resultados efetivos, de formação do aluno. Ainda, pode ocorrer de o desenvolvimento da autonomia do aluno ficar em segundo plano, pois o que tem percebido, é o predomínio de um ensino superior voltado mais para a prática. Concluiu dizendo que em muitos casos o aluno é apresentado diante de uma situação-problema, na qual ele acaba tendo de resolver por meio de sua “intuição”, já que tem certa carência no que diz respeito ao embasamento teórico. Segundo

²⁷ Pessoas desanimadas com o trabalho e a carreira docente, foi o que Joana também mencionou ter visto em sua trajetória.

Pedro, nesse momento aquele aluno que vai além, que se interessa em assimilar o máximo de conteúdo, consegue se destacar mais.

Assim como nossa personagem Joana, Pedro demonstrou estar ciente desse processo de mudanças. Inclusive, concorda com alguns aspectos, como a questão da necessidade de se adaptar. Por outro lado, acredita que em meio a isso, o professor é um indivíduo fragilizado e desvalorizado. Em sua visão sobre o contexto de mudanças, acredita que outros atores²⁸ também têm contribuído para que esse processo ocorra - como é o caso do próprio governo, representado pelo Ministério da educação.

Outro aspecto ressaltado por Pedro diz respeito ao investimento que um professor deve fazer na carreira. Segundo ele, esse investimento, entre outros aspectos, envolve a disponibilidade de tempo. Nesse sentido, Pedro acredita que há uma diferença de situações entre professores do ensino privado e professores do ensino público. Para ele, “quando o professor é do ensino público... ele tem uma dedicação maior, ele tem a possibilidade de, além de aprofundar nos estudos... de crescer um pouquinho. Porque, querendo ou não, tem a hora... de cumprir em sala de aula, e tem a hora que ele fica” (PEDRO, 2020). Pedro tocou neste ponto sobre tempo para a carreira, pois acredita que na iniciativa privada é mais difícil para o professor se dedicar para momentos, como a própria produção acadêmica ou o aprofundamento nos estudos. Em seu entendimento, a carreira pública consegue proporcionar isso ao professor. Dos tempos de coordenador, em que coordenava e dava aulas, Pedro alega que não sobrava tempo para quase nada: “[...] eu não tinha tempo para fazer absolutamente nada. Eu não conseguia atender aluno, eu não conseguia dar minhas aulas direito. Foi uma época que eu não produzi nenhum artigo, eu não fiz nem um curso de atualização, nem nada” (PEDRO, 2020). Nosso personagem já fez referência à essa situação quando disse que, para sobreviver financeiramente, o professor acaba sobrecarregando o seu tempo para o trabalho. Pedro concluiu sua fala dizendo que sua satisfação em dar aulas no ensino privado é, de certa forma, parcial. Para ele, existem situações favoráveis ao professor. Porém, alguns aspectos, entre eles a valorização do trabalho, são insuficientes. Como exemplo, mencionou que está faltando as instituições remunerarem o professor, considerando a “quantidade de esforço que um professor tem pra montar uma aula” (PEDRO, 2020).

Apesar dos relatos de nosso personagem acerca de sua condição no momento, ou seja, sua queixa quanto ao fato de se sentir desvalorizado na profissão e as cobranças recebidas, ele

²⁸ Outros atores: Pedro citou o governo, como um outro ator participante nesse processo de mudanças no ensino superior. No entanto, não detalhou de que forma isso vem ocorrendo.

demonstrou interesse em continuar na carreira docente. A intenção de ingressar em um doutorado, por exemplo, foi algo que ele mencionou durante a entrevista. Porém, alguns aspectos, segundo ele, inviabilizam colocar isso em prática no momento.

Eu até já pensei em fazer doutorado. Vai completar oito anos que eu terminei o mestrado. Eu pretendia... demorar no máximo dois anos pra iniciar o doutorado. E aí você acaba entrando na carreira da iniciativa privada, e fui misturando coordenação... e eu acabei deixando. Acredito que se eu for optar pela carreira docente... em algum momento eu vou ter que partir para o doutorado. Mas eu compreendo que hoje... estão... cortando muito dos incentivos. Então, hoje tá mais difícil... você conseguir um espaço pra você adquirir uma bolsa. Infelizmente acabam sendo muitas políticas de governo e não de Estado. Então, em um ano "x" vai tá bom, no ano "y" não vai tá. Então você acaba tendo essa dificuldade. Como eu ainda... não tenho uma reserva financeira suficiente pra fazer um doutorado, ...eu tenho buscado muitas formações profissionais (PEDRO, entrevista concedida em 2020).

Pelo visto, continuar na carreira docente é a vontade de Pedro. Segundo ele, isso exige investimento, como por exemplo, cursar um doutorado. Mas como disse, algumas situações impossibilitam a realização desse projeto no momento. Entre essas situações está a questão financeira, já que não dispõe de recursos para ingressar em uma instituição privada. Assim, acaba deixando o sonho para outro momento. O aspecto financeiro está praticamente todo ele relacionado à sua condição atual. Hoje Pedro é um homem casado, com os compromissos que uma família requer. No entanto, segundo ele, em seus tempos de solteiro pensar esse projeto do doutorado seria algo mais fácil, já que os compromissos eram menos. Outra possibilidade que poderia ajudá-lo a colocar o seu projeto em prática, seria uma bolsa de estudos. Porém, na visão de Pedro esse recurso anda escasso, uma vez que a oferta de bolsas depende de políticas governamentais. Diante desse cenário apresentado, Pedro concluiu dizendo que por enquanto segue realizando cursos vinculados a sua formação.

Este foi o último capítulo desta dissertação, no qual procuramos mais uma vez dar voz a esses dois personagens, Joana e Pedro. O capítulo 2 também teve esse objetivo, no entanto nele, os personagens contaram um pouco de suas histórias, desde o início de suas trajetórias nos estudos até o ingresso na universidade. Já neste capítulo, os dois professores narraram um pouco sobre suas percepções em relação a trabalho e carreira, no campo privado do ensino superior maringense. Esses momentos dos relatos, indicaram como se deram as trajetórias dos dois personagens, desde o início na carreira e as primeiras impressões sobre essa área profissional, até suas percepções sobre as questões tratadas no texto. Indicaram também, trajetórias dedicadas aos estudos e a formação, tendo em vista a preparação para tornarem-se professores. Esse é um aspecto importante desses relatos, a construção da carreira docente desses dois atores sociais, em meio a um contexto atual vivido por eles. Nesse sentido, a partir dos relatos apresentados, buscamos colher impressões acerca de temas como, o ensino a distância,

flexibilização do trabalho docente, e a subjetividade desse profissional nesse campo de trabalho. Nas considerações finais, então, buscaremos concluir nossa reflexão a respeito dos objetivos que nos propomos em nossa abordagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O debate proposto neste trabalho apresentou questões que perpassam o campo educacional, influenciando sobremaneira o papel da instituição de ensino, no que refere à sua importância na formação humana e na oferta de soluções para os problemas da sociedade. Como defendem alguns autores, há um movimento em nível global, o qual propõe uma reordenação nesse campo, envolvendo temas como a privatização de sistemas educacionais, por meio da expansão da educação superior. E ainda, da inserção nas instituições públicas, de tendências cada vez mais mercantis, no processo de gestão dessas instituições e no trabalho docente.

Esses pontos levantados, e cujos aspectos foram tratados no percurso desta dissertação, foram fundamentais para se conhecer o contexto da educação superior no momento. Os desdobramentos nesse campo mobilizam questões que envolvem a educação superior de uma forma geral, mas principalmente, um debate entorno da condição do professor do ensino superior privado. Temas como a flexibilização do trabalho; subjetividade docente; e educação a distância, foram centrais na discussão. O que deriva dessas questões, aponta para um cenário de pressão e de transformação do trabalho docente no ensino superior. A partir desse contexto, algumas questões emergiram, norteando assim os trabalhos investigativos desta pesquisa. Assim sendo, buscamos conhecer as percepções do professor do ensino superior privado maringense, acerca de seu trabalho e carreira nesse meio, considerando os temas já apontados neste parágrafo. O debate teórico em si, contribuiu significativamente para uma visão prévia do contexto educacional e da condição docente. Mas, foi através dos relatos dos dois personagens, mediado pelo método Histórias de vida, que essa visão foi potencializada.

Importante lembrarmos que a parte dessa pesquisa, no que diz respeito ao momento de acesso ao campo para coleta dos dados, ocorreu no ano de 2020. Esse foi o período em que o Brasil iniciou o mês de março em meio à Pandemia de COVID-19, e que se estendeu até o fim do mesmo ano, avançando para o ano seguinte. Esse foi um acontecimento que se deu em nível global. Até o ano de conclusão deste trabalho (2021), o país ainda passava por momentos difíceis no controle e tentativa de evitar o contágio e disseminação do vírus entre a população. Diversas áreas da sociedade foram afetadas, e a palavra de ordem era “distanciamento social”. Nesse sentido, nossa avaliação é de que, as falas de nossos interlocutores foram, de certa forma,

afetadas, o que acabou implicando nos quadros analisados no momento de pós coleta dos dados. Diante das restrições impostas, em relação às interações presenciais, os encontros subsequentes ao primeiro momento de entrevistas, que estavam previstos para ocorrer, tiveram que passar por uma adaptação. Desta forma, recursos tecnológicos foram utilizados para viabilizar o processo de interação, a assim finalizarmos a coleta dos relatos.

As percepções de mundo, no que refere ao contexto da educação, narrado neste texto, ocorreram tanto para Joana quanto para Pedro. Durante as narrativas desses personagens foi possível notar que eles possuem conhecimento da realidade educacional. O contexto é considerado por eles como desfavorável, estando o professor numa condição de desvalorização, e que algo precisa ser feito. A perspectiva docente mostra que o contexto atual indica uma forte preocupação das instituições de ensino com questões financeiras – o que para o docente, tem tornado sua condição profissional mais difícil, implicando em questões como a própria liberdade do professor para trabalhar, ficando ela, comprometida.

O debate sobre a Educação a distância sinalizou para mudanças significativas nas tarefas executadas pelo indivíduo-professor, o que confirma os pressupostos iniciais. A questão do desmembramento das tarefas docentes é um dos pontos centrais nas abordagens, principalmente no capítulo 1. A perspectiva docente sobre esse assunto indicou que, apesar desse fracionamento nas tarefas do professor possibilitar a dedicação à outras funções, ela distancia esse mesmo professor do processo de ensino como um todo. Ou seja, a partir do momento em que o professor não corrige uma prova, ele perde de vista os resultados de seus esforços no ensinar. Esse modelo de ensino foi indicado nos relatos como uma tendência, na qual, o docente que não se adaptar, corre o risco de ficar fora do mercado de trabalho. Tal tendência apontada nos relatos, sinaliza como imposição ao docente, contribuindo ainda mais para uma condição precarizada desse profissional.

A padronização dos processos de ensino foi outro ponto observado na perspectiva docente. Essa é uma questão vinculada ao crescimento da educação superior, principalmente, no modelo a distância. Uma palavra contida nos relatos dos personagens, e que retrata como isso é percebido pelo docente, é “engessamento” (dos processos de ensino). Essa expressão recorda sobre o aspecto da autonomia docente, que por sua vez, está vinculada à subjetividade do professor. A discussão sobre educação a distância pontuou também outro elemento importante, sendo ele, a perspectiva docente sobre sua identidade. Em meio à dinâmica das novas demandas por uso de tecnologias e formas de ensino, o professor precisa se “reinventar”, uma vez que sua metodologia necessita ser ajustada, para que ele possa dar aulas no ensino a distância. Além de um estilo diferente a ser adotado, de comportamento e forma de ministrar

suas aulas, a interação com o aluno fica distante, e passa a ocorrer em outro espaço - no virtual. Sobre identidade docente, vale ressaltar que essa era uma abordagem que, inicialmente, não havíamos pensado, enquanto questão norteadora deste trabalho. No entanto, ela surgiu a partir dos relatos dos personagens. Assim, comentá-la, mesmo que de forma breve, é importante pois ajuda na construção da perspectiva, e conclusão desta pesquisa.

De forma geral, as novas dinâmicas de trabalho no campo do ensino superior, têm distanciado docente e instituição de ensino, no tocante a vínculos de trabalho. Os modelos atuais têm se constituído, em boa parte, por meio de contratos temporários, nos quais o professor se apresenta como um prestador de serviços educacionais. A manutenção de um quadro próprio de docentes passa a ser mínima, e a demanda restante é suprida por professores contratados de forma temporária. Essa dinâmica está intimamente ligada a um dos principais eixos de debate neste trabalho – a flexibilização. O professor tem seu trabalho flexibilizado, no que diz respeito ao seu vínculo junto à instituição de ensino. Portanto, na perspectiva docente, além do professor não poder contar com o salário fixo, não terá certeza se irá ministrar a disciplina novamente no período seguinte. O que emerge desse modelo de relação, é uma preocupação com o aspecto financeiro, pois, muitas vezes o docente não consegue preencher por completo, sua carga horária de trabalho. Durante os relatos foi possível notar que, para compensar, de alguma forma essa lacuna financeira, o professor tem buscado outras alternativas de renda.

Por outro lado, esse mercado profissional tem sido acessado por perfis distintos de profissionais, o que acentua ainda mais a preocupação do indivíduo-professor. Há, portanto, aquele que ministra aulas, porém, não sendo essa a sua função principal, já que possui outro trabalho do qual provém a maior parte de seu sustento. E há, aquele que se dedica somente ao trabalho docente, sendo esse ofício, sua única fonte de renda. Esse cenário sugere um campo de disputas profissionais, no qual, o professor que se dedica somente a carreira docente, busca ocupar uma posição com certa estabilidade no trabalho, para desenvolver sua função. Essa disputa sinaliza para uma precarização do trabalho docente, uma vez que essa situação o limita no exercício de seu ofício, colocando-o numa condição de dificuldades no sustento, seu e de seus familiares. Esse quadro foi apontado por um dos personagens como algo que traz certo prejuízo ao meio acadêmico. Segundo ele, o tempo menor de dedicação de um docente, junto à uma instituição de ensino, é algo que compromete as contribuições desse docente para o meio acadêmico. Assim, o professor que dedicar mais tempo à instituição de ensino conseguirá contribuir mais, e melhor, para o meio acadêmico, e terá um maior engajamento.

Toda essa dinâmica envolvendo, digamos, os usos diversos do ofício docente, merece um maior aprofundamento em outra oportunidade. O que se infere a partir desse contexto, é

que não se pode cair no erro de imputar ao próprio professor a culpa pelas condições precárias que a ele são impostas, em decorrência das condições de possíveis disputas em seu campo de trabalho. Essa é uma discussão que vai além, e indica questões de ordem estrutural no campo de atuação docente, considerando o cenário atual da educação.

Antes de seguirmos para o próximo parágrafo, vale resgatar neste ponto sobre os dados comparativos do Censo, em relação aos totais de funções docentes na cidade maringaense. O aumento no número de professores nesse campo, entre os anos de 2009 e 2017, pode dizer bastante sobre as queixas dos dois personagens. O professor Pedro queixou-se dos perfis que atuam nesse campo de trabalho, pois muitos deles trabalham nessa área somente por “hobby”. Ao passo que Joana, reclamou da redução da carga horária de trabalho. Apesar do aumento no número de profissionais atuando nessa área, é possível observar que há também um número grande de instituições de ensino na cidade. O que se pode inferir a partir disso, é que, aqueles que não fazem da docência sua principal ou única atividade profissional, podem estar ocupando espaço daqueles, cuja dedicação, está voltada toda para a docência.

A condição do professor do ensino superior tem sido vista, por ele próprio, como precarizada. Não só em relação à sua prática de ensino e mudanças em seu modo de ser professor e de seu afastamento da interação com o aluno. Mas também, por conta de uma situação, que a ele impõe muitas vezes, uma condição financeira mínima para o sustento, já que sua carga horária nem sempre é totalmente preenchida. A desistência da carreira, muitas vezes, acaba sendo uma opção para alguns professores, mesmo com certo tempo na educação.

Entre os aspectos vinculados ao quadro acima, a insegurança no trabalho, por conta das constantes mudanças nas instituições, além da insegurança financeira, são algumas das questões que preocupam o docente nesse contexto. As demandas das instituições, frente às disputas no mercado educacional, impõem ao professor, mudanças em seus objetivos. Isso gera atritos em sua prática pedagógica cotidiana, uma vez que ele se vê em situações de abrir concessões para atender aos interesses institucionais, em detrimento aos objetivos pedagógicos. Esse é um cenário que retrata a condição do professor, e que sinaliza o comprometimento de sua autonomia, enquanto docente no exercício de seu ofício. Essa condição traz implicações ao docente, enquanto construtor de saberes, enquanto sujeito que é, sensível, intuitivo e criativo, a partir de sua própria história de vida, e do uso de sua subjetividade.

Através dos relatos foi possível constatar que a subjetividade está presente, assim como em outras áreas da vida, também no trabalho do professor. Para um dos personagens, a subjetividade docente representa, na maneira simples de dizer, “seu jeito de ensinar”. E ainda, em algumas instituições isso é possível de acontecer, pois há uma certa liberdade. Por outro

lado, em outras instituições isso não é tão possível. Essa percepção docente ajuda a ilustrar o que mencionamos logo acima, no parágrafo anterior. Na expressão “jeito de ensinar”, está implícito o construtor de saberes, com sua sensibilidade, sua criatividade e a sua subjetividade.

A discussão entorno da condição do professor do ensino superior, mostrou que há uma relação fortemente marcada com o processo de mercantilização da educação. Através de seus relatos de vida, os personagens permitiram-nos conhecer suas percepções acerca da condição docente nesse meio. O processo de padronização educacional, e de fracionamento das tarefas docentes (de maneira especial, no ensino a distância), demonstram, de forma geral, que há uma pressão sobre o trabalho docente, em detrimento ao exercício de sua subjetividade.

As histórias de vida de cada um desses personagens, são a intersecção com o social, como nos lembra Paulilo – ao examinarmos o “microcosmo”, é possível entrever o “macrocosmo”. Cada qual com sua trajetória, com suas histórias particulares, retratam uma condição social comum a muitos professores, a muitas “Joanas” e “Pedros”. Essas histórias mostram as trajetórias de professoras e professores, marcando cada momento trilhado, desde o início dos estudos, chegando à graduação, e na sequência o ingresso em cursos de pós-graduação. Permanecer nessa trilha requer investimento de tempo e dinheiro, como nos contou Pedro. O título de doutor, neste caso, constitui-se uma necessidade a realizar, um caminho a percorrer para se manter no mercado de trabalho. Mas, como as bolsas no momento estão escassas no país, pois dependem de políticas governamentais, a realização dessa etapa dependeria de recursos pessoais – algo que para muitos, não é possível.

A leitura sobre esse contexto nos mostra mais que trajetórias de vida, de construção e realização de um sonho profissional. Mostra as inquietações desses profissionais, sobre o momento presente, e inquietações quanto ao futuro. Essas histórias nos ensinam que a condição fragilizada e precarizada do professor, são um retrato da própria educação. Essa condição de submissão docente a um movimento maior de mudanças no campo educacional, mediada pela lógica capitalista, é também, a condição da educação frente a um desvio de seu papel principal, na formação humana, e na oferta de soluções para problemas sociais. No entanto, tal submissão não se dá de forma amistosa, sem luta e resistência. O fato desses dois personagens nos prestarem suas narrativas e perspectivas, mostrando suas histórias de vida, constitui-se uma forma de resistência. A fala da professora Joana, sugerindo que “algo precisa ser feito”, em relação aos efeitos sobre o trabalho docente, decorrentes de preocupações menos pedagógicas, por parte das instituições de ensino, apresenta-se como uma forma de resistir à condição atual do professor. Pedro também manifesta sua resistência a esse cenário, pois durante seus relatos deixou claro, como o trabalho docente tem sido “negligenciado”, “subestimado” e

“desvalorizado”. Ao mesmo tempo, ele revela as disputas que tem de enfrentar para se manter no mercado de trabalho. Sua crítica trata sobre os “usos” diversos do ofício docente, sendo muitas vezes para alguns uma fonte extra de ganho financeiro, e para outros, uma forma de status, ou mesmo de “hobby”. A resistência docente nesse meio é observada não só a partir das narrativas desses personagens, mas também, por meio de suas próprias vidas, da continuidade que eles têm dado aos seus sonhos. No momento, apesar de não conseguir realizar um doutorado por conta da oferta de bolsas, e mesmo, por sua situação financeira, Pedro segue mantendo-se atualizado, realizando cursos. Joana, por sua vez, também tem realizado diversos cursos, incluindo uma nova graduação, e voltando sua atenção para temas relacionados a área da educação.

O campo de estudos sobre a educação é amplo, e certamente não se esgota na área acadêmica. Acreditamos que este trabalho tenha contribuído de alguma forma, para compor uma base de pesquisas já produzidas, e disponíveis para consulta. A discussão realizada neste texto proporcionou um recorte mais local sobre o tema da educação. Como proposta original, buscou fazer isso de uma forma diferente, através de histórias de vida, procurando dar voz e vez ao professor, que é o personagem central no debate. Como dito, o campo de estudos é amplo e não se encerra, inclusive sinalizando para outras temáticas potenciais a serem estudadas, que emergiram durante esta pesquisa. Os dilemas da vida docente podem também ser observados a partir de outras perspectivas. A dimensão afetiva, por exemplo, presente nas falas dos interlocutores, e que faz parte da subjetividade docente, é um importante tema que foi suscitado no decorrer deste estudo, em momentos como o da qualificação – e que por sua vez, não foi possível de ser analisado sob a luz de uma sociologia das emoções nesse momento.

A questão da identidade docente é outro tema potencial a ser pesquisado, e que foi notado a partir das narrativas dos personagens. Esse movimento global de privatização da educação, o qual abordamos neste estudo, tem influenciado não somente o trabalho docente e sua carreira, mas suscita questões acerca do ser professor nesse contexto. Talvez este seja um momento importante para se pensar a identidade docente, assim como os impactos sobre ela, decorrentes desse contexto. Um possível questionamento que poderia partir desse tema, seria: como possíveis mudanças no perfil do professor, ou uma provável desconstrução de sua identidade, têm sido percebidas por esse profissional? Essa é uma importante questão que se pode buscar uma resposta. Por fim, sobre os possíveis desdobramentos de outros temas, a partir desta pesquisa, sinalizamos também para os dados do Censo da educação superior. Eles constituem uma importante fonte de pesquisa, de onde podem surgir várias direções para um maior aprofundamento. Fundamentais para este trabalho, eles possibilitaram um olhar sobre o

perfil docente, e sobre o próprio campo do ensino superior. Os dados podem ser utilizados para perspectivas locais, de outras regiões do país, trazendo a luz questões como as que foram tratadas aqui, e outras mais.

Concluimos este texto acreditando que esta pesquisa tratou de um tema importante, voltado ao campo da educação. Acreditamos também que ela tenha contribuído, por pouco que seja, na ampliação do debate entorno do tema. Se fossemos questionar sobre o valor dessas reflexões, e a importância de termos escutado as vozes desses professores, diríamos que a resposta está no fato de acreditarmos que o(a) professor(a) provavelmente seja a última fronteira de resistência à um movimento de mudanças significativas que vêm ocorrendo nesse campo. Assim, a voz que se sente negligenciada, subestimada, desvalorizada e espera que algo seja feito, é a voz que parte do interior desse campo, que deixa ver no microcosmo, o macrocosmo – sua vida e a vida do outro.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Giovanni. **Trabalho, subjetividade e capitalismo manipulatório – o novo metabolismo social do trabalho e a precarização do homem que trabalha**. *Revista Estudos do Trabalho*, Ano V, Número 8, Marília, UNESP, 2011. Disponível em: <<http://www.estudosdotrabaho.org>. Acesso em: 25 abr. 2020.
- ANTUNES, Ricardo; Praun, Luci. **A sociedade dos adoecimentos no trabalho**. *Serv. Soc. Soc. São Paulo*, n. 123, p. 407-427, setembro de 2015. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-66282015000300407&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 jun. 2020.
- BALL, Stephen J. Performatividade, privatização e o pós-Estado do Bem-Estar. *Educ. Soc. Campinas*, v. 25, n. 89, p. 1105-1126, Dez. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302004000400002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 07 Dez. 2019.
- BALL, S. J. et al. **A constituição da subjetividade docente no Brasil: um contexto global**. *Revista Educação em Questão*, v. 46, n. 32, 15 ago. 2013.
- BELLONI, Maria Luiza. **Educação a distância**. 4 ed. Campinas: Autores Associados, 2003.
- BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. **O Novo espírito do Capitalismo**. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2009.
- BRAGA, Ruy; MARQUES, Joana. Trabalho, globalização e contramovimentos: dinâmicas da ação coletiva do precariado artístico no Brasil e em Portugal. *Sociologias*, Porto Alegre, v. 19, n. 45, p. 52-80, ago. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222017000200052&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 06 mar. 2020.
- BRASIL. Portaria nº 21, de 21 de dezembro de 2017. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Ministério da Educação, Brasília, DF, 22 dez. 2017. Seção 1, p. 18, 19 e 31.
- BUENO, Belmira Oliveira. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. *Educ. Pesqui.*, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 11-30, Jun. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022002000100002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 mar. 2020.
- BUENO, Zuleika de Paula; CARNIEL, Fagner. Recursos livres, livros fechados: uma análise da dimensão interativa dos objetos educacionais digitais no ensino de Sociologia. *Política & Sociedade*, v. 14, n. 31, p. 132-154, 2015.
- ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro, Zahar 1994.
- GARCIA, Ramiro G. **O contrato por processo seletivo simplificado como um meio de desprofissionalização docente? Um estudo no Paraná (2016-2017)**. 2018. 130 f. Tese (Doutorado em sociologia) – Setor de ciências humanas, Universidade federal do Paraná, Curitiba, 2018.
- HARVEY, David. **Condição Pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Loyola, 1992.

HARVEY, David. **17 contradições e o fim do capitalismo**. São Paulo: Boitempo, 2016.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Estatísticas Censo da Educação Superior. Brasília: Inep, 2017. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/aceso-a-informacao/dados-abertos/inep-data/estatisticas-censo-da-educacao-superior>. Acesso em: 28/02/2021.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Sinopse Estatística da Educação Superior 2017. Brasília: Inep, 2018. Disponível em: <http://inep.gov.br/sinopses-estatisticas-da-educacao-superior>. Acesso em: 12/03/2020.

LIMA, Liliana Aparecida. **Os impactos das condições de trabalho sobre a subjetividade do professor de ensino superior privado de campinas**. 2012. 146 f. Tese (Doutorado em educação) -Faculdade de educação, Universidade estadual de Campinas, Campinas, 2012.

MANCEBO, Deise. Trabalho docente na educação superior brasileira: mercantilização das relações e heteronomia acadêmica. **Rev. Port. de Educação**, Braga, v. 23, n. 2, p. 73-91, 2010. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0871-91872010000200004&lng=pt&nrm=iso. acessos em 07 mar. 2020.

MANCEBO, Deise.; et al. **Políticas de expansão da educação superior no Brasil 1995-2010**. Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro, v. 20, n. 60, p. 31-50, mar. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782015000100031&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 10 mar. 2020.

MANCEBO, Deise; SILVA JUNIOR, João dos Reis; SCHUGURENSKY, Daniel. **A educação superior no Brasil diante da mundialização do capital**. Educ. rev., Belo Horizonte, v. 32, n. 4, p. 205-225, dez. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982016000400205&lng=en&nrm=iso. Acesso em 18 abr. 2020.

MARTINS, Carlos Benedito. **A Reforma Universitária de 1968 e a abertura para o Ensino Superior privado no Brasil**. 2009. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 13/11/2019.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

NUNES, Claudio Pinto; OLIVEIRA, Dalila Andrade. **Trabalho, carreira, desenvolvimento docente e mudança na prática educativa**. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 43, n. 1, p. 66-80, mar. 2017. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022017000100066&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 27 dez. 2019.

PAULILO, Maria A. S. **A pesquisa qualitativa e a história de vida**. SERV. Soc. Rev., Londrina, V. 2, N. 2, P.135-148, Jul./dez. 1999. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/ssrevista/n1v2.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2020.

SAMPAIO, Helena. **O setor privado de ensino superior no Brasil: continuidades e transformações**. 2011. Disponível em: <https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/artigos/o-setor-privado-de-ensino-superior-no-brasil-continuidades-e-transformacoes>. Acesso em: 17 nov. 2019.

SCHULTZ, T. O Capital Humano: **Investimentos em Educação e Pesquisa**. Zahar: RJ, 1971.

SENNETT, Richard. **A Cultura do novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SILVA, Gladiana C. de Silva; FERNANDES, Grazielle Pankow; PANNUTI, Maisa Pereira. A relação entre a subjetividade do professor e a prática docente. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, SUBJETIVIDADE E EDUCAÇÃO, 4., 2017, Curitiba. **Anais...** Curitiba: PUC, 2017. p. 23992-24001.

THOMPSON, P. **A voz do passado – História Oral**. 2. edição. São Paulo: Paz e Terra, 1998.